

MARIA MIQUELINA BARRA ROCHA

O MODO SUBJUNTIVO EM PORTUGUÊS

- UM ESTUDO CONTRASTIVO COM O ITALIANO

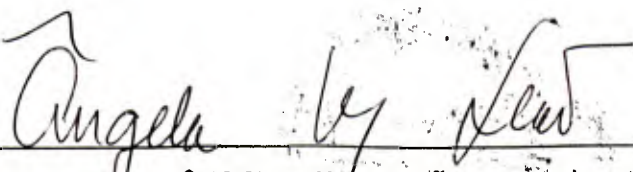
Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Letras - Língua Portuguesa, elaborada sob a orientação da Profa. Dra. Ângela Vaz Leão.

Belo Horizonte

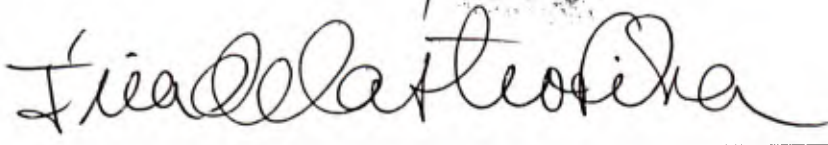
Faculdade de Letras da UFMG

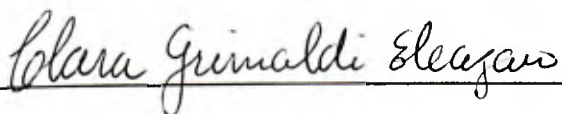
1992

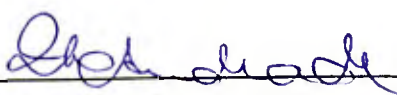
Dissertação aprovada pela banca examinadora, constituída pelos seguintes professores:



Profa. Dra. ÂNGELA VAZ LEÃO - Orientadora







Profa. Dra. VERA LÚCIA ANDRADE
Coordenadora do Curso de Pós-Graduação
em Letras - FALE/UFMG

Faculdade de Letras da UFMG

Belo Horizonte, de de 1992

*Louvado seja Deus, que põe Sua mão
onde a nossa não alcança.*

Dedico este trabalho a

meus pais, Demetrio e Francesca,

meu marido, Geraldo,

meus filhos, Daniela, Geraldo,
Alberto e Cinthia.

Agradeço especialmente,

à Profa. Dra. Ângela Vaz Leão, mestra exemplar e amiga dedicada, pela orientação segura e estímulo constante.

Agradeço, ainda,

ao Prof. Dr. Mário Alberto Perini, pelas valiosas diretrizes que acabaram definindo as linhas deste trabalho;

à Profa. Lúcia Fulgêncio Henriques, pelo apoio, incentivo, amizade, alegria e toda sorte de ajuda;

à Profa. Marlene Machado Zica Vianna, pela revisão da tradução portuguesa;

à Profa. Maria Eneida Victor Farias e Profa. Patrizia G.E. Collina Bastianetto, pela revisão da tradução italiana;

à Profa. Beatriz Vaz Leão, pela tradução do Resumo em francês;

aos professores do Curso de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, pelos ensinamentos ministrados;

aos professores do Departamento, pelas inúmeras colaborações;

a meus alunos dos cursos de italiano, por tantas reflexões partilhadas;

a Alda Lopes Durães Ribeiro, pelos trabalhos de digitação e impressão;

a todos aqueles que, direta ou indiretamente, colaboraram para que este trabalho se efetivasse.

Agradeço especialmente,

à Profa. Dra. Ângela Vaz Leão, mestra exemplar e amiga dedicada, pela orientação segura e estímulo constante.

Agradeço, ainda,

ao Prof. Dr. Mário Alberto Perini, pelas valiosas diretrizes que acabaram definindo as linhas deste trabalho;

à Profa. Lúcia Fulgêncio Henriques, pelo apoio, incentivo, amizade, alegria e toda sorte de ajuda;

à Profa. Marlene Machado Zica Vianna, pela revisão da tradução portuguesa;

à Profa. Maria Eneida Victor Farias e Profa. Patrizia G.E. Collina Bastianetto, pela revisão da tradução italiana;

à Profa. Beatriz Vaz Leão, pela tradução do Resumo em francês;

aos professores do Curso de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, pelos ensinamentos ministrados;

aos professores do Departamento, pelas inúmeras colaborações;

a meus alunos dos cursos de italiano, por tantas reflexões partilhadas;

a Alda Lopes Durães Ribeiro, pelos trabalhos de digitação e impressão;

a todos aqueles que, direta ou indiretamente, colaboraram para que este trabalho se efetivasse.

SINOPSE

Com este trabalho, a autora se propõe, antes de tudo, estudar o uso escrito do modo subjuntivo na língua portuguesa e, em segundo lugar, realizar uma análise contrastiva com a língua italiana. Serviu-se, para tal fim, de um "corpus" bilíngüe, constituído por todas as frases em que é utilizado o modo subjuntivo, retiradas do romance *Anarquistas, Graças a Deus*, de Zélia Gattai, e do manual para a quinta série da escola elementar italiana *Codice '80*, composto por textos de vários autores sobre as diferentes disciplinas do programa. Completou-se o "corpus" com as traduções das frases levantadas, feitas pela autora do trabalho e revistas por falantes das duas línguas.

Para a análise, o "corpus" inicial foi depois reduzido, conservando somente aquelas frases que apresentavam dissimetria nas duas línguas com respeito ao uso do modo subjuntivo.

O critério utilizado para a análise foi o de salientar os "condicionadores" do subjuntivo, que a autora classificou em lingüísticos (morfo-sintáticos, lexicais, semânticos e sintáticos) e extra-lingüísticos (subjativos).

A descrição dos fatos lingüísticos levou em conta o estudo teórico prévio sobre o uso dos tempos e dos aspectos do modo subjuntivo em cada uma das duas línguas.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	9
1.1 - Justificativa do tema	10
1.2 - Objetivos	12
1.3 - Opção pela língua escrita	13
1.4 - Constituição do "corpus"	16
1.5 - Métodos e procedimentos	19
2 - O MODO SUBJUNTIVO NA LÍNGUA ESCRITA	22
2.1 - O subjuntivo na língua portuguesa: revisão seletiva da bibliografia	23
2.2 - O subjuntivo na língua italiana: revisão seletiva da bibliografia	43
2.3 - As modalidades e o modo subjuntivo	55
2.4 - Os tempos do modo subjuntivo	79
2.5 - A manifestação de aspecto no modo subjuntivo ..	89
3 - ANÁLISE CONTRASTIVA DO "CORPUS"	97
3.1 - Metodologia da análise e da apresentação dos resultados	98
3.2 - Condicionadores morfo-sintáticos	102
3.2.1 - Conjunções concessivas	102
3.2.1.1 - mesmo que	102
3.2.1.2 - embora	103
3.2.1.3 - ainda que	103
3.2.2 - Conjunções condicionais	105
3.2.2.1 - se	105
3.2.3 - Conjunções temporais	111
3.2.3.1 - antes que	111
3.2.3.2 - quando	113
3.2.3.3 - enquanto	116
3.3 - Condicionadores lexicais	119
3.3.1 - verbos	119
3.3.1.1 - dizer	119
3.3.1.2 - recomendar	122
3.3.1.3 - pensar	123
3.3.1.4 - "accadere"	130
3.3.1.5 - "credere"	133
3.3.1.6 - "sembrare"	135
3.3.1.7 - "paventare"	137
3.3.2 - Advérbios	141
3.3.2.1 - talvez	141
3.3.2.2 - "quasi"	145
3.4 - Condicionadores semânticos	146

3.5 - Condicionadores subjetivos	151
3.5.1 - Pronomes relativos	151
3.5.1.1 - que	151
3.5.1.2 - quem	157
3.5.1.3 - "il quale"	159
3.5.2 - Pronome relativo, forma sintética	162
3.5.2.1 - quantos	162
3.5.3 - Verbo	165
3.5.3.1 - "dire"	165
3.5.4 - Conjunções	168
3.5.4.1 - "come"	168
3.5.5 - Expressões impessoais	170
3.5.5.1 - não faz mal que	170
3.6 - Condicionadores sintáticos (apenas no italiano)	171
3.6.1 - Orações comparativas de superioridade	171
3.6.2 - Orações que completam o sentido do grau superlativo relativo	173
3.6.3 - Inversão	174
4 - CONCLUSÃO	177
5 - BIBLIOGRAFIA	182

1 - INTRODUÇÃO

1 - INTRODUÇÃO

1.1 - JUSTIFICATIVA DO TEMA

A estruturação do pensamento humano em padrões frasais foi matéria que sempre me despertou um interesse especial, seja pelas propriedades lingüísticas de ordem, associação e concordância entre os vocábulos, seja pela possibilidade de o falante fazer-se presente no enunciado frasal.

Nesse, o verbo ocupa lugar de fundamental importância. Através dele veiculamos nada menos de seis noções gramaticais diferentes, a saber: pessoa, número, tempo, modo, voz e aspecto. Porém, em meio a tantas possibilidades oferecidas por essa classe de palavra, naturalmente teria que me limitar a alguma delas.

Decidi trabalhar com o modo verbal porque é principalmente através dele que o falante pode exprimir a sua versão do mundo, utilizando-se dos padrões frasais para colocar neles a sua marca individualizadora. De fato, é principalmente através do modo verbal que o falante deixa perceber a sua maneira de encarar o fato expresso pelo verbo.

Uma vez que decidi estudar o modo verbal, achei que seria interessante estudá-lo contrastando-o com os padrões correspondentes da língua italiana. Encontrando-me na situação de professora desta língua e defrontando-me freqüentemente com problemas quer ligados ao ensino, quer ligados à tradução, achei que seria proveitoso para meu próprio aprimoramento

profissional um estudo contrastivo entre as duas línguas: o português — área de concentração de meus estudos no curso de Mestrado e língua materna dos meus alunos — e o italiano — objeto do meu trabalho na UFMG. A complexidade e a extensão desse tema, entretanto, me levaram a restringir o trabalho ao estudo de um único modo: o subjuntivo.

Com efeito, estudando o modo verbal dentro da teoria geral da frase, observam-se pontos de semelhança e pontos de dessemelhança entre o uso do modo subjuntivo no português e no italiano — pontos aliás freqüentemente questionados quando se trabalha no nível didático e no nível da tradução.

Antes mesmo de qualquer pesquisa bibliográfica, pode-se perceber que essa categoria verbal determina diferentes construções frasais nas duas línguas. Seria interessante procurar seus pontos de contraste.

Consultei toda a bibliografia sobre subjuntivo a que tive acesso de imediato e verifiquei que havia insuficiência de trabalhos específicos tanto numa quanto noutra língua.

Tive oportunidade de observar os diversos casos passíveis de contraste, e pareceu-me que um estudo contrastivo entre o modo subjuntivo em português e em italiano poderia trazer uma contribuição, ainda que modesta, para o conhecimento do tema.

Desenvolverei, pois, em minha dissertação de Mestrado, um estudo contrastivo entre a língua portuguesa e a italiana, limitado ao uso do modo subjuntivo.

1.2 - OBJETIVOS

Os estudos contrastivos desenvolvidos na década de '70 visavam, basicamente, a dois objetivos: a postulação de universais lingüísticos e a aplicação pedagógica do estudo. Já a minha proposta de pesquisa não se prende nem a teorias que utilizam a análise contrastiva como base para a postulação dos universais lingüísticos nas duas línguas, nem tampouco à corrente que usa esse método de análise para fins pedagógicos e didáticos imediatos.

O meu objetivo é de natureza descritiva. Pretendo realizar um estudo contrastivo das formas e usos do subjuntivo das línguas portuguesa e italiana, em sua modalidade escrita, sem me preocupar com as aplicações que se possam fazer desse estudo e que poderiam ser objeto de outro trabalho.

Para alcançar o meu objetivo geral, pretendo desdobrá-lo em alguns objetivos particulares, cada um deles correspondente a uma etapa do trabalho.

Os meus objetivos parciais são os seguintes:

- LEVANTAR, de forma exaustiva as estruturas frasais portuguesas e italianas encontradas em obras das duas línguas e de diferentes níveis lingüísticos — um literário e outro didático-científico, formando um primeiro "corpus";

- TRADUZIR as estruturas levantadas, de uma das línguas para a outra, completando, assim, o primeiro "corpus";

- CONTRASTAR as estruturas frasais de subjuntivo, encontradas no *corpus* que houver sido formado, a partir das

frases levantadas e das respectivas traduções;

- ANALISAR apenas os contrastes estruturais entre formas e usos do subjuntivo nas duas línguas, deixando de lado as identidades estruturais;

- se necessário, isto é, na eventualidade de o *corpus* não fornecer exemplo de casos sabidamente contrastantes entre as duas línguas, EXEMPLIFICAR essas estruturas com exemplos meus, como falante que sou das duas línguas.

Os quatro primeiros objetivos exigem procedimento de natureza indutiva, enquanto o quinto se utiliza da dedução, a partir de regras que são do conhecimento geral.

1.3 - OPÇÃO PELA LÍNGUA ESCRITA

Após a leitura de várias obras que tratavam do tema escolhido, quer de gramáticos tradicionais da língua portuguesa e italiana, quer de lingüistas que se dedicaram ao estudo do modo verbal especificamente, acreditei que o tema poderia ainda ser explorado de maneira diversa. Não tão linearmente como é de praxe nas gramáticas descritivas ou pedagógicas, que dão uma visão de conjunto de todo o universo gramatical, mas centrando-me particularmente num único ponto e tentando aprofundar-me nele, como convém a uma dissertação de Mestrado.

As gramáticas dão ao modo subjuntivo o mesmo tratamento que a outro fato lingüístico qualquer. E assim deve ser, pois a função das gramáticas é mesmo a de dar uma visão de conjunto da

língua e não de aprofundar-se em determinados pontos, quaisquer que sejam eles. Os estudos lingüísticos específicos a que consegui ter acesso, por sua vez, ao contrário do que deles se poderia esperar, tratam o tema de maneira parcial e restrita. Creio, pois, que ainda resta muito a pesquisar.

Do ponto de vista metodológico, tanto as gramáticas quanto os estudos específicos que li ressentem-se de um procedimento que me parece ser de grande importância quando se estudam fatos gramaticais. Sabe-se que, em primeiro lugar, deve haver a observação dos fatos da língua, isto é, do seu uso, para somente depois vir a análise com vistas à descrição. A impressão que as gramáticas transmitem é a de um caminho inverso: os conceitos são primeiramente apresentados e logo a seguir vêm os exemplos respectivos, como a justificá-los. Ora, mesmo quando se opta pela descrição da língua escrita — como, aliás, é o meu caso — o ponto de partida deve ser sempre a observação dos fatos.

Para a observação do uso do modo subjuntivo na língua portuguesa em contraste com a italiana, fazia-se necessário formar um *corpus* escrito para cada língua. A partir de autores que tivessem usado espontaneamente o subjuntivo em seus textos, eu passaria a observar o ambiente formal em que se havia dado tal aparecimento. Só depois chegaria a conclusões a que me tivessem levado a observação e a análise das frases em que fora usado o modo subjuntivo. Acho importante que o pesquisador possa observar um fato gramatical sem que o falante (ou o escritor) saiba que o seu desempenho está sendo observado

naquele exato momento. E isso é possível na observação do texto escrito, embora todo escritor escreva para ser lido.

Esse procedimento me daria, pois, a vantagem de saber que estava lidando com fatos totalmente livres de qualquer condicionamento extra-lingüístico. No caso, o subjuntivo teria sido usado exatamente onde o falante tivesse tido necessidade dele. Isto é: onde somente o subjuntivo teria sido capaz de expressar o que o falante tinha querido dizer.

Dei preferência à análise da língua escrita, porquanto, dentro da realidade brasileira em que nos encontramos, seria utópico de minha parte querer observar usos de subjuntivo na língua falada italiana, uma vez que eu teria que me deslocar ao país respectivo, o que, no momento, seria pouco viável. Além do mais, se analisasse a língua oral, seria obrigada a considerar fatores sociais, regionais e pragmáticos, que fugiriam ao meu propósito de análise.

Outro motivo é que se sabe de antemão que, tanto no português coloquial quanto no italiano coloquial, a frequência do subjuntivo vem decrescendo em favor do indicativo. Eu deveria, então, formar um *corpus* que fosse expressão do padrão escrito geral, tanto num quanto noutro idioma. Ou mudar os objetivos da minha pesquisa, incluindo neles a verificação e a possível quantificação dessa frequência decrescente, na língua oral.

O padrão escrito geral me daria opções de observação e de análise dos fatos gramaticais que eu me propunha observar e analisar, sem as dificuldades apontadas acima. Exatamente pelo

caráter conservador e cuidado desse padrão escrito, o meu campo de observação seria propício aos objetivos do trabalho que me propunha.

1.4 - CONSTITUIÇÃO DO "CORPUS"

A escolha das obras com as quais eu viria a trabalhar, deveria dar-se a partir da leitura de vários textos amplos, a saber, volumes de livros em prosa que apresentassem a modalidade culta da língua portuguesa. Acreditava que textos em língua literária, científica e didática me forneceria exemplos que abarcaria os principais usos daquele modo. Após a leitura de algumas obras, que nem sempre se prestaram ao levantamento do uso do modo subjuntivo, decidi-me por aquelas que o faziam de maneira o mais diversificada possível. Isto é: escolhi aquelas obras em que o modo subjuntivo apresentava o seu uso mais amplo e variado.

A escolha não foi simples, pois, em algumas obras, os exemplos de certos empregos repetiam-se à exaustão, ao passo que outros empregos apresentavam lacunas consideráveis. Não se prestavam, portanto, ao exame que me havia proposto.

Eu deveria, ainda, dedicar-me à formação de um segundo *corpus*, em italiano, que contivesse também estruturas de subjuntivo. Para atender a meus objetivos, no meu entender, estas deveriam ter traduções editadas, se possível. Se não, eu mesma as traduziria, o que acabou ocorrendo.

Li várias obras italianas, escritas em linguagem científica — obras de Direito Penal, Engenharia, Física e outros — mas os exemplos repetiam-se monotonamente. Por isso as rejeitei. O que me pareceu ser um texto rico foi a obra *Letteratura Italiana: Lineamenti, Problemi, Autori* (CERRUTI et alii, G.D'Anna, nuova edizione ampliata, 1987), escrita por vários autores. Dessa obra encontrei também a tradução em português: *Literatura Italiana: Linhas, Problemas, Autores* (CERRUTI et alii, Nova Stella, 1989). Não pude contudo utilizá-la, pois se trata de tradução extremamente livre, ou melhor, de uma tradução do sentido, em que a comparação das estruturas frasais se torna impossível. Vi-me, pois, na necessidade, mais uma vez, de abandonar essa obra, após ter tido o trabalho de levantar exemplos de subjuntivo, numa amostragem de cem páginas do original italiano acrescida de outras cem da obra traduzida em que levantei, além da tradução das estruturas portuguesas que correspondiam ao uso do subjuntivo em italiano, também o contrário. Isto é: levantei as construções de uso do subjuntivo em português com as correspondências respectivas do italiano.

Infelizmente este material não se prestou ao objetivo que me havia proposto.

Para complementar os textos de linguagem didático--científica, num espectro amplo de áreas do conhecimento, utilizei o volume *CODICE'80* (ADORNI et alii, 3ª edição, Marietti, 1981), manual para a quinta série do ensino elementar italiano. Não existindo tradução para o português publicada, decidi-me traduzir, eu mesma, o material levantado.

Uma vez que tinha em mãos um *corpus* que representava a linguagem escrita, ainda que fosse somente exemplo de uma linguagem da área acadêmica, achei que encontraria um bom material de pesquisa num romance. Este deveria ser bastante atual, pois, assim, espelharia a linguagem da época contemporânea. Deveria, ainda, conter discursos diretos, ou diálogos, para que eu pudesse colher o uso do subjuntivo numa amplitude maior de exemplos. Eu teria acesso, por exemplo, ao uso do chamado "subjuntivo independente" presente, por exemplo, em diálogos, ou em monólogos.

Faltava-me, pois, um exemplo de obra literária para compor o quadro do uso do subjuntivo, na modalidade não somente culta, mas também artística. Nesse caso, preferi partir do português, e encontrei um bom material na obra de ZÉLIA GATTAI, *Anarquistas, Graças a Deus* (GATTAI, 13ª ed., Record, 1988), uma vez que levantei exemplos do uso do subjuntivo em orações independentes, caso que me faltava na outra obra. Não tendo podido obter a tempo a tradução italiana da obra de ZÉLIA GATTAI (*Anarchisti, Grazie a Dio*, Edizioni Frassinelli, Milano, Italia, 1983), resolvi fazer, eu mesma, as traduções necessárias.

Feitas as eliminações acima explicadas, o conjunto de obras que escolhi como fontes do meu *corpus* de uso do subjuntivo em português e italiano resumiu-se em: um manual didático multi-disciplinar em italiano, utilizado na íntegra; e um romance auto-biográfico em português também utilizado na íntegra. Em ambos os casos, a tradução foi minha.

O conjunto de exemplos do primeiro levantamento foi sensivelmente reduzido, uma vez que considerei, para a formação do *corpus*, somente aqueles casos que apresentavam contraste. Ou seja, casos em que havia sido usado o subjuntivo numa das duas línguas e cuja tradução apresentava uma outra estrutura gramatical.

Portanto, no desenvolvimento da pesquisa e na CONCLUSÃO deste trabalho apresentarei somente os contrastes observados. Seguindo um ponto comum das linhas mais modernas de técnicas de análise contrastiva lembro que, ao comentar somente as dessemelhanças entre as línguas — objeto do meu trabalho — fica implícito que os casos não comentados se identificam em ambas, no que diz respeito ao uso do subjuntivo.

1.5 - MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

Após a leitura atenta das obras supra-citadas, passei ao levantamento de todos os enunciados que apresentavam o modo subjuntivo, tanto no original italiano da obra didática quanto no original brasileiro do romance.

Os exemplos do primeiro texto, *Codice'80*, representam o uso do subjuntivo na totalidade da obra (319 páginas). Esse procedimento me pareceu enriquecedor para o meu trabalho, pois a obra abarca ensinamentos de ciências e geografia (pág. 3/98), história (pág. 99/182), linguagem (pág. 183/240), aritmética e geometria (pág. 241/302) e religião (pág. 303/320), o que me

deu oportunidade de pesquisar o uso do subjuntivo em níveis mais amplos de linguagem.

O levantamento dos exemplos foi feito em fichas: uma para cada frase em que foi usado o modo subjuntivo, registrando-se a situação do exemplo. Sob o exemplo (sempre frase completa), seguiu-se a sua tradução para o português ou para o italiano, conforme o caso.

A organização do material em fichas me facilitou a análise com vistas a uma posterior classificação dos fatos em conjuntos e sub-conjuntos. Como critério de classificação, adotei o princípio dos "condicionadores" do subjuntivo, isto é, verbos, adjetivos, conjunções, construções verbais, advérbios, pronomes, enfim qualquer vocábulo que tivesse induzido o falante a ter usado o subjuntivo. Os casos em que não havia um condicionador lingüístico que exigisse o subjuntivo constituiriam outra classe, de condicionamento diverso, subjetivo, para cujos casos fiz uma tentativa de explicação particularizada.

Os resultados da minha pesquisa seriam apresentados, julgava eu, conforme alguma das teorias da análise contrastiva utilizadas por um dos autores de que eu lera alguns trabalhos.

No entanto, o material coletado não se prestou a nenhuma das análises propostas por eles. Aliás, das inúmeras leituras que fiz, em busca de suporte teórico para a minha classificação (DI PIETRO, Robert J., *Estructuras Lingüísticas en Contraste*, 1986; JAMES, Carl, *Contrastive Analysis*, 1981; FISIAK, J., *An Introductory English-Polish Contrastive Grammar*,

1978 apud SCHMITZ, J.R., "Análise Contrastiva" in **Tópicos de Lingüística Aplicada: o ensino de línguas estrangeiras**, 1988; para só citar as principais), resultou, evidentemente, um crescimento dos meus conhecimentos lingüísticos, no que diz respeito às técnicas da análise contrastiva; não obstante, não pude encontrar nelas um quadro classificatório adequado ao tema que é objeto da minha dissertação.

Após o exame da metodologia desses autores que haviam utilizado técnicas com o objetivo de proceder à análise contrastiva entre duas línguas, na esperança de que uma dessas técnicas se adequasse aos casos de uso do modo subjuntivo nas línguas que eu observara, e sem encontrar em nenhuma delas uma que se prestasse aos meus propósitos, achei que o material coletado deveria ser analisado segundo os princípios que eu mesma havia observado e levantado em minha pesquisa: o princípio dos **condicionadores**.

2 - O MODO SUBJUNTIVO NA LÍNGUA ESCRITA

2 - O MODO SUBJUNTIVO NA LÍNGUA ESCRITA

2.1 - O SUBJUNTIVO NA LÍNGUA PORTUGUESA: revisão seletiva da bibliografia

Os estudos sobre o modo subjuntivo em Língua Portuguesa, de maneira geral, são raros e pouco profundos.

As gramáticas dão ao estudo enfoques generalizadores, sem distinguir os princípios que motivam o uso do modo subjuntivo explicitamente. De maneira geral, as idéias repetem-se de uma gramática para outra, sem que os autores se preocupem em buscar um critério coerente para descrever seu uso. Buscam exemplos em escritores de épocas históricas diversas, sem levar esse fato na devida consideração, esquecendo o caráter descritivo ou sincrônico da gramática.

Como se poderia esperar de estudos que são lineares por natureza, isto é, estudos que cobrem uma área ampla de fatos gramaticais da língua, as gramáticas não se detêm em nenhum fato lingüístico em particular, dando tratamento horizontal e pouco profundo a todos os temas ali tratados. No entanto, creio que alguns autores se destacaram e deram ao assunto que aqui está sendo focalizado diretrizes seguras. Dentre esses, mencionarei os que, segundo parecer geral, produziram boas gramáticas pedagógicas. Foram os que mais contribuíram para a realização deste trabalho.

CELSO CUNHA e LINDLEY CINTRA em sua *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (1985), oferecem exemplos retirados de

textos de escritores do século XIX e do XX, mas o tratamento dado ao estudo é — e nem poderia deixar de ser — o mesmo concedido a outro fato gramatical qualquer, isto é, esse fato lingüístico é tratado com a amplitude e a generalidade usuais numa gramática da língua. Os exemplos retirados dos diversos escritores encaixam-se nos conceitos ou na teoria expostos no início dos capítulos que dedicam ao fato em questão. Com relação ao foco desse estudo, ou seja, o modo subjuntivo, CUNHA e CINTRA o conceituam como se ele fosse a contra-parte do modo indicativo. Aliás, essa atitude repete-se em vários dos nossos gramáticos, como veremos mais adiante.

O principal princípio que norteia os autores é o princípio semântico. Dessa forma, o modo indicativo seria aquele modo verbal com que o falante apresentaria "o fato expresso pelo verbo como certo, real, seja no presente, seja no passado, seja no futuro". (CUNHA e CINTRA, 1985:453)

Os autores afirmam que, ao empregar o modo subjuntivo, seria completamente diversa a atitude do falante. A existência ou não de um fato seria encarada como uma "coisa incerta, duvidosa, eventual ou, mesmo, irreal". (id. ib.:453)

Ainda segundo os mesmos autores (p.456/7), o uso do subjuntivo pode ser determinado tanto por fatores semânticos quanto por fatores sintáticos. Entretanto, os fatores semânticos são, segundo os autores, os verdadeiros motivadores do modo em questão, uma vez que deles depende seu uso, ainda quando levam em conta fatores sintáticos. A título de exemplo, transcrevemos algumas passagens da Nova Gramática do Português

Contemporâneo (p.456/7).

"Usa-se geralmente o SUBJUNTIVO quando a ORAÇÃO PRINCIPAL exprime:

a) a **vontade** (nos matizes que vão do **comando** ao **desejo**) com referência ao fato de que se fala:

Não quero que ele me **julgue** sem pudor, uma mulher de prendas desoladas, nada tendo a defender. (N. Piñon, CC, 145)

(...)

b) um **sentimento**, ou uma **apreciação** que se emite com referência ao próprio fato em causa:

Pior será que nos **enxotem** daqui...(A. Peixoto, RC, 273)

(...)

c) a **dúvida** que se tem quanto à realidade do fato enunciado:

Receava que eu me **tornasse** ingrato, que o **tratasse** mal na velhice. (A. Abelaira, NC, 14)."

Além de explicitar o conteúdo semântico das orações substantivas acima transcritas, os autores contemplam também as orações adjetivas e adverbiais que requerem o uso do subjuntivo.

O subjuntivo seria usado nas orações adjetivas não por fatores sintáticos, mas, ainda, por fatores semânticos:

"O SUBJUNTIVO é de regra nas ORAÇÕES ADJETIVAS que exprimem:

a) um fim que se pretende alcançar, uma consequência:

(...)

- Portanto, quero coisa de igreja, coisa pia,

que dê gosto a um bom sacerdote como é padre Estevão. (A. Callado, MC, 99).

b) um fato improvável:

(...)

Gerson saiu rapidamente, e durante bastante tempo não houve quem o convencesse a voltar lá. (A. Bessa Luís, AM, 139).

(...)

c) uma hipótese, uma conjectura, uma simulação:

Então não havia um direito que lhe garantisse a sua casa? (J.L.do Rego, FM,159.)" (id.ib.: 457/8)

As orações adverbiais são consideradas pelos autores como aquelas em que o modo subjuntivo é exigido sobretudo por fatores morfo-sintáticos, ou seja, o seu uso é determinado pela presença de certas conjunções na oração subordinada:

"Nas ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS o SUBJUNTIVO, em geral, não tem valor próprio. É um instrumento sintático de emprego regulado por certas conjunções.

Em princípio, podemos dizer que o SUBJUNTIVO é de regra depois das conjunções:

a) CAUSAIS, que negam a idéia da causa (não porque, não que):

Não que não quisesse amar, mas amar menos, sem tanto sofrimento. (L. Fagundes Telles, DA, 107)

(...)

b) CONCESSIVAS (embora, ainda que, conquanto, posto que, mesmo que, se bem que, etc.):

O povo não gosta de assassinos, embora inveje os valentes. (C. Drummond de Andrade, CA,7)

c) FINAIS (para que, a fim de que, porque):

(...)

Rubião não entendeu; mas o sócio explicou-lhe

que era útil desligarem a sociedade, a fim de que ele sozinho liquidasse a casa. (Machado de Assis, OC, I, 670)

d) TEMPORAIS, que marcam a anterioridade (antes que, até que e semelhantes):

(...)

Deu para freqüentar, pela manhã, a rua Erê e fica a conversar com Emília até que eu me levante." (C. dos Anjos, DR, 183)

"Usa-se também o SUBJUNTIVO, em razão de ser o modo do eventual e do imaginário, nas:

a) ORAÇÕES COMPARATIVAS iniciadas pela hipotética como se:

As pernas tremiam-me como se todos os nervos me estivessem golpeados. (C. Castelo Branco, OS, I, 761)

(...)

b) ORAÇÕES CONDICIONAIS, em que a condição é irrealizável ou hipotética:

Se lhe tivessem dado ensino, encontraria meio de entendê-la. (G. Ramos, VS, 47.)

(...)

c) ORAÇÕES CONSECUTIVAS que exprimem 'simplesmente uma concepção, um fim a que se pretende ou pretenderia chegar, e não uma realidade' (Epifânio Dias):

- Que quer vomecê? — perguntou rudemente, de longe, interrompendo a marcha de modo que ela pudesse chegar até junto dele. (F. Namora, TJ, 70.)

(...)" (id. ib.:458/460)

EVANILDO BECHARA também norteia o estudo do uso do subjuntivo por critérios semânticos em sua *Moderna Gramática Portuguesa* (1969). Na conceituação, entretanto, o autor mistura

princípios morfológicos, sintáticos e semânticos. Considera como sendo do subjuntivo e não apenas derivadas dele, as formas de 3^{as}. pessoas e 1^a do plural do imperativo — formas que que prefiro considerar como propriamente de imperativo, resultantes de um processo de supletivismo gramatical:

"O modo subjuntivo ocorre normalmente nas orações independentes optativas, nas imperativas negativas e afirmativas (nestas últimas com exceção da 2a. pessoa do singular e plural), nas dubitativas com o advérbio talvez e nas subordinadas em que o fato é considerado como incerto, duvidoso, ou impossível de se realizar:

(1) Bons ventos o **levem**: (...)

(2) Espero que **estudes** e que **sejas** feliz. (...)

(3) É bom que **compreendas** logo o problema. (...)

(4) O cidadão que **ame** sua pátria engrandece-a. (conjectura) (...)

(5) "Talvez a estas horas **desejem** dizer-te **peccavi!** Talvez **chorem** com lágrimas de sangue" (A.Herculano, Monge de Cister, I, 58).

(6) Faltam-nos memórias e documentos coevos em que **possamos** estribar-nos para relatar tais documentos". (Id., História de Portugal, I, 451)

(7) "Por mais sagaz que **seja** o nosso amor próprio, a lisonja quase sempre o engana." (M. de Maricá)" (BECHARA, 1969:339/342).

Dos exemplos citados pelo autor, vemos que um mesmo fenômeno lingüístico, denominado modo subjuntivo, é determinado por fatores distintos: semântico, lexical, morfo--sintático ou subjetivo.

Segue-se um estudo detalhado de construções em que se

usa o subjuntivo, sempre norteado, porém, pelo princípio semântico.

ADRIANO DA GAMA KURY inclui um capítulo que prima pela concisão na obra **Para Falar e Escrever Melhor o Português** (1989). Em uma síntese de seis páginas, o autor foi capaz de resumir e apresentar o conceito, os usos e as características temporais desse modo verbal. Também ele se baseia em critérios semânticos para caracterizá-lo. O subjuntivo é apresentado como "O Modo da incerteza" — título do capítulo —, sendo usado para exprimir "um fato de realização incerta, apenas possível, eventual". É considerado como "o modo típico da oração subordinada, e ocorre nas orações dependentes de verbos que designam dúvida, descrença, possibilidade, desejo, esperança, súplica, receio, conselho e vários outros sentimentos análogos" (KURY, 1989:140/1).

KURY mostra, ainda, que o subjuntivo é um modo verbal tipicamente dependente, aparecendo sempre em orações subordinadas, mesmo que aparentemente figure em orações independentes. É o caso, por exemplo, de orações em que a marca da subordinação, a conjunção **que**, permanece nas construções como um resquício de oração dependente:

"Que os jovens namorem, que curtam a vida material; mas não **esqueçam** a vida intelectual." (id. ib.)

NAPOLEÃO MENDES DE ALMEIDA, (**Gramática Metódica da Língua Portuguesa**, 1967) apresenta matéria pertinente ao

assunto de nosso trabalho, destacando algumas peculiaridades desse modo verbal. Norteado também pelo princípio semântico, apresenta essas peculiaridades, sempre associadas às idéias de desejo, de dúvida, de indeterminação, que seriam caracterizadoras do modo subjuntivo.

ALMEIDA considera o subjuntivo como o modo verbal próprio das orações subordinadas, uma vez que "o verbo não tem sentido caso não venha **subordinado** a outro verbo, do qual dependerá para ser perfeitamente compreendido." (ALMEIDA, 1955:192)

No que diz respeito ao uso do subjuntivo em orações independentes, ALMEIDA, assim como observamos no estudo de BECHARA, mescla critérios lexicais, morfo-sintáticos e semânticos:

"O subjuntivo tem também a propriedade de indicar **desejo**; com tal função, o subjuntivo substitui a 1a. e a 3a. pessoa do imperativo: — **Possa** eu ser nomeado. — **Viva** o rei. — **Cumpramos** as ordens. — **Voltem** logo. — **Vivam** os cônjuges!" (id. ib:204)

O autor classifica como de "SUBJUNTIVO optativo" os exemplos acima transcritos. Classificação discutível, ao que parece baseada em critério totalmente subjetivo. Que indicação segura haveria de que se trata de expressões de desejo e não de ordem? O problema poderia se resolver se as frases fossem enunciadas oralmente, pois aí haveria o fator da entoação. SAID ALI, na *Gramática Secundária* faz menção à importância do tom de voz na enunciação do imperativo: "O imperativo denotador de

pedido, conselho, etc., é enunciado em tom de voz amena." (SAID ALI, GS, 1964:166) Essa observação pressupõe entoações diferentes, correspondentes a outros valores do imperativo — variações entoacionais que não são perceptíveis na língua escrita.

CLÁUDIO BRANDÃO na *Sintaxe Clássica Portuguesa* (1963) faz um minucioso estudo de construções em que aparecem os diversos tempos do modo subjuntivo.

Apresenta o conceito de modo verbal, caracterizando os modos como sendo "formas assumidas pelo verbo para indicarem certos estados de espírito em relação ao fato ou estado expressos por ele. Mostram a maneira sob a qual se apresenta à mente o enunciado verbal, isto é, se é concebido como real, como esperado, desejado, querido, ordenado, indeterminado." (BRANDÃO, 1963:382), donde depreendemos o enfoque totalmente subjetivo dado ao estudo.

A seguir, apresenta as características dos diversos modos verbais da Língua Portuguesa, dentre as quais nota-se a fluidez semântica do subjuntivo, uma vez que esse apresenta tanto características próprias, que o fazem inconfundível e único, quanto características comuns a outros modos verbais. Por "características comuns" o autor certamente entende as semelhanças semânticas com o indicativo e com o imperativo.

BRANDÃO cita exemplos de escritores clássicos que usaram o indicativo pelo subjuntivo com conjunções concessivas:

"...AINDA QUE a feiticeira e o demônio não PODIAM ressuscitar a Samuel..., não obsta que... obrasse Deus por si mesmo" (Vieira, Serm., 120, 255) in (BRANDÃO, op.cit.:419)

Segundo o autor, esse era um recurso de que se fazia uso quando se queria expressar a realidade do fato que se supunha ou se admitia. A observação é pertinente, considerando-se que a obra tem por objeto precisamente uma sintaxe clássica e, no caso, toma um exemplo do século XVII.

Quanto à identidade semântica entre subjuntivo e imperativo, observamos que o autor a considera tão marcante a ponto de fundir os dois modos numa categoria à parte denominada "subjuntivo imperativo":

"IV. O subjuntivo imperativo expressa ordem, mando, preceito e proibição. Substitui o imperativo nas 1as. e 3as. pessoas, e quando a frase for negativa, também nas 2as.: 'Não te envergonhes de dizer a verdade.' (Pereira de Figueiredo, Bíblia, 20 vol., 237, Eclesiástico, IV, 24).(Op. cit., p.397)

O estudo sobre o modo subjuntivo de BRANDÃO é bastante abrangente e pormenorizado, apresentando um elevado grau de profundidade e priorizando os numerosos aspectos semânticos, motivado seu uso, porém, pela subjetividade do falante. Pode-se, aliás, considerá-lo como um estudo limitado a moldes e padrões semânticos, o que levou o autor a numerosas classificações de uso do subjuntivo em orações independentes.

SAID ALI aborda o tema do modo subjuntivo, por ele

denominado "conjuntivo", em pelo menos duas de suas obras, a saber, a **Gramática Secundária da Língua Portuguesa** (1964) e a **Gramática Histórica da Língua Portuguesa** (1964).

Na **Gramática Secundária**, o autor apresenta os diversos modos verbais da língua portuguesa indicando os usos que se fazem do indicativo, do subjuntivo e do imperativo. Quanto ao indicativo e ao subjuntivo, são colocados em confronto como se fossem o oposto absoluto um do outro:

"O modo indicativo é usado nas orações principais expositivas e interrogativas e nas subordinadas em que se considera como real a existência ou não existência de um fato:

Sei que as crianças não **dormem**.

Eram estes os homens que **defendiam** o solo pátrio. (...)

O modo conjuntivo é próprio das orações principais optativas e das subordinadas em que se considera o fato como incerto e duvidoso:

Queira Deus que ele **venha** em meu auxílio!

Fossem todos como ele!

(...) (SAID ALI, GS: 1964, p.166)

Os exemplos dados pelo autor são retirados de escritores considerados clássicos da língua ou formulados por ele próprio.

SAID ALI apresenta alguns "casos particulares" que oferecem a possibilidade do uso do modo subjuntivo. Esse estudo é feito através de um confronto entre os dois modos verbais que são colocados em constante comparação. Também SAID ALI dá ênfase aos fatores semânticos que seriam a causa determinante

do uso do subjuntivo. Nesses contrastes semânticos predomina sempre a posição assumida por quem elabora os enunciados. Se o falante considera o fato como incerto e duvidoso, usará o subjuntivo. Se o considera certo e real, usará o indicativo. É nos "Casos Particulares" que o autor leva em consideração também os ambientes sintáticos que levariam o falante ao uso do subjuntivo. Assim, este seria preferido ao indicativo nas orações subordinadas que encerram interrogações indiretas se "importa tornar evidente a perplexidade, o esforço da indagação:

(...)

Qual a matéria seja não se enxerga (Camões)

Quem assim discorre não sabe que coisa seja religião, nem que religião seja esta (Vieira)." (SAID ALI,GS:1964, 167)

Essa perplexidade e esse esforço de indagação a que faz referência o autor, creio que só os percebam pessoas de elevada intuição lingüística. Aparentemente, o motivo que levou os autores dos exemplos supra-citados a usar o subjuntivo poderia muito bem ter sido somente a interrogação indireta. A evidência da perplexidade e o esforço da indagação me parece que ficam por conta da interpretação do gramático, pessoa de aguda percepção lingüística.

SAID ALI leva em conta, também, como fatores do uso do subjuntivo, verbos, "expressões impessoais", conjunções, substantivos, adjetivos, advérbios e pronomes.

A título de ilustração transcrevo alguns exemplos

mencionados por SAID ALI:

- verbo: "Receio que todos os esforços sejam inúteis."
- adjetivo: "Receoso de que morresse afogado."
- pronome: "Quem há que não faça o mesmo?"
- conjunção: "Que se apressem os que querem fazer a obra."
- expressões impessoais: "É justo que todos sejam contemplados. (GS, 1964:170)

O autor considera, também, a abertura dada pela língua ao seu usuário, no sentido de usar ora o indicativo ora o subjuntivo, conforme sejam suas intenções ao se expressar. Tal é o caso das orações consecutivas. Nessas, conforme diz o autor, "designa-se pelo indicativo o fato realmente consumado ou que se consumará com certeza, e pelo conjuntivo o fato que se visa conseguir:

Caiu de tal modo que **quebrou** o braço.

(...)

Procede de tal modo que não **dês** lugar à censura. (...)" (SAID ALI, GS:1964, p. 171)

"Sendo questão meramente subjetiva, isto de avivar ou desprezar a dúvida sobre algum fato, não é muito de estranhar que o escritor exprima o seu pensamento ora com o conjuntivo, ora com o indicativo:

Pera se **saber quem fosse** este gigante, em cujo poder Dom Duardos estava, diz a história que... (Francisco de Moraes, Palm. 1.10)

Pera se **saber quem era** este cavalleiro diz a história que... (ib... 1, 492)." (SAID ALI, GH:1964, p.326)

Como tive ocasião de observar, SAID ALI fez um estudo amplo e profundo sobre o modo subjuntivo. Acredito mesmo que seja o mais abrangente dos estudos gramaticais comentados até esse ponto, pois, ainda que não tenha sistematizado os elementos que exigem o modo subjuntivo, considerou-os todos.

Uma vez apresentados os trabalhos que tratam do modo subjuntivo de maneira geral e aos quais consegui ter acesso, creio ser pertinente apresentar algum comentário sobre os trabalhos específicos ou monográficos que me chegaram às mãos.

O trabalho de MILTON M. AZEVEDO, **O Subjuntivo em Português: um estudo transformacional** (1976) é um estudo que se utiliza principalmente da teoria apresentada por NOAM CHOMSKY em 1965 na obra **Aspects of the Theory of Syntax**. Com base na teoria transformacional, AZEVEDO faz considerações a respeito do modo subjuntivo na língua portuguesa. Não pretendeu ser exaustivo: propôs-se tratar somente de ocorrências em orações declarativas ou afirmativas, sendo seu objetivo "a caracterização formal das condições em que ocorrem as variações morfológicas que constituem o subjuntivo." (AZEVEDO, 1976:8)

É importante que se atente para a meta proposta, uma vez que AZEVEDO considera o subjuntivo apenas como uma "variação morfológica verbal automática, semanticamente vazia, que só ocorre em certos tipos de orações subordinadas, quando se preenchem determinadas condições independentes." (op. cit.: 10/11)

Tomando por base idéias apresentadas por BALLY (1932) e por RUWET (1968), AZEVEDO se propõe explicar o subjuntivo em

português recorrendo tão somente à teoria transformacio-nal, segundo a qual o subjuntivo seria introduzido transformacionalmente na estrutura frasal. Em apoio a essa teoria, AZEVEDO toma "como ponto de partida a hipótese de que o subjuntivo em português pode ser explicado sem que se tenha de recorrer a considerações semânticas." (op. cit.: 24) Sua proposta é a de explicar o subjuntivo não como um conjunto de formas contrapostas aos valores semânticos do indicativo, mas como formas usadas de maneira automática (dependendo do dialeto), conforme haja na frase certos elementos sintáticos que obriguem o falante a incluir em seu enunciado formas de subjuntivo. O tratamento dado ao tema do subjuntivo por AZEVEDO é, pois, bem diferente do que é dado pelas gramáticas tradicionais.

O autor se pergunta como uma gramática poderia incorporar a informação de que determinados verbos seriam indicadores de desejo, vontade, sentimento ou dúvida. Seria através de traços semânticos tais como [+volição], [+sentimento], [+dúvida]? Mas há verbos, diz o autor, que ora contêm tais traços, ora não, como por exemplo nesse par de frases:

"(9)a. Sinto que ela vá embora amanhã.

b. Sinto que ela vai embora amanhã." (op. cit.:28)

O autor comenta que em (9a) o verbo sentir seria caracterizado com o traço [+sentimento] enquanto que em (9b) teríamos o traço [-sentimento]. O que, segundo ele, não seria solução, pois "como quer que definamos o traço [sentimento], um

falante nativo poderia dizer que está presente, de alguma maneira, em ambos aqueles verbetes." (op.cit.:28)

Após essas considerações o autor passa ao exame de algumas gramáticas em que, a exemplo do que acabamos de transcrever, o autor contesta o enfoque semântico dado ao assunto. Parece-me, entretanto, que AZEVEDO, em certas passagens, muda apenas o rótulo de certos fenômenos. Consideremos, por exemplo, a passagem em que ele comenta, para discordar, a seguinte posição de BECHARA:

"Usa-se o subjuntivo nas orações adjetivas que exprimem:

(a) fim: ando à cata de um criado que seja econômico e fiel.

.....

(b) uma conjectura e não uma realidade:

Compare-se:

[I] O cidadão que ama sua pátria engrandece-a
(realidade)

[II] O cidadão que ame sua pátria engrandece-a
(conjectura)". (BECHARA, 1966:341. Apud
AZEVEDO, op. cit.:29)

A proposta de AZEVEDO para análise do subjuntivo nas orações subordinadas adjetivas é a seguinte:

"A fim de explicar estas orações e outras semelhantes, postula-se aqui que o sujeito da oração subordinada precisa ser subcategorizado por dois traços distintivos, isto é, [\pm definido] e [\pm determinado]. (...) Corresponde à distinção que existe entre algo conhecido e algo apenas suposto." (op. cit.:31)

Ora, confrontando os dois textos, eu me pergunto se "realidade" e "conjectura", par semântico proposto por BECHARA para a caracterização das supra-citadas orações adjetivas, não seria o mesmo que os traços [\pm definido] e [\pm determinado] propostos por AZEVEDO.

Segundo as passagens observadas, parece que AZEVEDO trilhou caminhos diferentes, chegando, porém, ao mesmo resultado.

Se bem que meu trabalho trate principalmente do modo subjuntivo em português, julguei útil tecer alguns comentários sobre obras que, direta ou indiretamente, dizem respeito ao mesmo tópico, em outras línguas. Nessas obras, o que me interessa principalmente é o enfoque adotado e a possibilidade de sua aplicação ao estudo do subjuntivo em português e em italiano.

O trabalho de PAULETTE LEVY PODOLSKY, *Las Completivas Objeto en Español*, 1983, é fruto de uma tese de doutorado que trata das orações subordinadas em espanhol que têm como complemento uma oração objetiva direta, reduzida ou não.

Embora não trate especificamente do modo subjuntivo, a este também é dedicada uma parte do estudo, uma vez que contempla as orações subordinadas que contêm o subjuntivo.

Os modelos teóricos utilizados por LEVY foram os trabalhos de MAURICE GROSS (1975) e ANNIBALE ELIA (1978) pioneiros em relação ao francês e ao italiano, respectivamente.

Ambos realizaram estudos detalhados do comportamento de um grande número de "entradas léxicas", de natureza verbal,

contemplando as orações subordinadas que lhes servem de objeto direto.

GROSS examinou uma lista de 8.000 verbos que aceita-vam algum tipo de oração subordinada, no francês, enquanto ELIA, listou 14.000 para o italiano, e LEVY, por sua vez, elaborou um elenco de 4.500 verbos para o espanhol. Todos eles partiram das idéias desenvolvidas por ZELLIG HARRIS de que, para toda língua, há um conjunto pequeno de moldes básicos, por volta de 10, aos quais dá o nome de "kernel" =K, ou seja, núcleo. Sua análise transformacional postula que todas as orações de uma língua podem ser analisadas como pertinentes a algum molde nuclear. Um dos moldes K em espanhol seria:

"N V N El niño canta una canción" (LEVY, 1983:21)¹

LEVY segue o modelo de GROSS, na medida em que concebe seu trabalho como essencialmente descritivo, e sua visão da gramática é, sobretudo, lexical. Seu propósito de trabalho foi o de determinar o conjunto de verbos que podem aparecer nos esquemas:

"N V N prep N

N V N" (construções espanholas segundo os moldes de Harris), quando a segunda casa N é ocupada por uma oração subordinada introduzida por que ou um infinitivo.

¹A simbologia usada nos moldes de Harris é a seguinte:

N = nome ou construção nominal equivalente

V = verbo

prep = preposição

* = construção agramatical.

Para a observação sistemática dos fenômenos que ocorreriam, LEVY apresentou, para cada verbo de sua lista, três tipos de construções: a primeira, com uma oração subordinada introduzida pela conjunção *que*, cujo verbo estaria no indicativo; a segunda, com uma oração subordinada introduzida também pela conjunção *que* cujo verbo estaria, desta vez, no subjuntivo; e a terceira, com uma oração subordinada reduzida de infinitivo. Por exemplo

"Escribir

1. Escribió que viene.

2. Escribió que vaya.

* 3. Escribió ir." (id. ib.:52)

LEVY se propôs fazer "uma gramática de superfície e distribucional." (id. ib.:35)

A descrição do modo verbal em espanhol tem sido feita segundo diferentes princípios básicos.

Em primeiro lugar, os estudos tradicionais procuram explicar o uso dos modos verbais pelo critério semântico. LEVY cita "a Academia, que como vimos acima, decide-se por focar o aspecto semântico." (id. ib.:49)

Um segundo tipo de enfoque dado aos estudos do modo verbal em espanhol é ilustrado pela posição assumida por J. P. RONA, cujo trabalho "Tiempo y aspecto: Análisis binario de la conjugación española", Anuario de Letras 11, 1973, páginas 211/223, é citado por LEVY. Os modos verbais em espanhol não são definidos segundo "as características da ação, mas de seu lugar na oração e do tipo de oração." (RONA, 1973:213, apud

PODOLSKY, op. cit: 50). Como se vê, RONA estuda o modo verbal segundo o princípio sintático.

Um terceiro enfoque é aquele que dá primazia ao léxico. Segundo esse princípio "a eleição do modo é fundamentalmente um fato de regência". (id. ib.:50).

Esse foi o princípio que norteou GROSS, ELIA e também LEVY, uma vez que esta seguiu os passos daqueles dois estudiosos. E foi nesse sentido que o trabalho de LEVY foi importante para os meus estudos sobre o modo subjuntivo. Passei a ver o uso desse modo verbal também como sendo um fato de regência, pois tive oportunidade de ver o assunto que abordara sendo estudado por um novíssimo ponto vista: o ponto de vista lexical.

O trabalho de LEVY, assim como os de GROSS e ELIA, jogaram nova luz sobre um velho problema, como ela mesma diz em certa passagem de sua obra: "um estudo detalhado do comportamento de um grande número de entradas léxicas com respeito a várias propriedades sintáticas interralacionadas me parecia um caminho que dava a possibilidade de lançar nova luz sobre um velho problema". (id. ib.:16)

Como se vê, para esses autores, o uso do modo subjuntivo é, antes de tudo, "um fato de regência". Ou, em outras palavras, um problema de coerção exercida por um item lexical, no caso, os verbos transitivos diretos.

2.2 - O SUBJUNTIVO NA LÍNGUA ITALIANA: revisão seletiva da bibliografia

Sendo este um estudo sobre o modo subjuntivo em português que se utiliza da análise contrastiva para obter um confronto com o mesmo modo verbal da língua italiana, julgo ser pertinente abordar a matéria apresentando alguns estudos relativos também ao subjuntivo em italiano, a exemplo do que apresentei para o português. Julgo também pertinente a tradução para o português das citações teóricas que se fizeram necessárias, uma vez que esse estudo se destina, principalmente, a falantes do português.

Antes, porém, parece-me, que seria útil relembrar algumas particularidades morfológicas do subjuntivo italiano. São formas tão conhecidas de quantos se dedicam a esse estudo que poderei selecioná-las sem recorrer à citação de qualquer obra. O subjuntivo italiano apresenta apenas quatro tempos verbais, dois simples e dois compostos:

"presente" (= presente),
"imperfetto" (= imperfeito),
"passato" (= passado) e
"trapassato" (= mais-que-perfeito).

As duas primeiras formas são simples e as duas últimas, compostas. O italiano não possui, portanto, como o português, nem o futuro simples nem o futuro composto do subjuntivo.

A título de exemplificação, para os devidos confrontos, segue-se o paradigma dos verbos português FALAR e italiano PARLARE:

O MODO SUBJUNTIVO (Il Modo Congiuntivo)

TEMPO	PORTUGUÊS	ITALIANO
<p>PRESENTE</p> <p>it.: presente</p>	<p>fale</p> <p>fales</p> <p>fale</p> <p>falemos</p> <p>faleis</p> <p>falem</p>	<p>parli</p> <p>parli</p> <p>parli</p> <p>parliamo</p> <p>parliate</p> <p>parlino</p>
<p>IMPERFEITO</p> <p>it.: imperfetto</p>	<p>falasse</p> <p>falasses</p> <p>falasse</p> <p>falássemos</p> <p>falásseis</p> <p>falassem</p>	<p>parlassi</p> <p>parlassi</p> <p>parlasse</p> <p>parlassimo</p> <p>parlaste</p> <p>parlassero</p>
<p>FUTURO SIMPLES</p> <p>it.: Ø</p>	<p>falar</p> <p>falares</p> <p>falar</p> <p>falamos</p> <p>falardes</p> <p>falarem</p>	<p>Ø</p>
<p>PASSADO</p> <p>it.: passato</p>	<p>tenha falado</p> <p>tenhas falado</p> <p>tenha falado</p> <p>tenhamos falado</p> <p>tenhais falado</p> <p>tenham falado</p>	<p>abbia parlato</p> <p>abbia parlato</p> <p>abbia parlato</p> <p>abbiamo parlato</p> <p>abbiate parlato</p> <p>abbiano parlato</p>
<p>MAIS-QUE- -PERFEITO</p> <p>it.: trapassato</p>	<p>tivesse falado</p> <p>tivesses falado</p> <p>tivesse falado</p> <p>tivéssemos falado</p> <p>tivésseis falado</p> <p>tivessem falado</p>	<p>avessi parlato</p> <p>avessi parlato</p> <p>avesse parlato</p> <p>avessimo parlato</p> <p>aveste parlato</p> <p>avessero parlato</p>
<p>FUTURO COMPOSTO</p> <p>it.: Ø</p>	<p>tiver falado</p> <p>tiveres falado</p> <p>tiver falado</p> <p>tivermos falado</p> <p>tiverdes falado</p> <p>tiverem falado</p>	<p>Ø</p>

Como podemos notar, além de não possuir as formas do tempo o italiano apresenta algumas coincidências morfológicas dentro do subjuntivo ou entre diversas formas do indicativo e do subjuntivo. São elas:

A - DENTRO DO SUBJUNTIVO

- 1. identidade entre as três pessoas do singular do presente do subjuntivo, não só na 1ª conjugação (-I), mas também na 2ª e na 3ª (-A) conjugações: "che io, tu, egli parli, che io, tu, egli prenda, che io, tu, egli parta";
- 2. conseqüente identidade entre as três pessoas do singular do passado do subjuntivo, já que este se forma com o presente do subjuntivo do verbo auxiliar (*abbia* ou *sia*) mais o particípio passado do verbo principal: "che io, tu, egli abbia preso, che io, tu, egli, ella sia partito(a)";
- 3. identidade entre a 1ª e a 2ª pessoa do singular do imperfeito do subjuntivo, em todas as conjugações (-I): "che io/tu parlassi/prendessi/partissi";
- 4. conseqüente identidade entre a 1ª e 2ª pessoa do singular do mais-que-perfeito do subjuntivo, em todas as três conjugações, já que ele se forma com o imperfeito do subjuntivo do verbo auxiliar (*avessi* ou *fossi*) mais o particípio passado do verbo principal: "che io, tu avessi parlato; che io, tu fossi venuto(a)";

B - ENTRE INDICATIVO E SUBJUNTIVO

- 5. identidade entre a 2a. pessoa do singular dos verbos da 1ª conjugação no presente do indicativo e do presente do subjuntivo: "tu parli,/ che tu parli";

- 6. identidade entre a 1ª pessoa do plural do presente do indicativo e do presente do subjuntivo de todas as três conjugações: "noi parliamo/che noi parliamo; noi prendiamo/che noi prendiamo; noi partiamo/che noi partiamo".

Quanto à falta de um futuro do subjuntivo no italiano, segundo os manuais de língua italiana para falantes do português, seria suprida pelo futuro (futuro imperfeito, futuro simples ou ainda futuro do presente) do indicativo ou pelo presente do indicativo:

Port. Se puder, irei para casa mais cedo.

Ital. a) "Se potrò, andrò a casa più presto." (futuro)

Ital. b) "Se posso vado a casa più presto."

Apresentada esta síntese comparativa da morfologia do subjuntivo em português e em italiano, passo a referir brevemente alguns comentários feitos por autores contemporâneos que estudaram esse modo em italiano com o propósito do ensino ou da descrição.

Salvatore BATTAGLIA e Vincenzo PERNICONE são autores de uma das mais clássicas gramáticas da Língua Italiana, a *Grammatica Italiana* (1971).

As exposições de BATTAGLIA e PERNICONE são sempre descritivas e, a exemplo de estudos tradicionais em gramáticas da língua, explicam o subjuntivo ora por fatores semânticos, ora por fatores sintáticos.

O modo subjuntivo é estudado detalhadamente na referida gramática, quando os autores apresentam matéria relativa à sintaxe, pois este seria o modo próprio de determinadas construções, mais especificamente, de certas orações subordinadas.

É ele considerado também por esses autores, a exemplo do que acontece em língua portuguesa, a contra-parte do indicativo, pois não se presta nem à asseveração de uma certeza, nem à afirmação de um fato. Pelo contrário, é o modo que serve para a expressão de uma dúvida ou para a formulação de uma hipótese.

Seu uso como modo verbal dependente de outro é tão enfatizado que chega a ser considerado o modo verbal típico das orações subordinadas, não somente por razões sintáticas, mas também por razões semânticas:

"nella maggior parte delle proposizioni dipendenti si preferiscono i tempi del "congiuntivo" perché quasi tutte le circostanze che in esse concorrono a completare il valore della principale, si esprimono quasi sempre in maniera condizionata, che può essere resa soltanto dal congiuntivo con i

suoi sensi di possibilità, dubbio, attesa." (id. ib.:537)²

Katerin KATERINOV, professor na Universidade de Perugia e autor de vários livros didáticos para o ensino do Italiano a estrangeiros, na obra *La Lingua Italiana per Stranieri-corso medio* (Guerra, Perugia, 1985), faz algumas considerações sobre o subjuntivo. KATERINOV leva em consideração alguns fatores que determinam o uso do modo subjuntivo. Relaciona esse modo principalmente ao fator subjetivo, isto é, crê que o falante utilize esse modo verbal para expressar uma ação incerta, um juízo pessoal:

"A differenza del modo indicativo che esprime un' azione reale e oggettiva, il modo congiuntivo esprime un' azione sentita come incerta, un giudizio personale, soggettivo. (KATERINOV, op. cit.:95)³

A pessoa que fala não expõe valores absolutos, impostos ao ouvinte, mas, ao contrário, expõe valores relativos que são verdadeiros para si própria, deixando espaço, porém, à réplica do ouvinte:

²Port. "na maior parte das orações dependentes preferem-se os tempos do 'subjuntivo' porque quase todas as circunstâncias que, nas subordinadas, completam o valor da principal, exprimem-se quase sempre de maneira condicionada que pode ser expressa somente pelo subjuntivo com os seus sentidos de possibilidade, dúvida, espera."

³Port.: "Diferentemente do modo indicativo que exprime uma ação real e objetiva, o modo subjuntivo exprime uma ação sentida como incerta, um juízo pessoal, subjetivo."

"Dicendo: 'Credo che la repubblica sia l'unica forma di governo adatta per il nostro paese', colui che parla esprime la sua convinzione, la certezza che le cose siano come egli dice, ma lo fa in un clima di discussione aperta, che lascia spazio a una tesi diversa."
(id. ib.)⁴

O conteúdo semântico das palavras que compõem os enunciados, e, ainda, certos fatores sintáticos são considerados pelo autor como elementos que exigem o modo subjuntivo. KATERINOV elenca uma série de exemplos de uso do subjuntivo exigidos por fatores que eu classificaria como:

a) sintáticos:

"Il congiuntivo in proposizioni dipendenti (subordinate) s'usa quando il soggetto della proposizione dipendente è diverso da quello della proposizione principale: Io temo che tu faccia tardi. (Soggetti diversi). Con soggetti uguali s'usa l'infinito preceduto dalla preposizione "di": Io temo di far tardi. (Soggetti uguali: io-io)". (op. cit.:96)⁵

⁴Dizendo: 'Creio que a república seja a única forma de governo apropriada para o nosso país', aquele que fala exprime a sua convicção, a certeza de que as coisas sejam como ele diz, mas o faz em um clima de discussão aberta, que deixa espaço a uma tese diversa."

⁵Port.: "Usa-se o subjuntivo em orações dependentes (subordinadas) quando o sujeito da oração dependente é diferente daquele da oração principal: Eu temo que você chegue tarde (sujeitos diferentes: eu-você). Com sujeitos iguais, usa-se o infinitivo precedido da preposição "di": Eu temo que chegue tarde. (Sujeitos iguais: eu-eu)."

b) lexicais:

"Quando il predicato principale esprime:

1) **un'opinione**: In questo caso ricorre molto spesso anche il modo indicativo.

Penso che siano (sono) già pronti.

2) **una supposizione**:

Supponevo che egli fosse malato." (op. cit.:96)⁶

c) subjetivos:

"IL CONGIUNTIVO si usa ancora:

1) In molte espressioni che indicano uno stato d'animo:

Sono contento che tu mi abbia capito. (op.cit.:97)⁷

d) morfo-sintáticos:

"IL CONGIUNTIVO si usa ancora:

(...)

4) dopo alcune locuzioni impersonali formate con "che":

Che peccato che tu sia arrivato in ritardo!

(...)

5) dopo alcuni aggettivi e pronomi indefiniti:

(...)

⁶Port.: "Quando o predicado principal exprime:

1) uma opinião: Nesse caso, aparece muito frequentemente, também, o modo indicativo.

Penso que estejam (estão) já prontos.

2) uma suposição:

Supunha que ele estivesse doente.

⁷Port.: "Usa-se ainda o SUBJUNTIVO:

1) em muitas expressões que indicam um estado de ânimo:
Estou contente que você tenha me entendido."

Ovunque Lei vada, troverà la stessa accoglienza."

(op.cit.:97/8)⁸

MAURIZIO DARDANO e PIETRO TRIFONE na Grammatica Italiana con nozioni di linguistica apresentam o modo subjuntivo como o modo de que se serve o falante para indicar a possibilidade de um fato. É contraposto ao indicativo, apresentado como o modo da realidade; ao condicional, apresentado, por sua vez, como o modo da eventualidade; e ao imperativo, apresentado como sendo o modo da ordem.

DARDANO e TRIFONE dão ênfase ao aspecto semântico para conceituar o modo subjuntivo:

"Il congiuntivo è il modo della possibilità, del desiderio o del timore, dell' opinione soggettiva o del dubbio, del verossimile o dell'irreale; viene usato generalmente in proposizioni dipendenti da verbi che esprimono incertezza, giudizio personale, partecipazione affettiva:" (DARDANO e TRIFONE, 1989:335)⁹

⁸Port.: "Usa-se ainda o SUBJUNTIVO:

(...)

4) Depois de algumas locuções impessoais formadas com que:

Que pena que você tenha chegado atrasado!

(...)

5) depois de alguns adjetivos e pronomes indefinidos:

(...)

Onde quer que o(a) Senhor(a) vá, encontrará a mesma acolhida!"

⁹O subjuntivo é o modo da possibilidade, do desejo ou do temor, da opinião subjetiva ou da dúvida, do verossímil ou do irreal; é usado geralmente em orações dependentes de verbos que exprimem incerteza, juízo pessoal, participação afetiva."

Os autores reconhecem, porém, que as idéias consideradas características do modo subjuntivo podem ser expressas também por outros meios de que a língua dispõe, como, por exemplo, por meio de advérbios como: *forse* (port. talvez), de locuções como *a mio parere* (port.: segundo meu parecer), de expressões verbais *mi pare che* (port.: me parece que), dos verbos *potere* (port. poder) e *dovere* (port.: dever), em circunstâncias particulares tais como "Giovanna deve esser uscita" (port.: Giovanna deve ter saído).

Tive oportunidade de ler um artigo de ANNIBALE ELIA, "Pour un lexique-grammaire de la langue italienne: les complétives objet" (*Linguisticae Investigationes* II:2, 1978, p.233/76). É o mesmo citado por LEVY, no trabalho que comentei páginas atrás.

ELIA fez um trabalho com as orações subordinadas em função de objeto direto, comparando estruturas sintáticas do francês com as correspondentes do italiano, como uma amostra de projeto mais ambicioso de sintaxe comparada das línguas românicas.

Como já tive oportunidade de dizer páginas atrás, ELIA elaborou uma lista de 14.000 verbos italianos (entre os verbos figuram também locuções verbais) de onde extraiu uma amostra de aproximadamente 3.000 verbos; em seguida, uma segunda de 5.000, de onde ele estabeleceu uma primeira classificação de verbos que aceitavam uma oração subordinada como complemento na posição de sujeito, objeto direto, objeto indireto e outros complementos.

ELIA também segue o princípio proposto por ZELLIG HARRIS dos "kernel", ou seja, dos moldes nucleares, estabelecendo confrontos entre as estruturas do francês e as do italiano. A partir desses confrontos, o autor observa que "os comportamentos do italiano e do francês não são inteiramente equivalentes" (op. cit.:236).

Seu artigo foi proveitoso para meu trabalho uma vez que observarei estruturas frasais do italiano e ELIA faz observações importantes sobre o modo subjuntivo nessa língua.

Ele acredita que as gramáticas tradicionais misturam argumentos sintáticos e semânticos, os quais não correspondem à realidade da língua italiana. Seu trabalho contempla construções de uso estritamente oral, condenadas por quem segue as tradições da língua culta.

Ele observa, por exemplo, que os verbos indicadores de vontade como *volere* (port.:querer) e *desiderare* (port.:desejar), regem tanto verbos no indicativo quanto no subjuntivo nas orações subordinadas:

"Max vuole che tu te ne vai.

(...)

Max vuole che tu te ne vada.

(...)" (op. cit.:252)¹⁰

As construções em que o indicativo faz parte da oração

¹⁰Port.: "Max quer que você vai embora.

(...)

Max quer que você vá embora."

dependente são usadas somente oralmente e em registro informal. Não são usadas por quem fala e escreve a língua culta. São denotadoras de que o falante tem pouco conhecimento da língua italiana, ainda que esta seja a sua língua materna.

ELIA dá ao seu trabalho um enfoque totalmente sintático, acreditando demonstrar que as diferenças de modo das orações subordinadas dependem de arranjos sintáticos e não de fatores semânticos, como vem se afirmando tradicionalmente.

Quanto ao decréscimo do subjuntivo em favor do indicativo, DARDANO e TRIFONE o atribuem à tendência do italiano moderno para simplificar suas estruturas morfológicas e sintáticas.

De fato, de maneira geral, ouve-se dizer com certa freqüência que o modo indicativo estaria tomando o lugar do modo subjuntivo, afirmação que parece estar pouco fundamentada ainda, nada havendo que comprove tal tese.

Quanto ao italiano, especificamente, segundo recentes afirmações do professor Claudio BURA da Università Italiana per Stranieri di Perugia (afirmações que colhi em um curso de atualização para professores de italiano no exterior em fevereiro de 1992), pelo menos teoricamente o subjuntivo deveria ser o modo verbal de uso mais freqüente em italiano pois ele abrange um maior número de estruturas. Por isso, quando perguntaram ao professor BURA se o subjuntivo estava sendo substituído pelo indicativo, ele simplesmente respondeu

"Sì, da chi non sa parlare."¹¹

Essa revisão da bibliografia se limitou a autores e obras a que tive acesso com maior facilidade e em que pude colher alguma inspiração para o tratamento do meu tema.

2.3 - AS MODALIDADES E O MODO SUBJUNTIVO

Em todo discurso, o EU envia uma mensagem ao TU. Seja a frase

(1) Daniela chega amanhã.

Temos aí o EU (falante) fazendo ao TU (ouvinte) o relato de um fato que se dará (mensagem).

Nesse caso, a mensagem contém apenas a declaração do fato. O falante não se posiciona, nem se mostra no discurso. Porém, este pode refletir, além da realidade objetiva, como a do exemplo dado, também um elemento novo: o falante.

Isto é possível uma vez que as línguas naturais oferecem recursos lingüísticos para tal. São elementos lexicais, sintáticos, semânticos, entre outros, de que faz uso o falante para manifestar a sua subjetividade, ou seja, a sua posição interior em face daquela realidade exterior, veiculada através dos meios lingüísticos.

Assim, o falante pode emitir o seu parecer sobre fatos da sua realidade, fazendo uso de recursos lingüísticos

¹¹Port.: "Sim, por quem não sabe falar."

variados. Uma idéia como a de dúvida, por exemplo, pode ser expressa de variadas formas:

- (2) Acho que Daniela chega amanhã.
- (3) Suponho que Daniela chegue amanhã.
- (4) É possível que Daniela chegue amanhã.
- (5) Talvez Daniela chegue amanhã.
- (6) Daniela vem amanhã, talvez.
- (7) Não creio que Daniela chegue amanhã.
- (8) Será que Daniela chega amanhã?

No exemplo (2), a idéia de dúvida é transmitida pela carga semântica do verbo "achar". No (3), temos o verbo **supor** reforçado pelo subjuntivo. No (4), temos a construção **é possível que**, também reforçada pelo modo subjuntivo. No (5), temos o advérbio **talvez** acrescido do verbo no modo subjuntivo. No (6), somente o advérbio **talvez**. No (7), a dúvida é expressa pela negação do verbo **crer** e reiterada pelo modo subjuntivo. E, finalmente, no (8) a dúvida é veiculada através da interrogação e do verbo **ser** no tempo futuro. Todos esses enunciados expressam a idéia da dúvida.

Como acabamos de expor, a Língua Portuguesa, como qualquer língua natural, dispõe de recursos variados para que o falante formule seu enunciado frasal. Pode este ser formulado de maneira que se comunique, principalmente, a informação. Mas pode também ser formulado de maneira que o falante penetre no enunciado, informando o seu posicionamento, a sua atitude diante de determinado fato. O conteúdo frasal propriamente dito

comunica uma mensagem em que o processo verbal ocupa o cerne da comunicação. Essa mensagem, porém, pode estar inserida num enunciado em que a informação objetiva não é o mais importante, pois ela veicula a tomada de posição do falante em relação àquele processo. Essa categoria de que pode fazer uso a nossa língua é tradicionalmente chamada MODALIDADE.

Quando dizemos:

(9) "Vai chover.",

passamos ao ouvinte uma informação que ocupa todo o enunciado. Mas se dissermos:

(10) "Eu acho que vai chover.",

transformamos o que seria a descrição de um fato numa enunciação subjetiva. O fato não é mais visto impessoalmente, mas através dos meus olhos, do meu parecer individual. O eu toma uma atitude perante o fato extralingüístico. E esta subjetividade será tanto mais expressiva se for formulada na 1ª pessoa do singular. Pois, se ao invés de dizermos,

(10) "Eu acho que vai chover.",

dissermos,

(11) "Ele acha que vai chover.",

não teremos mais a subjetividade do falante emitindo seu próprio parecer. Teremos, então, tão somente, a descrição de um fato, exatamente como ocorre nos enunciados seguintes:

(12) "Ele lê muito bem."

ou

(13) "Ele disse que quer comer."

O nosso idioma dispõe de vários recursos que permitem

ao falante inserir-se no enunciado frasal. Um desses recursos que expressam essa tomada de posição diante daquilo que se comunica são os MODOS VERBAIS.

Considerando um mesmo fato, — a ida de Geraldo à escola — podemos produzir diferentes enunciados tais como os que se seguem:

(14) Geraldo vai à escola.

(15) Quero que Geraldo vá à escola.

(16) Geraldo, vá à escola!

O que diferencia esses enunciados entre si é a posição tomada pelo falante diante de uma mesma realidade.

Em (14) o falante descreve o fato. Já em (15), além do mesmo conteúdo objetivo, o falante se posiciona: não se tem mais a descrição de um fato, mas uma atitude do falante.¹² Este se intromete no processo verbal, comunicando, além daquela realidade objetiva, também a sua posição diante dela. Ele quer que tal fato se dê. Em (16) temos também a mesma realidade objetiva do conteúdo frasal, ou seja, a ida de Geraldo à escola, porém, o falante assume posição diversa das anteriores: ele impõe sua própria vontade ao ouvinte, que passa a ser Geraldo e que se presume vá executar a ação contida no enunciado.

Todas essas variações estão relacionadas com a mudança

¹²BENVENISTE, Émile. O Homem na Linguagem. Coleção Vega Universidade, Lisboa, s/d.

do modo verbal, cada um distinto do outro nos exemplos dados acima. Em (14) foi usado o modo indicativo, em (15) o modo subjuntivo e em (16) o modo imperativo — os três modos verbais de que dispõe a Língua Portuguesa.

Do exposto acima poderíamos depreender que somente ao subjuntivo seja dado o poder de permitir ao falante que expresse o seu interesse no fato enunciado, o que sabemos não ser verdade. Podemos nos posicionar em relação a determinado fato e usar, para tanto, também as formas verbais do modo indicativo ou outros recursos lingüísticos.

A subjetividade do falante se manifesta quando este expressa o fato objeto do enunciado:

A) como um fato existente apenas no seu pensamento, como em:

(2) Acho que Daniela chega amanhã.

(17) Daniela chegará amanhã?

B) ou como um fato sobre o qual o falante não pode ou não quer se responsabilizar:

(18) Disseram que Daniela chega amanhã.

(19) Parece que Daniela chega amanhã.

C) ou como um fato com que o falante se envolve emocional ou avaliativamente:

(20) Daniela chega amanhã!

(21) Alegra-me que Daniela chegue amanhã.

(22) Muito me admira que Daniela chegue amanhã.

(23) Que bom que Daniela chegue amanhã!

D) ou como um fato que envolve a vontade do falante:

(24) Quero que Daniela chegue amanhã.

(25) Tomara que Daniela chegue amanhã!

(26) Não quero que Daniela chegue amanhã.

(27) Ordeno que Daniela chegue amanhã.

Portanto, a subjetividade pode se expressar pela entoação, por recursos lexicais, pelo valor modal do futuro, pela carga semântica de alguns verbos na oração principal, por recursos sintáticos, pelos modos verbais, etc.

Sendo elemento altamente envolvedor do eu no discurso, a categoria da modalidade tem sido objeto de estudo de filósofos, lingüistas e semióticos, naturalmente sob pontos de vista diversos.

Por vezes, os argumentos de filósofos e semióticos se apresentam tão convincentes, que alguns lingüistas se acham tentados a aplicar aquelas classificações de modalidade aos estudos lingüísticos, sem nenhuma vantagem na mudança.

Acredito que não deva ser essa a posição do lingüista. Preferi adotar uma nomenclatura já consagrada na área.

TRAVAGLIA (1985:315/8) enumera as noções modais decorrentes dos tipos de discurso como sendo as seguintes: certeza, prescrição, obrigação, necessidade, volição, intenção, possibilidade 1 e 2, probabilidade 1 e 2. As modalidades em que pode aparecer o modo subjuntivo são as de necessidade, volição,

possibilidade 2 e probabilidade 2. Essas duas últimas teriam o sentido de hipótese, segundo TRAVAGLIA. Vejamos alguns exemplos:

- **necessidade**

(28) É preciso que você **esteja** aqui amanhã às 8.

- **volição**

(29) Quero que o circo **pegue** fogo.

(30) Deus o **ajude**.

- **possibilidade 2 (hipótese)**

(31) É possível que tua carta **chegue** a tempo.

- **probabilidade 2 (hipótese)**

(32) É provável que **chova** mais tarde.

Gostaríamos de englobar em uma única as modalidades de possibilidade 2 e probabilidade 2, uma vez que ambas têm o mesmo sentido de hipótese e já que "a fronteira entre probabilidade e possibilidade não é muito nítida, assim, freqüentemente, se torna difícil decidir entre uma e outra." (TRAVAGLIA, 1985:318)

Essas modalidades subjuntivas, isto é, que se exprimem pelo modo subjuntivo, no plano do discurso, se por um lado situam o falante, mostrando a sua posição em relação a determinado fato, por outro não permitem que imponha sua opinião ao ouvinte. É mais um recurso de que dispõe o falante para não fazê-lo, ou porque não pode, ou porque não quer. KOCH (1987:88) atenta para esse particular e observa que, nesses casos,

"O discurso apresenta-se, então, como polêmico, predominando nele uma argumentação com base no **crer** (eu acho, portanto é possível, provável, permitido, facultativo, contingente...). O locutor não impõe (ou finge não impor) a sua opinião, ainda que se trate de uma manobra discursiva, deixando (ou fingindo deixar), assim, ao alocutário, a possibilidade de aceitar ou não os argumentos apresentados, de aderir ou não ao discurso que lhe é dirigido."

O uso dos modos verbais pode estar condicionado à natureza ou ao valor semântico dos elementos lexicais, ou morfo-sintáticos do enunciado.

Na verdade, o que acontece é o fato de os modos verbais apresentarem um grau maior ou menor de dependência, em relação à tomada de posição do falante, ou aos elementos que compõem o enunciado frasal.

Quando o modo verbal usado é o subjuntivo, há, quase sempre, uma tomada de atitude do falante em face da situação enunciada. Além desse posicionamento subjetivo do falante, MATTOSO CÂMARA acredita que o subjuntivo sofra sempre uma dependência sintática:

"O subjuntivo, incluindo o imperativo, assinala uma tomada de posição subjetiva do falante em relação ao processo verbal comunicado... O subjuntivo tem a característica sintática de ser uma forma verbal dependente de uma palavra que o domina, seja o advérbio **talvez** preposto, seja um verbo de oração principal." (MATTOSO CÂMARA, 1970:99)

De fato, essa dependência em relação a uma palavra é possível na grande maioria dos casos de uso do subjuntivo, mas não é total. Se o fosse, como se explicaria o uso do subjuntivo nas orações absolutas?

Não podemos tampouco afirmar de modo geral que o subjuntivo seja uma forma verbal que se caracteriza sempre por ser expressão da posição subjetiva do falante em relação ao processo verbal comunicado.

Examinemos, por exemplo, se os enunciados abaixo refletem essa posição subjetiva:

(33) Dizem que é necessário que Daniela chegue amanhã.

(34) Pode ser que Daniela chegue amanhã.

(35) Se Daniela chegasse amanhã, tudo estaria resolvido.

(36) Quando Daniela chegar, a festa começará.

Parece fora de dúvida que, em nenhum deles, se pode perceber indício de uma tomada de posição do falante em relação à chegada de Daniela.

O autor considera, ainda, como característica do modo subjuntivo, o fato de esse modo verbal apresentar-se dependente de uma palavra, seja o advérbio talvez preposto, seja um verbo expresso em oração principal. Com efeito, poderíamos, para melhor elucidar os tipos de palavras que podem requerer o uso do modo subjuntivo, acrescentar ao advérbio talvez preposto e a

"um verbo da oração principal", lembrados por MATTOSO CÂMARA, uma extensa lista de conjunções (**ainda que, para que, embora, caso, se, quando, etc**), de certas construções verbais (**é preciso que, é necessário que, pode ser que, etc**), de adjetivos (**receoso de que, temeroso de que, etc.**) de substantivos (**a possibilidade de que, a probabilidade de que, etc.**) e de pronomes (**quem, quanto, etc.**).

Esse é o **condicionamento lexical e morfo-sintático** que não oferece ao falante nenhuma margem de opção entre o uso do subjuntivo e o de um outro modo verbal.

Acredito, pois, que exista realmente um **condicionamento** que determina o uso do subjuntivo. Àquelas palavras que têm o poder de exigir na frase esse modo verbal chamo **condicionadores lexicais e morfo-sintáticos** do subjuntivo.

Como exemplo da obrigatoriedade dessa regra seguem-se construções paralelas alternando o subjuntivo com o indicativo, sendo a última construção considerada agramatical:

(37) Talvez o livro não **custe** tanto.

(38)* Talvez o livro não **custa** tanto.

(39) Ainda que você não **possa** vir comigo, terei que sair.

(40)* Ainda que você não **pode** vir comigo, terei que sair.

(41) Fiz o xerox para que você o **visse**.

(42)* Fiz o xerox para que você o **via**.

(43) Foi em frente, embora todos **fossem** contra.

(44)* Foi em frente, embora todos **eram** contra.

- (45) É preciso que Cinthia **passe** por isso.
- (46)* É preciso que Cinthia **passa** por isso.
- (47) Receoso de que Alberto **viesse** mais cedo, papai mandou vir o "champagne".
- (48)* Receoso de que Alberto **vinha** mais cedo, papai mandou vir o "champagne".
- (49) A possibilidade de que a festa **fosse** boa era grande.
- (50)* A possibilidade de que a festa **era** boa era grande.
- (51) Quem **puder**, traga um pratinho de doce!
- (52)* Quem **poderá**, traga um pratinho de doce!
- (53) Quanto mais rápido **fizer** o serviço, mais depressa receberá o dinheiro.
- (54)* Quando mais rápido **fará** o serviço, mais depressa receberá o dinheiro.

Os condicionadores lexicais e morfo-sintáticos do subjuntivo, quando usados com o indicativo, provocam sempre a agramaticalidade da frase em maior ou menor grau.

O condicionamento morfo-sintático pode acarretar o aparecimento de tipos frasais como os exemplificados abaixo:

- orações concessivas:

- (55) Embora **chova** lá fora, o barulho não me incomoda.

(56)* Embora **chove** lá fora, o barulho não me incomoda.

(57) Ainda que **bebesse** muito café, não ficaria sem sono.

(58)* Ainda que **bebia** muito café, não ficaria sem sono.

- **orações finais:**

(59) Fez de tudo para que o marido fosse embora.

(60)* Fez de tudo para que o marido **ia** embora.

(61) Saiu de fininho a fim de que ninguém o visse.

(62)* Saiu de fininho, a fim de que ninguém o **via**.

- **orações temporais que marcam a anterioridade:**

(63) Vamos andando, antes que ele nos veja.

(64)* Vamos andando, antes que ele nos **vê**.

(65) Fique comigo até que eu **acabe** isto aqui.

(66)* Fique comigo até que **acabo** isto aqui.

- **orações condicionais:**

(67) Se **ficares**, me darás muito prazer.

(68)* Se **ficarás**, me darás muito prazer.

(69) Caso **venha**, me avise.

(70)* Caso **vem**, me avise.

(71) Desde que me **telefonem** antes, podem vir.

(72)* Desde que me **telefonam** antes, podem vir.

- **orações comparativas iniciadas por como se:**

(73) Chorou como se fosse um camelo.

(74)* Chorou como se era um camelo.

Acredito que esses tipos frasais, uma vez que não admitem o uso de outro modo verbal, pois são determinados pelas mesmas conjunções, sejam uma consequência sintática dos condicionadores morfo-sintáticos do subjuntivo.

Apesar de não acarretarem tipos frasais como os que acabamos de observar, os advérbios de negação **não** e **nunca**, quando associados a certos verbos, podem levar ao uso do subjuntivo nas orações em que aparecem:

(75) Creio que ele sabe governar.

(76) Não creio que ele **saiba** governar.

(77) Sempre achei que o João **era** capaz disso.

(78) Nunca achei que o João **fosse** capaz disso.

MIRA MATEUS et alii afirmam que

"Sempre que a negação pronominal é um complemento do verbo, como em (9a), o pronome pode aparecer no mesmo contexto de uma expressão formalmente positiva, obrigatoriamente no modo conjuntivo (cf. [9b] e [9c]):

(9) (a) Ele não quer ver **ninguém**.

(b) Ele não quer ver **seja quem for**.

(c) Ele não quer ver **alguém que seja**.¹³

¹³MIRA MATEUS et alii. *Gramática da Língua Portuguesa*. Livraria Almedina, Coimbra, 1983, p.157.

Podemos observar, aliás, que o mesmo tipo de construção é possível também na substituição dos pronomes de valor positivo, **alguém, tudo, todos**, por locuções pronominais indefinidas de valor intensivo:

- (79) a) Quando tem dinheiro, compra **tudo**.
 b) Quando tem dinheiro, compra **seja o que for**.
 c) Quando tinha dinheiro, comprava **fosse o que fosse**.
- (80) a) Devemos responder a **todos**.
 b) Devemos responder **seja a quem for**.
 c) Devíamos responder **fosse a quem fosse**.

Na formação das locuções pronominais indefinidas que podem substituir aqueles pronomes, o verbo **ser** toma a forma de imperfeito do subjuntivo quando o tempo-base da oração for um tempo pretérito (**fosse o que fosse/fosse quem fosse**). Se o tempo-base for o presente ou o futuro, o verbo **ser** toma a forma de presente do subjuntivo, fazendo dupla com o futuro do subjuntivo (**seja o que for/seja quem for**):

- (81) a) Marcela trata bem a **todos**.
 b) Marcela trata bem a **quem quer que seja/seja a quem for**.
 c) Marcela tratava bem a **quem quer que fosse/fosse a quem fosse**.

- (82) a) Vou a **qualquer** lugar.
 b) Vou **onde quer que seja**.
 c) Ia **onde quer que fosse**.

Essas locuções podem vir, ainda, sem estar substituindo pronomes indefinidos:

- (83) **Onde quer que eu vá**, vejo os mesmos rostos tristes.
 (84) **Quem quer que esteja aí**, mostre-se!
 (85) **Qualquer que seja** o seu nome, diga logo a que vem.
 (86) **O que quer que eu dissesse**, nunca lhe agradava.
 (87) **Como quer que eu dirija**, ele está sempre feliz a meu lado.

Para um levantamento pormenorizado de todos os condicionadores morfo-sintáticos do subjuntivo, seria o caso de se proceder a uma pesquisa que seguisse essa linha de trabalho, como, por exemplo, fizeram MAURICE GROS, PAULETTE LEVY PODOLSKY e ANNIBALE ELIA, a que me referi na revisão da bibliografia. Esse, entretanto, não é o meu propósito.

Vimos, por tudo que foi discutido e exemplificado acima, que o subjuntivo é uma forma verbal dependente de um elemento lingüístico. Mas não podemos esquecer que ele aparece também em enunciados independentes, como são as orações absolutas. Aliás, esse seria o seu emprego mais antigo segundo SAID ALI. (GH, 1964:324)

Tomemos alguns exemplos:

(88) **Tenham** um bom Natal!

(89) **Seja** a reta b.

(90) Macacos me **mordam**!

Em todos eles, o que condicionou o emprego de tal modo verbal foi o posicionamento do falante diante dos fatos e do momento da sua vida. O que motivou o falante a emitir (88) foi o desejo de que tal fato acontecesse. Em (89), temos a proposição de uma hipótese. Já na oração (90) temos a expressão do envolvimento afetivo do locutor, perante um determinado fato da sua realidade.

Alguns partidários da gramática transformacional consideram como dependentes as orações absolutas.

Tal é a posição de MILTON M. AZEVEDO quando, nas "Observações Preliminares" de seu trabalho sobre o subjuntivo (1976), declara ser um dos objetivos do mesmo demonstrar que "orações aparentemente independentes em que ocorre uma forma subjuntiva podem ser descritas, em termos de representação subjacente, como orações subordinadas" (AZEVEDO, 1976:12).

Se seguíssemos tal pensamento, seríamos levados a considerar outras realidades lingüísticas, e orações como (84), (85) e (86) deveriam ser entendidas como se tratasse dos seguintes fatos sintáticos:

(91) Desejo que **tenham** um bom Natal.

(92) Suponhamos que **seja** a reta b.

(93) Quero que macacos me **mordam**.

Tais orações teriam exatamente o mesmo valor semântico que as mencionadas anteriormente?

Creio que o segundo grupo de orações contém uma declaração de desejo (91), de hipótese (92) e de indignação (93), enquanto que o primeiro grupo (88), (89) e (90) manifesta diretamente o desejo, a hipótese, a indignação. No primeiro caso, temos construções com que se obtém um maior grau expressivo, pois não se trata de orações declarativas que versam sobre um determinado desejo, uma determinada hipótese, uma determinada indignação: são, ao contrário, orações absolutas, ou seja, traduzem diretamente o desejo, a hipótese, a indignação.

Sintaticamente, segundo AZEVEDO e os transformacionistas em geral, (88), (89) e (90) seriam reduções de (91), (92) e (93), respectivamente: nestas últimas temos períodos compostos com a presença dos verbos **desejar**, **supor** e **querer** na oração principal e da conjunção **que**, eliminados por transformação. Assim, o que era subordinado passou a ser independente, e as orações tornaram-se absolutas.

Observe-se que, para SAID ALI, o uso do subjuntivo em proposições independentes seria o mais antigo. Estaria esse ponto de vista em conflito com o dos transformacionistas?

A livre escolha do falante se manifesta em alguns casos de opção entre indicativo e subjuntivo, acarretando essa opção mudança de significado na frase. Com efeito, há verbos que possuem significados distintos, se usados com indicativo ou com

subjuntivo. É o que acontece com os verbos sentir ou dizer como observou MARIA ÂNGELA BOTELHO PEREIRA em sua tese de mestrado *Aspectos da Oposição Modal Indicativo/ Subjuntivo no Português Contemporâneo*, 1974:132).

(94) Sinto que essa menina vai cair daí.
(sentir = perceber)

(95) Sinto que seu plano não tenha dado certo.
(sentir = lamentar)

Em nenhuma das frases se poderia ter usado o subjuntivo pelo indicativo, ou vice-versa sem que se tivesse uma frase com sentido diferente.

De fato, se mudássemos os modos verbais de indicativo para subjuntivo e vice-versa, teríamos:

(94) Sinto que essa menina vá cair daí.
(sentir = lamentar)

(95) Sinto que seu plano não deu certo.
(sentir = perceber)

Daí se conclui que sentir seguido de subjuntivo tem o sentido de lamentar e sentir seguido de indicativo tem o sentido de perceber.

Se há orações absolutas em que nenhum elemento físico leva ao uso do subjuntivo, se há casos em que o falante pode escolher entre um e outro modo verbal, só nos resta aceitar que o falante tenha poder na escolha de um ou de outro modo verbal. Não seria, então, o caso de considerar a existência de

condicionadores subjetivos, frutos da vontade do falante no momento da enunciação? Essa é uma das minhas propostas.

Esse uso do subjuntivo em que o falante poderia escolher entre o indicativo e o subjuntivo, segundo suas intenções ao se expressar, faz-se sentir também em orações adjetivas.

BECHARA (1969:341), utilizando exemplos de vários extratos diacrônicos da língua, lembra que o subjuntivo é usado nessas orações quando exprimem:

"a) fim

"Ando à cata de um criado que seja econômico e fiel. (RIBEIRO DE VASCONCELOS)

b) conseqüência

'Daqui levarás tudo tão sobejo.

Com que faças o fim a teu desejo' (CAMÕES, Lusíadas, II, 4).

c) uma conjectura e não uma realidade:

Compare-se:

O cidadão que ama sua pátria engrandece-a.
(realidade)

O cidadão que ame sua pátria engrandece-a.
(conjectura)

d) depois de um predicado negativo, ou de uma interrogação de sentido negativo quando enunciam uma qualidade que determine e restrinja a idéia expressa por esse predicado ou interrogação:

Não há homem algum que possa gabar-se de ser completamente feliz.

Quem há aí que seja completamente feliz?"

O condicionador subjetivo faz-se presente em exemplos como esses, quando observamos que todas as construções acima, de subjuntivo, admitiriam o indicativo se outra fosse a intenção do falante. Suponhamos que ele queira considerar o fato expresso pela oração adjetiva não mais como duvidoso, mas como certo, fora de dúvida. Retomando apenas o primeiro exemplo, teríamos:

(96) Ando à cata de um criado que seja econômico e fiel.

(96) a) Ando à cata de um criado, que é econômico e fiel.

Enquanto em (96) as qualidades de economia e fidelidade são um ideal a ser encontrado, em (96a) essas qualidades pertencem a um criado certo, de cuja existência e qualidades não se duvida. No primeiro caso, temos uma oração adjetiva restritiva e, no segundo, uma oração adjetiva explicativa.

MARIA ÂNGELA BOTELHO PEREIRA (1984:59-60) confirma esse poder de permuta na frase, com a oposição modal indicativo/subjuntivo, nas orações adjetivas, quando comenta o par

"(42)a) Quero contratar uma secretária que é competente em datilografia.

b) Quero contratar uma secretária que seja competente em datilografia."

Pares como esse são interpretados como tendo uma "oposição semântica nítida" pelos informantes a quem a autora

solicitou a interpretação:

(...) "se enuncia 42(a), o locutor está informando o seu interlocutor de que ele tem em mente uma certa pessoa, de que essa pessoa é competente em datilografia, e de que ele deseja contratá-la. Se enuncia 42(b), o seu interlocutor não é levado a concluir que ele tenha uma pessoa determinada em mente. O que pode concluir é que o locutor está descrevendo o tipo de pessoa que deseja contratar: alguém que satisfaça à condição de ser competente em datilografia."

No estudo que fazem CUNHA e CINTRA, apesar de mostrar o uso do subjuntivo em certos tipos frasais e em orações absolutas, observamos que o fator semântico se imiscui em todos eles como se fosse seu único condicionador.

De fato, os autores apresentam o modo subjuntivo como sendo expressão de uma "hipótese", de "fatos improváveis", "de uma conjectura", "de uma simulação". (id. ib.:455/7) idéias que passam por todos os casos em que aparece o subjuntivo, apresentados pelos autores.

Das palavras dos autores, poder-se-ia concluir que as razões que justificariam o uso do modo subjuntivo seriam sempre semânticas.

Sem dúvida, não podemos negar que os valores semânticos estão presentes nas construções em que figura o modo subjuntivo. Só não podemos aceitar a exclusividade ou prioridade dada a esses **condicionadores semânticos**, pois eles não são os condicionadores exclusivos desse modo verbal, e sabemos não ser

tampouco prioridade do subjuntivo exprimir os valores semânticos da dúvida, da hipótese, da possibilidade, do desejo.

São notoriamente conhecidos os valores modais, por exemplo, veiculados através do tempo futuro que pode, até mesmo, perder seu poder temporal. Este é usado temporalmente para localizar fatos posteriores ao momento da fala somente naquelas orações declarativas para a informação pura e simples de fatos objetivos. Nesse caso, o futuro é, de fato, um tempo puramente indicativo.

Em outras situações, ele se reveste de noções modais, chegando a perder, parcial ou totalmente, sua indicação temporal. É nesses casos que, semanticamente, ele se aproxima do modo subjuntivo. Tanto o futuro quanto o subjuntivo podem ser expressão da subjetividade do falante, pois ao domínio do futuro pertencem o **desejar**, o **supor**, o **dever**, o **poder** veiculados no português falado do Brasil através de perífrases do tipo **quero ir**, **devo ir**, **pretendo chegar**, **vou falar**, **vou sair**, etc. Em todas elas, encontramos, além da noção temporal, também a noção modal, presente na expressão da subjetividade do falante. Em expressões de dúvida como "Será?", ou "Quem será?", o futuro expressa somente a sua noção modal.

Apesar de os valores semânticos do subjuntivo perpassarem sempre todos os casos em que este é usado, há ocasiões em que o subjuntivo é usado unicamente pelos valores que lhe são atribuídos tradicionalmente. É o caso das chamadas "orações independentes", "orações optativas", "orações absolutas" e

certas "orações coordenadas"¹⁴

As orações assim chamadas não apresentam nenhum outro tipo de condicionamento, seja o **lexical**, o **morfo-sintático** ou o **subjetivo**.

Como se exprimiriam o desejo, a hipótese, a suposição, idéias presentes naqueles tipos de oração senão pelo próprio subjuntivo?

Lembremos alguns exemplos:

(97) Deus o **acompanhe** e o **consERVE** em paz!

(98) **Sejam** felizes, meus filhos!

(99) Raios me **partam**, se o que disse não for verdade!

(100) Bons ventos o **levem**!

(101) **Queira** Deus!

É necessário não confundir esses casos que são expressão unicamente dos valores do subjuntivo com outras orações independentes que encerram valores semânticos diversos destes, uma vez que a atitude do falante é totalmente diversa. Refiro-me aos casos em que o falante impõe sua vontade ao ouvinte que, possivelmente, dará cumprimento à ordem recebida. Aqui, trata-se do imperativo, que, apesar da identidade de algumas formas, não se confunde com o subjuntivo, seja pela diversidade entoacional, seja pela posição assumida pelo falante, seja pela atitude a ser tomada pelo ouvinte.

¹⁴ Esses tipos de oração já foram comentados páginas atrás.

Proponho, então, que casos como os comentados acima sejam entendidos e analisados como resultantes do **condicionamento semântico** do próprio subjuntivo.

Uma vez que o falante pode expressar o seu envolvimento com a realidade extralingüística, posicionando-se e até mesmo escolhendo entre estruturas paralelas como as de indicativo e subjuntivo; uma vez que há palavras, que pela simples presença na frase levam ao uso desse modo, como são o advérbio **talvez** preposto ao verbo, conjunções como **embora**, **ainda que**, **se bem que**, entre outras; uma vez que grande parte das construções com subjuntivo transmitem as idéias próprias do subjuntivo, como de desejo, temeridade, hipótese, dúvida, sem ter havido a presença de palavras na frase que forçassem seu uso nem tampouco a escolha do falante, gostaria de concluir o pensamento sobre a modalidade subjuntiva dizendo que o uso do modo subjuntivo, embora seja questão complexa, fluida e delicada, é determinado pelo que chamo de **condicionadores**. Segundo o que pude deduzir do estudo que fiz, acredito que há, então, quatro tipos de condicionadores que determinam o uso do modo subjuntivo na língua portuguesa:

- **condicionadores morfo-sintáticos**
- **condicionadores lexicais**
- **condicionadores semânticos**
- **condicionadores subjetivos.**

2.4 - OS TEMPOS DO MODO SUBJUNTIVO

Os verbos são unidades do discurso capazes de situar temporalmente o momento do processo verbal, tanto em relação ao momento da fala quanto em relação a outro momento expresso contextualmente. No primeiro caso, estamos diante dos tempos verbais "absolutos". No segundo, diante dos tempos verbais "relativos".

Os primeiros, também chamados tempos fundamentais, situam o falante diante dos fatos mentalizados por ele ou contemporaneamente ou anteriormente ou posteriormente ao momento em que fala. São, portanto, o presente, o passado e o futuro, tempos que situam simplesmente o processo verbal na sucessão cronológica, chamados "tempos absolutos". Tudo isso com referência ao indicativo, onde os tempos absolutos são para o português: o presente, o pretérito perfeito e o futuro simples (também chamado futuro imperfeito e futuro do presente).

Segundo GILI GAYA (1978:150), a quem tomei essa nomenclatura, todos os outros tempos verbais seriam "tempos relativos". Estes são localizados temporalmente, como já disse, não mais em relação ao momento da fala, mas em relação a outro momento verbal, anteriormente expresso pelo enunciado. GILI GAYA chega a afirmar que "os tempos do subjuntivo seriam todos relativos ou indiretamente medidos" (GILI GAYA, 1978:152).

Acreditamos que o mesmo não se dê em português. Nas orações:

- (1) Salve-se quem puder!
- (2) Viva Sarinha!
- (3) Sejam as orações:...
- (4) Deus me livre!,

os verbos sublinhados estão no presente unicamente porque o falante se encontra no presente, pois não há aí nenhum outro elemento temporal que lhes tenha servido de base. Podemos deduzir, então, que o presente do subjuntivo tenha funcionado aí como tempo absoluto.

Porém, mesmo os tempos absolutos não representam valores fixos, já que podem ser usados de forma relativa, quando seu valor temporal é tomado a partir de outros elementos temporais presentes no enunciado. Quando inseridos em uma oração absoluta, podem ainda remeter a um tempo cronológico diverso do tempo gramatical, considerando-se esse emprego como figurado.

Assim, o tempo gramatical presente do indicativo, para dar apenas um exemplo, pode ter valor do tempo cronológico de futuro num contexto em que outros elementos determinem que assim seja. Na oração

- (5) Viajo amanhã,

apesar de o verbo viajar estar conjugado no presente, o advérbio amanhã lhe confere valor de futuro.

Assim, também o exemplo dado por GILI GAYA, traduzido para o português, confere, ao pretérito, valor de futuro:

(6) "Quando vires que o mundo te abandonou, refletirás sobre a condição dos homens."(id. ib.:152/3).

Porém, se é verdade que os tempos absolutos podem ser usados também relativamente, a recíproca não é verdadeira: estes não podem ser usados como absolutos.

Os tempos do modo subjuntivo são, na grande maioria das vezes, relativos, podendo ser, até mesmo, intemporais, como veremos adiante.

Foi pensando nesta relatividade dos tempos do subjuntivo que WEINRICH (apud KOCH, 1987) os chamou "semitempos", juntamente com as formas nominais, uma vez que vêm sempre "ligados a um tempo pleno, que lhes determina a situação comunicativa." (...) Não oferecendo nenhuma informação completa sobre o tempo, "os semitempos acham-se em dependência de outras fontes ligadas ao contexto lingüístico para completar sua informação."(KOCH, 1987:41/2).

A conjugação verbal portuguesa provém diretamente da latina, apesar de ter esta, na sua base, características predominantemente aspectuais, pois, não obstante sua divisão temporal, as idéias dos aspectos imperfectivo (*inflectum*) e perfectivo (*perfectum*) predominavam sobre as idéias temporais.

Sabe-se que, no latim, pertenciam ao *inflectum* todos os presentes e imperfeitos; e ao *perfectum*, todos os perfeitos e mais-que-perfeitos.

Além desses, havia as formas nominais, que, pelas formas e pelo emprego, participavam da natureza do verbo e do

nome (substantivo, adjetivo e advérbio).

Não é objetivo desse trabalho apresentar a evolução de todas as formas latinas para o português. Ele se limitará a relacionar os tempos do subjuntivo português com os tempos latinos que lhes deram origem.

O presente do subjuntivo português originou-se do presente do subjuntivo latino:

PORTUGUÊS		LATIM	
(1ª conj.)	ame	< amem	(1ª conj.)
(2ª conj.)	deva	< debam (por debeam)	(2ª conj.)
	venda	< uendam	(3ª conj.)
(3ª conj.)	ouça	< audiam	(4ª conj.)

O imperfeito do subjuntivo português originou-se de formas sincopadas do mais-que-perfeito latino:

PORTUGUÊS		LATIM	
(1ª conj.)	amasse	< amassem (por amauissem)	(1ª conj.)
(2ª conj.)	devesse	< debessem (por debuissem)	(2ª conj.)
	vendesse	< uendessem (por uendidissem)	(3ª conj.)
(3ª conj.)	punisse	< punissem (por puniuissem)	(4ª conj.)

O futuro do subjuntivo em português, espanhol, rumeno e em alguns dialetos italianos originou-se do futuro do perfeito e perfeito do subjuntivo pela quase identidade das formas:

	PORTUGUÊS		LATIM	
(1ª conj.)	amar	<	amaro (por amauero)	(1ª conj.)
(2ª conj.)	dever	<	debero (por debuero)	(2ª conj.)
	vender	<	uendero (por uendidero)	(3ª conj.)
(3ª conj.)	punir	<	puniro (por puniuero)	(4ª conj.)

Os tempos compostos foram criação românica, embora não fossem de todo desconhecidos do latim clássico, como testemunham Plauto, Catão, Cícero e Salústio, pelas palavras de GRANDGENT (apud COUTINHO, *Pontos de Gramática Histórica*, 1971: 277). Foram formados a princípio com o verbo **habere**, depois com **tenere**, acrescidos do particípio passado de outro verbo.

Em português, o auxiliar dos tempos compostos é o verbo **ter** (ou, mais raramente, **haver**). Sua forma completa, então, é o auxiliar **ter** seguido do particípio passado do verbo que se quer conjugar. As formas compostas da conjugação subjuntiva são: o pretérito perfeito, formado do presente do subjuntivo do verbo **ter** (ou **haver**) com o particípio do verbo principal; o pretérito mais-que-perfeito, formado do imperfeito do subjuntivo do verbo **ter** (ou **haver**) com o particípio do verbo principal; e o futuro

composto, formado do futuro simples do subjuntivo do verbo *ter* (ou *haver*) com o particípio do verbo principal.

As formas verbais do subjuntivo têm um caráter pronunciado de modalidade, decorrendo daí que os traços temporais não são tão marcantes e decisivos como os do indicativo. A denominação que se lhes dá, por vezes, é meramente um ponto de partida para situar o falante no contexto frasal, ou, o que é mais freqüente, situar temporalmente os processos verbais do enunciado.

Assim, uma mesma forma verbal pode ser intemporal ou pode servir para a indicação de mais de um valor temporal, como ficou demonstrado páginas atrás.

Os três tempos básicos do subjuntivo — presente, pretérito imperfeito e futuro simples — se por um lado se opõem cronologicamente, por outro se correlacionam em dois sistemas verbais excludentes, como veremos mais adiante.

Quanto aos valores relativos que podem ter os tempos do subjuntivo, podemos observar, através de exemplos, que o valor de presente pode ser expresso pelo próprio presente, pelo imperfeito ou pelo futuro mas nunca pelo passado. O presente do subjuntivo poderá indicar passado apenas em razão da "consecutio temporum" quando é usado na dependência temporal de um presente do indicativo, que tenha, também, o valor de presente histórico. Por exemplo:

- (7) É o dia 22 de abril. Um navegante vê sinais de terra e Cabral determina que se joguem as âncoras ao mar.

Se o narrador não desejasse presentificar os fatos no espírito do leitor, usaria o pretérito imperfeito (durativo) e o pretérito perfeito (pontual) do indicativo, no lugar do presente do indicativo; e, em conseqüência, o imperfeito do subjuntivo no lugar do presente do subjuntivo:

(7a) Era o dia 21 de abril. Um navegante viu sinais de terra e Cabral **determinou** que se **jogassem** as âncoras ao mar.

O imperfeito do subjuntivo pode indicar tanto o presente, quanto o passado ou o futuro.

O futuro do subjuntivo, por sua vez, tal qual o presente, só pode indicar o presente ou o futuro.

Assim, temos como situações:

- de presente:

(8) **Tenham** um bom Carnaval! (pres. do subj.)

(9) Pena que seus filhos não **gostem** daqui. (pres. do subj.)

(10) Se você **fosse** mais delicado, teria o carinho de todos. (imperf. do subj.)

(11) Oxalá agora **fossem** 10 horas! Ainda haveria tempo para eu viajar. (imperf. do subj.)

(12) "Se eu **for** doente **saberemos** logo." (fut. do subj.)
(TRAVAGLIA, 1986:187)

(13) "Se você **estiver** inocente, isto **será** provado."
(fut. do subj.) (id. ib.)

- de passado:

(14) Como **estivesse** doente, não pôde sair. (imperf. do subj.)

(15) Pena que todos já **tenham ido** embora. (pret. perf. do subj.)

(16) Caso **tivessem saído**, eu lhes deixaria o meu recado. (mais-que-perfeito do subj.)

- de futuro:

(17) Espero que **gostem** do pudim. (pres. do subj.)

(18) Havia um prêmio para quem **acertasse** na loto. (imperf. do subj.)

(19) Oxalá **chovesse** esta noite! (imperf. do subj.)

(20) Quando eu **for** presidente, haverá mais justiça. (fut. do subj.)

(21) Espero que vocês **tenham terminado** a prova quando eu voltar do café. (pret. perf. do subj.)

(22) Assim que a rosa **for apanhada** começará a murchar. (fut. comp. do subj.)

Todos os tempos do subjuntivo podem ser usados com valor temporal. Isto dependerá da posição em que se encontre o falante e dos elementos que ajudam o verbo a situar-se temporalmente.

Alguns desses tempos gramaticais podem ser usados intemporalmente. Este uso também depende do ambiente em que se encontra o verbo no subjuntivo. E um deles é marcado pela

presença na oração da expressão **como se**. Esta admite introduzir somente o imperfeito ou o mais-que-perfeito. Se introduz o imperfeito, este refletirá o mesmo tempo do verbo da oração principal. Se introduz o mais-que-perfeito, este designará tão somente anterioridade em relação ao verbo da oração principal. Vejamos alguns exemplos:

(23) Chora **como se tivesse** dor de dente.

(pres.) (pres.)

(24) Debateu-se na água **como se fosse** um peixe.

(pass.) (pass.)

(25) Chorará **como se fosse** carpideira de verdade.

(fut.) (fut.)

(26) Dança **como se tivesse aprendido** com Barishnikov.

(pres.) (tempo anterior ao pres.)

(27) Leu tão bem **como se tivesse passado** pela escola.

(pass.) (tempo anterior ao passado)

(28) Comerá tanto **como se tivesse estado** sem comer por dois dias.

(fut.) (tempo anterior ao futuro)

Por vezes, tempos gramaticais diversos podem exprimir o mesmo tempo cronológico como em:

(29) Oxalá **cheguem!** (pres. do subj. indicando ou pres. ou fut.)

(30) Oxalá **chegassem!** (imperfeito do subj. indicando ou pres. ou fut.)

Do ponto de vista do tempo denotado, as frases (29) e (30) são idênticas, pois podem ambas servir para expressar um fato tanto contemporâneo ao momento da fala, quanto posterior a ele. O que as diferencia é o grau maior de modalidade inserido no exemplo (30) com o uso do imperfeito. Nesta, o falante demonstra mais incerteza quanto à realização do fato que deseja.

Embora o modo subjuntivo tenha os três tempos, estes não podem ser usados tão livremente quanto os do modo indicativo. Há uma alternância de tempos em certas estruturas. Assim, em determinados contextos,

A) ora o imperfeito alterna com o presente, excluindo-se o uso do futuro do subj.:

(31) Talvez ele **falasse** ontem.

(32) Talvez ele **fale** hoje.

(33)* Talvez ele **falar** amanhã.

(34) Embora **trabalhasse**, nada conseguia.

(35) Embora **trabalhe**, nada consegue.

(36)* Embora **trabalhar**, nada conseguirá.

(37) Era preciso que você se **explicasse** melhor.

(38) É preciso que você se **explique** melhor.

(39)* Será preciso que você se **explicar** melhor.

B) ora o imperfeito alterna com o futuro, excluindo-se o uso do presente do subj.:

- (40) Se ele fosse médico, saberíamos logo.
- (41) Se ele for médico, saberemos logo.
- (42)* Se ele seja médico, sabemos logo.
- (43) Quem tivesse muito dinheiro, deveria reparti-lo.
- (44) Quem tiver muito dinheiro, deverá reparti-lo.
- (45)* Quem tenha muito dinheiro, deve reparti-lo.
- (46) Enquanto eu fosse presidente, haveria mais justiça.
- (47) Enquanto eu for presidente, haverá mais justiça.
- (48)* Enquanto eu seja presidente, há mais justiça.

2.5 - A MANIFESTAÇÃO DE ASPECTO NO MODO SUBJUNTIVO

Tradicionalmente, o aspecto tem sido considerado uma categoria verbal, associada à categoria mais ampla de tempo, ambas presentes numa mesma flexão verbal.

Da bibliografia que tive ocasião de consultar, relativamente ao aspecto, a definição de LUIZ CARLOS TRAVAGLIA (1985) foi a que me pareceu ser a mais clara, a mais objetiva e a mais completa. Por isso, achei que seria inútil tentar formular uma outra.

"Aspecto é uma categoria verbal de TEMPO, não dêitica, através da qual se marca a duração e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação" (TRAVAGLIA, 1985:53)

Tanto o aspecto quanto o tempo gramatical, como aliás também o modo, são veiculados cumulativamente por desinências chamadas modo-temporais. O aspecto e o tempo são categorias temporais que, se se confundem morfológicamente, não se confundem semanticamente.

O tempo gramatical é uma categoria dêitica, uma vez que situa os processos verbais em relação ao momento da fala ou em relação a outro tempo qualquer presente no enunciado. O aspecto é uma categoria não-dêitica, uma vez que se refere ao desenvolvimento do processo verbal dentro do tempo ou do momento da ação, considerado em si mesmo.

BERNARD COMRIE (1976) caracterizou a noção temporal de aspecto como sendo a maneira de ver a constituição temporal interna do processo, enquanto que o tempo gramatical o apresenta do ponto de vista externo.

O aspecto é uma categoria temporal expressa juntamente com o tempo propriamente dito, principalmente pelos morfemas verbais. São eles que trazem as diferenças entre o aspecto perfectivo do tempo chamado pretérito perfeito e o aspecto imperfectivo do tempo denominado pretérito imperfeito, como se pode ver nas formas verbais bebeu e bebia, respectivamente.

Nos verbos chamados de pretérito forte, pouco numerosos, o próprio semantema, mudando de forma, já estabelece diferença entre o aspecto perfectivo e o imperfectivo: trouxe e trazia, por exemplo.

O lexema, com sua carga de referência ao mundo exterior, também é responsável pela veiculação de aspectos.

Podemos nos reportar rapidamente, só a título de ilustração, ao aspecto pontual, presente em **partir** e ao aspecto durativo, presente em **morar**.

O aspecto pode se expressar, ainda, através de sufixos derivacionais como **-ecer**, para o aspecto incoativo, presente em **entardecer**; **-itar** e **-ejar**, para o aspecto iterativo, presente em **saltitar** e **voejar**.¹⁵

As perífrases são um recurso aspectual dos mais férteis na língua portuguesa, se não o mais fértil e produtivo de todos os outros. Através delas o falante é capaz de marcar minúcias no desenvolvimento interno do processo verbal, e operar mudanças no significado do próprio semantema. Tomemos um verbo que indica um processo considerado sem duração ou perfectivo, isto é, um verbo que, pela natureza do significado de próprio lexema, tem o início e o fim da ação em pontos coincidentes. Seja o verbo **partir**. Utilizando-me desse verbo, tentarei produzir frases em que as perífrases sejam de tal modo construídas, que tornem imperfectivas as ações expressas por elas. Julguei pertinente construir tais perífrases com uma das formas do subjuntivo, uma vez que esse é o tema em estudo:

- (1) Talvez o trem **esteja partindo** da estação agora.
(imperfectivo, cursivo, no presente)
- (2) Talvez o trem **esteja para partir** da estação.
(imperfectivo, iminente, no presente)

¹⁵Cf. CÂMARA Jr. J.M., **Dicionário de Filologia e Gramática**, 3ª ed. revista e aumentada, J.Ozen Editor, s/d. 1968, p.62.

- (3) Talvez o trem estivesse partindo da estação quando chegamos. (imperfectivo, continuativo, no passado)
- (4) Você queria que o trem ficasse partindo da estação toda a vida? (imperfectivo, durativo, no presente)
- (5) Quando esse trem acabar de partir eu ficarei mais sossegada. (imperfectivo, terminativo-iminente, no futuro)
- (6) Se o trem continuasse partindo daquela estação nós não o alcançaríamos nunca. (imperfectivo, continuativo, no presente)
- (7) Eu quero é que o trem continue partindo, não me interessa de onde. (imperfectivo, continuativo, no presente)
- (8) Eu quero é que o trem continue a partir, não me interessa de onde. (imperfectivo, continuativo, no presente)
- (9) Quando o trem estiver para partir, você acena. (imperfectivo, iminente, no futuro)
- (10) Quando o trem estiver começando a partir, você acena. (imperfectivo, inceptivo, no futuro)
- (11) Se o trem estivesse para partir, eu acenaria. (imperfectivo, iminente, no presente)
- (12) Se o trem estivesse começando a partir, eu acenaria. (imperfectivo, inceptivo, no presente)
- (13) Quando o trem estiver acabando de partir, o maquinista apita. (imperfectivo, terminativo-iminente, no futuro)

(14) Se o trem estivesse acabando de partir, o maquinista apitaria. (imperfectivo, terminativo-iminente, no presente)

As diferenças entre esses exemplos decorrem:

- a) do tipo de perífrase utilizado, isto é, do tipo de combinação entre um determinado auxiliar e uma determinada forma nominal:
 estar, ficar ou continuar + gerúndio;
 estar para, acabar de, continuar a + infinitivo;
 estar + gerúndio + a ou de + infinitivo, etc.
- b) do tempo verbal em que se encontra o auxiliar (presente, imperfeito ou futuro do subjuntivo);
- c) dos advérbios presentes nos enunciados;
- d) do contexto situacional (trem que parte da estação).

Retomemos o exemplo (1):

(1) Talvez o trem esteja partindo da estação agora.
 (imperfectivo, cursivo, no presente).

A noção aspectual é marcada não só pela imperfectividade, como pela visualização de início de ação proporcionada pelo presente do subjuntivo, momento coincidente com o momento da fala.

Consideremos agora o exemplo (3):

(3) Talvez o trem estivesse partindo da estação quando chegamos. (imperfectivo, continuativo, no passado).

Com o imperfeito, obtemos uma idéia de continuidade, de duratividade ausentes em (1). Essas idéias são próprias do imperfeito, que indica duração no passado, mas nada acrescenta a limites de tempo, tanto de início quanto de fim. Portanto, a diferença básica entre (1) e (3) é, principalmente, uma questão de limite. Enquanto (1) tem seu limite no início, (3) é totalmente desprovida desse traço. Isso, evidentemente, sem considerar que em (1) o tempo é absoluto, e em (3), é relativo.

Voltando a TRAVAGLIA, note-se que ele não considera que possa haver categoria de aspecto em flexões verbais que indiquem tempo futuro¹⁶, acredito que, nas perífrases, essa regra não seja de todo válida. É inegável o aspecto de iminência de ação proporcionado pelo conjunto **estiver para partir**, (apesar de o auxiliar encontrar-se numa forma subjuntiva) presente em (9):

(9) Quando o trem **estiver para partir**, você acena.
(imperfectivo, iminente, no futuro).

Creio que, através desses exemplos, fica evidenciado que um verbo pontual como o verbo **partir**, se for usado em forma perifrástica, pode ser visto nas suas múltiplas facetas de tempo interno. Essas fases temporais internas, sinais da imperfectividade, podem desaparecer, pois o subjuntivo possui formas capazes de conferir noção de perfectividade a verbos que, no próprio lexema apresente traços de imperfectividade

¹⁶Cf. TRAVAGLIA: **O Aspecto Verbal no Português: a categoria e sua expressão**. Ed. Rev. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, 1985, p.188.

como o verbo **pintar**:

- (15) Embora **tenha pintado** bem, ninguém reconheceu seu valor.
(perfectivo, no passado)
- (16) Se aquele pintor **tivesse pintado** melhor, seu valor
teria sido reconhecido. (perfectivo, no passado)
- (17) Quando eu **tiver pintado** esse quadro, vocês vão ver que
beleza! (perfectivo, no futuro)
- (18) Quando eu **tiver acabado de pintar** esse quadro, vocês
vão ver que beleza! (perfectivo, terminativo, no futuro).

Como não existe pretérito perfeito simples do subjuntivo, a expressão de perfectividade nesse modo, só é possível com as formas compostas. Trata-se, pois, de uma construção bem menos produtiva na língua.

Os adjuntos adverbiais são outros importantes meios assinaladores de aspecto. São eles que, associados ao verbo, introduzem várias noções aspectuais na frase. Obtemos, por exemplo, a noção de pontualidade ou de situação acabada, com o simples acréscimo a qualquer processo verbal da expressão "já era", de uso coloquial. Observe-se que o imperfeito "era" é normalmente indicador de aspecto imperfectivo. É o próprio advérbio "já" que, contaminando o verbo, confere a noção de processo acabado à expressão "já era":

- (19) Jovem que use terno e gravata, **já era!**

Também o aspecto freqüentativo de uma forma verbal subjuntiva pode ser reforçado por um adjunto adverbial:

(20) Embora Josefina **lave** esse chão **todos os dias**, não consegue clareá-lo.

A expressão **todos os dias** reforça a noção de habitualidade contida na expressão verbal a que se refere.

Outros recursos podem conferir aspecto aos diversos processos verbais do enunciado, como a repetição do verbo. MATTOSO CÂMARA comenta, por exemplo, o aspecto durativo do verbo **cair** na canção infantil "Cai, cai, balão..."¹⁷

Seria possível construir uma frase com o mesmo verbo no subjuntivo, conservando a noção de aspecto durativo através da repetição:

(21) Embora o balão **caísse, caísse, caísse**, não chegou a se incendiar.

A manifestação de aspecto no modo subjuntivo é bastante discreta, como se pôde notar no desenvolvimento desse capítulo. Sua forma mais produtiva encontra-se nas perífrases, onde concorrem vários fatores que fortalecem a manifestação do aspecto.

¹⁷CÂMARA Jr. J.M. *Princípios de Lingüística Geral*. 6ª ed., Rio de Janeiro, Padrão Livraria Editora, 1980, p.42.

3 - ANÁLISE CONTRASTIVA DO "CORPUS"

3 - ANÁLISE CONTRASTIVA DO "CORPUS"

3.1 - METODOLOGIA DA ANÁLISE E DA APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Conforme comentei na INTRODUÇÃO deste trabalho, o "corpus" a ser analisado é o resultado da redução de um outro mais amplo, composto de todas as estruturas frasais em que foi usado o modo subjuntivo, recolhidas das obras CODICE'80 e ANARQUISTAS, GRAÇAS A DEUS, já identificados bibliograficamente. Completam esse "corpus" as traduções das frases levantadas, para o português e para o italiano, respectivamente, feitas pela autora.

Nesse "corpus" reduzido, retiveram-se, conforme já foi explicado, apenas as estruturas que ofereceram contraste na TRADUÇÃO, em relação ao modo verbal, seja da língua portuguesa para a italiana, seja da italiana para a portuguesa. Os casos de identidade, no que diz respeito ao uso do subjuntivo, não são, portanto, componentes desse "corpus".

Uma vez observados e elencados os condicionadores do modo subjuntivo, durante a minha pesquisa teórica, achei que seria pertinente e comprovador de meus estudos e observações utilizar esse princípio na parte prática, aplicando-o à matéria textual que eu havia colhido.

Assim, pude observar que o modo subjuntivo é usado nas estruturas frasais tanto do português quanto do italiano por influência de fatores que provocam tal uso aos quais chamo condicionadores do subjuntivo.

Pode parecer que esta posição apenas repete, com nomenclatura diferente, teorias que afirmam ser o subjuntivo um modo verbal sempre dependente. Mas será apenas aparência, pois a dependência a que se referem tais teóricos é de natureza tão somente sintática. Haja vista a posição de estruturalistas ou de transformacionalistas, cujos trabalhos pertinentes ao tema do meu estudo foram comentados na revisão da bibliografia.

O que proponho com a adoção da terminologia **condicionadores** é a idéia de que o subjuntivo é usado quando determinados "motivos" se fazem sentir, sejam eles de natureza lingüística ou de natureza extra-lingüística, como quando se trata da intenção do falante ao se comunicar.

Pode-se falar de condicionadores lingüísticos, quando:

- a) o subjuntivo é usado nas estruturas frasais em que aparecem certas conjunções e pronomes aos quais dou o nome de **condicionadores morfo-sintáticos** do subjuntivo;
- b) o uso do subjuntivo é determinado por certas palavras de conteúdo nocional como alguns verbos, substantivos, adjetivos, advérbios, a que chamo **condicionadores lexicais** do subjuntivo;
- c) o subjuntivo é usado em decorrência de seus próprios valores modais, caso em que reconheço a presença de **condicionadores semânticos** do subjuntivo. Isto é: há momentos em que não existe, na estrutura lingüística, nenhum elemento gramatical que tenha levado o falante ao uso daquele modo. Somente os valores semânticos já reconhecidos no subjuntivo explicam o seu uso na frase.

É mister observar que os valores semânticos do subjuntivo se infiltram sempre na oração onde ele aparece. Ou seja, encontramos sempre seus valores semânticos, apesar de seu uso ter sido determinado pela presença de um outro tipo de condicionador.

Com relação aos condicionadores extra-lingüísticos, começo por lembrar que todas as frases proferidas pelo falante são motivadas pela sua intenção ao se expressar.

Se é verdade que ao falante não é dado o poder de interferir no sistema da língua, por outro lado, sabe-se que, na instância da fala, ele tem o poder da escolha. Esse poder se manifesta na escolha, por exemplo, em função de suas intenções, entre um ou outro modo verbal, sem que haja desvio — digamos assim — das regras do sistema lingüístico. Observei que tal fato era possível em se tratando dos modos, particularmente do modo subjuntivo, quando é conferida ao falante — dentro do mesmo ambiente lingüístico — a escolha de um modo — indicativo ou subjuntivo — de acordo com suas intenções comunicativas. Haja vista o exemplo de orações adjetivas como: "Quero achar um gato que não mie de noite" / "Quero achar um gato que não mia de noite." Acredito, então, que esses casos em que o falante tem o poder de decisão na escolha do modo verbal a ser usado, conforme suas intenções expressivas, sejam fruto de condicionadores subjetivos. Uso, por coerência, a expressão **condicionadores subjetivos do subjuntivo**.

Resumindo, podemos elencar os seguintes tipos de

condicionadores:

- a) condicionadores morfo-sintáticos;
- b) condicionadores lexicais;
- c) condicionadores semânticos;
- d) condicionadores subjetivos.

Serão essas as diretrizes da minha pesquisa para a análise de exemplos que apresento a seguir e que foram selecionados do "corpus" a que já me referi.

As frases retidas para a exemplificação serão apresentadas primeiramente nas línguas originais e acompanhadas da respectiva tradução, de minha autoria, como já disse. Serão precedidas de um número de ordem, seguido de C ("corpus") ou de T (tradução), o todo entre parênteses. Caso seja necessária uma exemplificação minha, independente do "corpus", utilizarei a mesma seqüência numérica, sem as letras C e T. Em seguida aos exemplos, virá a sua localização no original, indicada pela inicial da obra, dois pontos e número da página. Por exemplo: (C:31), leia-se "Codice 80, p.31"; (A:40), leia-se "Anarquistas, Graças a Deus, p.40".

Em cada frase, virão em **negrito** a forma verbal em estudo no momento e o seu condicionador, se for o caso. Depois da exemplificação, será apresentado um pequeno quadro que sintetiza o uso lingüístico nele ocorrido, sempre em relação ao subjuntivo. Isto é, haverá sempre o realce dado ao uso do modo subjuntivo e à sua forma correspondente na tradução, seja do português para o italiano, seja vice-versa. Não se trata,

portanto, do esquema de uma regra geral da língua, mas do resumo do fato observado naquele(s) exemplo(s) do "corpus".

A esse quadro seguir-se-ão comentários relativos ao uso em questão, tanto em português quanto em italiano. Eventualmente, esses comentários poderão ser reforçados por outras observações julgadas pertinentes, ilustradas por exemplos meus ou retirados de gramáticas.

3.2 - CONDICIONADORES MORFO-SINTÁTICOS

Alguns instrumentos gramaticais podem ser condicionadores morfo-sintáticos do modo subjuntivo. Estão nesse caso conjunções, advérbios, pronomes e expressões verbais, conforme documentação colhida no meu "corpus".

3.2.1 - CONJUNÇÕES CONCESSIVAS

3.2.1.1 - mesmo que

(1C) "Eu me acotovelava entre elas e, mesmo que não chegasse a matar a minha inventada sede, pelo menos molhava o vestido." (A:26)

(1T) "Facevo a gomitate tra di loro e, anche se non riuscivo a saziare la mia sete finta, mi bagnavo almeno il vestito."

(2C) "Mesmo que houvesse lugar no banco, mamãe me punha sentada em seu colo ou mantinha-me de pé, caso o colo estivesse ocupado com sacolas e embrulhos, o que não era raro." (A:39)

- (2T) "Anche se c'era posto sul banco, la mamma mi teneva seduta sul suo grembo o mi teneva in piedi, se per caso questo fosse occupato con sporte o pacchi, cosa non rara."
- (3C) "Le mani vanno pulite dopo ogni lavoro che le abbia sporcate (anche se lo sporco non si vede), e comunque prima di ogni pasto o di toccare cibi." (C:8)
- (3T) "As mãos devem ser lavadas depois de qualquer trabalho que as tenha sujado (mesmo que não se veja a sujeira), e naturalmente antes de cada refeição ou antes de tocar qualquer alimento."

3.2.1.2 - embora

- (4C) "...uno dei doveri dell'uomo è quello di lottare contro le ingiustizie, anche se non è necessario che la lotta sia sempre e comunque violenta." (C:121)
- (4T) "...um dos deveres do homem é o de lutar contra as injustiças, embora não seja necessário que a luta seja sempre e de qualquer modo violenta."

3.2.1.3 - ainda que

- (5C) "È una Costituzione rinnovatrice, progressiva che mira alla trasformazione di questa società in cui può accadere che, anche quando ci sono le libertà giuridiche e politiche, esse siano rese inutili dalle disuguaglianze economiche e dalla impossibilità, per molti cittadini, di essere persone." (C:180)
- (5T) "É uma Constituição renovadora, progressista, que aspira à transformação desta sociedade, onde pode acontecer que, ainda que haja liberdades jurídicas e políticas, estas

sejam neutralizadas pelas desigualdades econômicas e pela impossibilidade, para muitos cidadãos, de serem pessoas.

Esquema dos usos encontrados:

PORTUGUÊS	ITALIANO
1) mesmo que + SUBJ.(imperf.) ___	anche se + IND.(imperf.)
2) mesmo que + SUBJ.(pres.) ___	anche se + IND.(pres.)
3) ainda que + SUBJ.(pres.) ___	anche quando + IND.(pres.)
4) embora + SUBJ.(pres.) ___	anche se + IND.(pres.)

No português atual, o subjuntivo, nas orações adverbiais, parece ser condicionado pelas conjunções próprias a cada tipo de oração.³⁰ Assim, este deve ser, sem dúvida, um fato de regência.

Nas orações concessivas, o subjuntivo é, pois, de uso obrigatório no português contemporâneo:

(6) Embora tenha estudado, não fez boa prova.

(7)* Embora estudou, não fez boa prova.

(8) Ainda que o tivesse visto, não o teria cumprimentado.

(9)* Ainda que o tinha visto, não o teria cumprimentado.

(10) Por mais que a quisesse de volta, não deu o braço a torcer.

(11)* Por mais que a queria de volta, não deu o braço a torcer.

Em italiano, a regra das conjunções concessivas que

³⁰Cf. CUNHA, C. e CINTRA, L. op. cit.: p.458.

regem o subjuntivo é quase geral, pois em meio a tantas dessas conjunções concessivas, somente "anche se" e "anche quando" regem o indicativo. É o que se pode observar nos exemplos de Katerinov:

- (12) "Benché piovesse, uscirono lo stesso.
 (13) Malgrado avessero cominciato tardi, finirono tutto il lavoro.
 (14) Per quanto tutti mi sconsigliano, lo farò lo stesso.
 (15) Anche se pioveva, uscirono lo stesso.
 (16) Anche quando gliel'ho spiegato in tutti i particolari, non ci ha capito nulla."³¹

3.2.2 - CONJUNÇÕES CONDICIONAIS

3.2.2.1 - Se

- (17C) "— E se eu o substituir agora por um automóvel? — pilheriou papai." (A:14)
 (17T) "— E se lo sostituisco ora con un'automobile? — ha scherzato papà."
 (18C) "Se for para meter essas 'stupidaggini' na cabeça dos meninos, nem me apareça mais por aqui." (A:57)
 (18T) "Se vieni a mettere queste stupidaggini in testa ai bambini, è meglio che tu non torni più."
 (19C) "E, se for mesmo um ladrão e eu gritar?" (A:68)
 (19T) "E se è veramente um ladro e io grido?"

³¹KATERIN, K. La Lingua Italiana per Stranieri. Corso Superiore. op. cit.: p.63.

- (20C) "Se você quiser posso até tapar os ouvidos e ler em voz alta, sem escutar..." (A:92)
- (20T) "Se vuoi, posso anche chiudere le orecchie e leggere ad alta voce, senza sentire..."
- (21C) "— Juro que se ele vier filar a bóia hoje e atrasar a minha vida, ele me paga!" (A:95)
- (21T) "— Giuro che se oggi viene a scroccare il pranzo e mi fa tardare, lui mi paga!"
- (22C) "Temos uma reunião muito importante, vamos discutir um assunto que, se der certo, vai ser muito bom para nós."
(A:98)
- (22T) "Abbiamo una riunione molto importante, discuteremo su una faccenda che, se andrà a buon fine, sarà bene per tutti noi."
- (23C) "— Mas, mamãe! Se papai descobrir uma coisa dessas!"
(A:104)
- (23T) "— Ma, mamma! Se il papà scopre una cosa così!"
- (24C) "— Se precisar fazer alguma necessidade, tem uma privada na garagem mesmo." (A:104)
- (24T) "Se ha bisogno di andare al gabinetto, ce ne è uno proprio in garage."
- (25C) "...se o senhor parar um pouco essas músicas, eu posso cantarolar um pedacinho dela [=da minha]," (A:117)
- (25T) "...se Lei smette di suonare queste canzoni, posso canticchiarne un pezzetto, della mia,"

- (26C) "...se eu me denunciar, levo os maiores cascudos de minha vida." (A:120)
- (26T) "...se dico che sono stata io, prendo le maggiori bastonate della mia vita."
- (27C) "Se mamãe se convencer de que foi Cláudio, ele não levará cascudo nenhum," (A:120)
- (27T) "Se la mamma si convincerà che è stato Claudio, lui non prenderà nessuna bastonata,"
- (28C) "— Se eu for ela vai me sair com um quente e outro fervendo." (A:131)
- (28T) "— Se ci vado io, lei mi riceve a ferro e fuoco..."
- (29C) "Se for esse o motivo — dirigiu-se a mim — teu Diretor vai ouvir poucas e boas!" (A:251)
- (29T) "Se è questo il motivo — si è diretto a me — il tuo Direttore ne sentirà delle belle!"
- (30C) [Se] "Não fosse ágil, [se] não saísse correndo, levaria uns bons petelecos." (A:260)
- (30T) [Se] "Non fosse stato agile, [se] non fosse uscito di corsa, avrebbe preso dei buoni buffetti."
- (31C) "Se Ernesto desconfiasse que ela andava jogando no bicho..." (A:66)
- (31T) "Se Ernesto avesse sospettato che lei giocava al lotto..."
- (32C) "Se vuoi, raccogli altre informazioni intervistando un nonno che da giovane abbia lavorato in fabbrica." (C:118)

- (32T) "Se você quiser, recolha outras informações entrevistando um avô que, quando jovem, tenha trabalhado numa fábrica."
- (33C) "Quanto spenderà la mamma se ricoprirà questo tavolo con una stoffa che costa 12.000 lire al metro quadrato?"
(C:293)
- (33T) "Quanto a mamãe gastará se forrar esta mesa com um tecido que custa 12.000 liras o metro quadrado?"

Esquema dos casos observados:

PORTUGUÊS		ITALIANO
1) se + SUBJ.(fut.)	——	se + IND. (pres. ou fut.)
2) se + SUBJ.(imperf.)	——	se + SUBJ.(mais-que-perf.)

Como se vê, o problema maior na tradução decorre da inexistência do futuro do subjuntivo em italiano. Para a escolha de tempos verbais correspondentes ao futuro do subjuntivo do português, fez-se necessário respeitar o ambiente lingüístico das frases.

Assim, em (17C) e em (21C), os advérbios de tempo *agora* e *hoje* fizeram com que se usasse o presente do indicativo na tradução. Em (18C), (20C), (24C), (25C), (26C), (28C) o que determinou a substituição do futuro do subjuntivo pelo presente do indicativo foi a presença de outro verbo no tempo presente.

Em (32C), partiu-se do italiano, "mutatis mutandis"; o motivo da substituição do tempo foi o mesmo.

Em (29C), como "o motivo" existe a partir do presente, apesar de ser desconhecido, preferiu-se o uso do presente.

Em (22T) e (27T) usou-se o futuro do indicativo por causa da presença de outro futuro no período, sendo as ações contemporâneas. Também em (33T), a tradução do futuro do subjuntivo em português foi devida ao ambiente lingüístico proporcionado por outro verbo no futuro.

Em (19T) e (23T) o contexto em que tais construções estavam inseridas fez com que se preferisse o presente. O contexto também foi decisivo na escolha do "trapassato del congiuntivo" (mais-que-perfeito do subjuntivo) e do "condizionale passato" (futuro do pretérito composto do indicativo) em (30T), pois vêm indicar ações que não se concretizaram ("periodo ipotetico della irrealità"). No português, o imperfeito do subjuntivo pode ser usado pelo mais-que-perfeito do subjuntivo, assim como o futuro do pretérito simples pode ser usado pelo futuro do pretérito composto, indicando ações passadas. Já no italiano, é de rigor o uso dos tempos compostos citados.

Em (31T) o "trapassato del congiuntivo" (mais-que-perfeito do subjuntivo) substituiu o imperfeito do subjuntivo português pelo fato de que a suspeita veio se estendendo desde o passado.

As orações condicionais em que se emprega o futuro do subjuntivo em português e o presente do indicativo em italiano

indicam fatos que podem vir a se concretizar (eventualidade). Tal é o caso de (17C) a (21C), de (23C) a (26C), de (28C) e de (32C).

Apesar do uso do presente do indicativo em (32C) no período em italiano, não podemos afirmar que estamos diante de um período hipotético da realidade ("período ipotetico della realtà"), pois o verbo da oração principal não exprime a consequência da oração condicional. Exprime, isso sim, uma eventualidade: "Se vuoi" = "se per caso tu voglia, raccogli altre informazioni..."

Em português, o subjuntivo é de regra em alguns tipos de período hipotético iniciados por *se*, onde há certa restrição quanto aos tempos verbais possíveis. Isto é, somente o pretérito imperfeito e o futuro (formas simples e compostas) podem fazer parte desse padrão lingüístico, excluindo-se o presente, tanto em forma simples quanto em composta. Assim, teremos:

(34) *Se fosse verdade, eu partiria agora mesmo.*

(35) *Se tivesse sido verdade, eu teria partido agora mesmo.*

(36) *Se for verdade, eu partirei agora mesmo.*

(37) **Se seja verdade, eu parto agora mesmo.*³²

Em italiano, o subjuntivo é de regra em períodos hipotéticos, alternando, às vezes, é verdade, com o indicativo:

³²Essas estruturas e outras mais em que aparece essa alternância temporal foram comentadas no capítulo sobre "Os Tempos do Subjuntivo".

- (38) "Se lo chiamassi, ti risponderebbe."
 (39) "Se per caso ti sentissi male, chiama subito l'infermiere."
 (40) "Se gli avessi mandato la cartolina, sarebbe stato più grato."
 (41) "Se allora non avesse perduto il lavoro, ora non avrebbe problemi economici."
 (42) "Se fosse una persona generosa, ti avrebbe aiutato."³³

3.2.3 - CONJUNÇÕES TEMPORAIS

3.2.3.1 - antes que

- (43C) "Despertou com os berros de dona Caropita que, não gostando nem um pouco da brincadeira, possuessa, ordenava que levassem aquele bode "puzzolento" antes que ele acabasse secando o leite de suas pobres e indefesas cabras." (A:81)
- (43T) "Si è destata con le grida di donna Caropita a cui non piaceva affatto lo scherzo, e ossessa, ordinava che portassero via quel caprone puzzolento prima che finisse per far seccare il latte delle sue povere e indifese capre."

Esquema do uso observado:

PORTUGUÊS	ITALIANO
1) antes que + SUBJ. (imperf.) + ger.	prima che + SUBJ.(imperf.) + per + inf.

³³Os exemplos (41) e (42) foram tomados a KATERINOV, K. La Lingua Italiana per Stranieri. Corso Superiore. op. cit.: p.82.

A particularidade que se nota em (42C) está nas formas nominais que se seguem ao imperfeito do subjuntivo, em decorrência de diferença de estrutura nas expressões perifrásticas: port.: acabar + gerúndio e it.: "finire" + "per" + inf.

A idéia de futuridade trazida pela conjunção **antes que** e reforçada por **acabar** + gerúndio em português é obtida através da conjunção **prima que**, reforçada pela preposição "per" + infinitivo. Esse, porém, não é um problema do subjuntivo.

Em português, as orações temporais que têm como conjunção **antes que** parecem ter sempre o verbo no subjuntivo, nas formas de presente e de imperfeito (tempos simples e compostos). Compare-se esse uso com o uso agramatical do indicativo:

(44) Corra, **antes que seja** tarde demais!

(45)* Corra, **antes que é** tarde demais!

(46) Foi dormir **antes que** o sol **sumisse** no horizonte.

(47)* Foi dormir **antes que** o sol **sumia** no horizonte.

(48) Pode se servir à vontade, mas nunca **antes que** alguém lhe **ofereça**.

(49)* Pode se servir à vontade, mas nunca **antes que** alguém lhe **oferece**.

(50) Mamãe mandou perguntar se pode servir a salada **antes que** o almoço fique pronto.

(51)* Mamãe mandou perguntar se pode servir a salada **antes que** o almoço fica pronto.

(52) **Antes que eu tivesse jantado**, o telefone me chamou.

(53)* Antes que eu tinha jantado, o telefone me chamou.

As outras conjunções temporais que podem ser usadas com subjuntivo não são do âmbito exclusivo deste. Seu uso depende do ambiente lingüístico em que se encontram.

A conjunção correspondente a antes que em italiano, "prima che", também condiciona sempre o aparecimento do subjuntivo:

(54) Corri alla stazione, prima che sia troppo tardi!

(55)* Corri alla stazione, prima che è troppo tardi!

(56) Luigi è andato alla posta, prima che piovesse.

(57)* Luigi è andato alla posta, prima che pioveva.

(58) Gianna coglierà i fiori prima che appassiscano.

(59)* Gianna coglierà i fiori prima che appassiscono.

3.2.3.2 - quando

(60C) "Eu como quando voltar." (A:32)

(60T) "Mangio quando torno." (quando tornerò)

(61C) "...a menina também homenagearia os patrícios, teria o que contar quando crescesse." (A:49)

(61T) "...anche la bambina farebbe il suo omaggio ai compaesani, e da grande avrebbe qualcosa da raccontare.

(62C) "Experimente daqui a pouco, quando der meio-dia..."
(A:57)

(62T) "Prova fra poco, quando sarà mezzogiorno..."

- (63C) "Hoje, quando tio Angelim chegar, ele vai contar uma porção de histórias..." (A:59)
- (63T) "Oggi, quando arriverà, zio Angelim racconterà un mucchio de storie..."
- (64C) "...Maria, você vai aprender tudinho quando já estiver se preparando para ser professora de escola..." (A:108)
- (64T) "...Maria, imparerai proprio tutto quando ti starai preparando per essere maestra..."
- (65C) "Quando meus filhos crescerem, cada qual escolherá seu caminho:" (A:183/4)
- (65T) "Quando i miei figli saranno grandi, ognuno sceglierà la propria strada:"
- (66C) "Eu não me ofenderei (...) se cada um de vocês, meus filhos, se batizar, (...) quando forem maiores e souberem escolher." (A:184)
- (66T) "Non mi offenderò (...) se ognuno di voi, figli miei, si farà battezzare, (...) quando sarete più grandi e saprete scegliere."
- (67C) "Quando crescerem não poderão me acusar de tê-los encaminhado para uma determinada religião..." (A:184)
- (67T) "Quando sarete grandi non potrete accusarmi di avervi imposto una religione specifica..."
- (68C) "Aggiungi a tutto questo la tensione continua dei nervi di fronte a un nemico che non dà tregua ed è capace di

stare agguato ore e ore finché fa partire **quando** meno te lo aspetti il colpo sicuro che ti ammazza..." (C:158)

(68T) "Acrescente a tudo isso a tensão contínua dos nervos diante de um inimigo que não dá trégua e é capaz de ficar escondido horas e horas até lançar, **quando** você menos espera, o golpe seguro que acaba com você..."

Representação esquemática dos usos encontrados:

PORTUGUÊS	ITALIANO
quando + SUBJ.(fut.)	— quando + IND.(pres. ou fut.)
quando + SUBJ.(imperf.)	— sintagma adverbial
quando + IND.(pres.)	— quando + SUBJ.(pres.)

No caso do uso do subjuntivo em português, é o condicionador morfo-sintático (**quando**) aliado à noção temporal do verbo, que confere o sentido de futuridade aos exemplos (60C) e de (62C) a (67C). O imperfeito em (61C) acrescenta à idéia da futuridade, também a idéia da possibilidade.

A tradução do presente do subjuntivo do italiano para o português em (68T) fez-se com o presente do indicativo, uma vez que se quer indicar a certeza, idéia que se acha presente no original. Considere-se também que, em português, a seqüência **quando** + presente do subjuntivo seria menos aceitável, no caso. Seria possível, se se quisesse realçar o traço temporal, a tradução com o futuro do subjuntivo ("quando você menos

esperar") — o que não foi feito em consideração à concordância dos tempos em todo o período.

Note-se que, em (61C), a conjunção **quando** + verbo no imperfeito do subjuntivo em português foram substituídos pela locução "da grande" no italiano em (61T).

Em português, a conjunção **quando** pode ser usada com os três tempos do modo subjuntivo:

(69) — Compadre, volte **quando** quiser.

(70) Disse ao compadre que voltasse **quando** quisesse.

(71) — Voltarei, disse o compadre. — **Quando** queira, respondeu o outro.

Em italiano, na falta do futuro do subjuntivo, usa-se o presente deste:

(72) — Compare, ritorna **quando** tu voglia.

(73) Ha detto al compare che ritornasse **quando** volesse.

(74) — Ritornerò, ha detto il compare. — **Quando** tu voglia, ha risposto l'altro.

3.2.3.3 - enquanto

(75C) "— Rocco Andretta — começou, duro — **enquanto** eu pagar o aluguel desta casa, faço o que quiser e bem entender."
(A:16)

(75T) "— Rocco Andretta — ha cominciato, duro — **finché** pago io l'affitto di questa casa, faccio ciò che voglio e come voglio."

(76C) "Não era homem para andar de luvas, empertigar-se ao abrir portas de carros, permanecer imóvel como estátua enquanto os patrões subissem ou descessem do automóvel, receber ordens." (A:13)

(76T) "Non era un tipo d'uomo che usava guanti, che si raddrizzava ad aprire le portiere delle macchine, rimanendo immobile come una statua mentre i padroni salivano o scendevano dall'automobile, insomma, che riceveva ordini."

Esquema dos casos observados:

PORTUGUÊS		ITALIANO
enquanto + SUBJ.(fut.)	—	finché + IND.(pres.)
enquanto + SUBJ.(imperf.)	—	allorché + IND.(imperf.)

A conjunção portuguesa **enquanto** é indicativa de contemporaneidade de ações entre a oração principal e a oração subordinada.

Em italiano, a conjunção **finché** em (75T) é a mais apropriada para indicar o decorrer de uma ação até um certo ponto. Em (76T), a conjunção **mentre** indica a contemporaneidade de ações.

Em (75C) a contemporaneidade de tempo presente é expressa através do verbo **pagar** que, apesar da flexão no futuro possui valor temporal de presente. Daí a preferência, em (75T) pela tradução do futuro do subjuntivo em presente do

indicativo, uma vez que contextualmente o presente do subjuntivo não seria possível.

Em (76C) e em (76T), a contemporaneidade de ações é alcançada através do imperfeito: do subjuntivo em português, do indicativo em italiano, além do valor das conjunções **enquanto** para o português, **mentre** para o italiano, comentado acima.

A conjunção italiana "mentre" faz a conexão entre a oração principal e a subordinada quando os verbos exprimem processos contemporâneos trazendo, também, a idéia de continuidade, ou melhor, de desenvolvimento paralelo de dois processos:

(77) **Mentre vivo, lavoro.** (contemporaneidade - continuidade)

A conjunção "finché" traz idéia de contemporaneidade que se extingue num determinado momento:

(78) **Finché vivo, lavoro.** (contemporaneidade)

Quanto ao modo condicionado pela conjunção **enquanto** pode ser tanto o subjuntivo (imperfeito ou futuro), quanto o indicativo (presente, pretérito perfeito ou imperfeito):

(79) **Enquanto cozinho, lavo esses pratos.**

(80) **Enquanto cozinhei, lavei esses pratos.**

(81) **Enquanto cozinhava, lavava esses pratos.**

(82) **Enquanto cozinhasse, lavaria esses pratos.**

(83) **Enquanto cozinhar, lavarei esses pratos.**

(84) ***Enquanto cozinharei, lavarei esses pratos.**

(85) ***Enquanto cozinhe, lavo esses pratos.**

Quando o tempo cronológico for o futuro, só se admite o futuro do subjuntivo, que, como em muitos outros casos, implica a exclusão do presente do subjuntivo.

3.3 - CONDICIONADORES LEXICAIS

3.3.1. VERBOS

3.3.1.1. Dizer

(86C) "— Olhe, Hilda, diga pra Regina que esteja aqui com você antes das sete." (A:32)

(86T) "— Senti, Hilda, di' a Regina di essere qui con te prima delle sette."

Esquema do uso:

PORTUGUÊS	ITALIANO
dizer + SUBJ.(pres.)	———— "dire" + "di" + inf.

Em português, verbos que indicam uma ordem atenuada, um pedido, condicionam o subjuntivo. Esses verbos trazem idéia de algo por fazer, algo por executar, algo por continuar a fazer ou, mesmo, no sentido negativo, deixar de fazer.³⁴ Vejamos alguns exemplos com outros verbos da mesma natureza e que também funcionam como condicionadores lexicais do subjuntivo:

(87) Papai **permite** que eu também vá.

³⁴Cf. SAID ALI, M. *Gramática Secundária*. op. cit.: p.169.

- (88) Papai permitiu que eu também fosse.
- (89) Papai consente que eu também vá.
- (90) Papai consentiu que eu também fosse.
- (91) Papai admite que eu também vá.
- (92) Papai admitiu que eu também fosse.
- (93) Papai impede que eu também vá.
- (94) Papai impediu que eu também fosse.
- (95) Papai proibe que eu também vá.
- (96) Papai proibiu que eu também fosse.
- (97) Papai aconselha que eu também vá.
- (98) Papai aconselhou que eu também fosse.
- (99) Papai ordena que eu também vá.
- (100) Papai ordenou que eu também fosse.
- (101) Papai faz com que eu também vá.
- (102) Papai fez com que eu também fosse.

Quanto a (86T), a tradução com uma oração reduzida de infinitivo é possível por causa da natureza semântica do verbo da oração principal, e, ainda, pela proximidade do complemento — "a Regina" — em relação à oração reduzida, na qual funciona como sujeito lógico.³⁵

Verbos como os que foram comentados para o português

³⁵Cf. BATTAGLIA, S. & PERNICONE, V.: op. cit.: p.529.

nos exemplos acima permitem, pois, no italiano, uma construção própria dessa língua, de certo modo insólita, isto é, uma construção oracional numa forma reduzida de infinitivo embora os sujeitos não sejam coincidentes. Digo que se trata de uma construção de certo modo insólita na língua, porque esse tipo de construção normalmente só é possível quando o sujeito da oração reduzida for idêntico ao da principal. Vejamos alguns exemplos com sujeitos idênticos:

(103) "Carlo **spera di essere** capace di leggere in francese.
(lui - lui)"

(104) "Penso **di comprare** il libro domani. (io - io)"

Passemos agora a outros exemplos, com verbos de natureza semântica semelhante à que examinamos no exemplo do "corpus":

(105) "Ti **raccomando di fare** presto. (io - tu)"

(106) "Lui mi **ordina di restare**. (lui - io)"

(107) Noi **preghiamo l'amico di accompagnarci**. (noi - lui)

Já os verbos que condicionam o subjuntivo, mas não significam ordem, atenuada ou explícita (como os de pedido, de ordem, de recomendação, de desejo), não admitem construção com oração reduzida, se os sujeitos não forem coincidentes.

Vejamos algumas construções em que o verbo da oração principal, que condiciona o aparecimento do subjuntivo na subordinada, tem natureza semântica diversa da dos verbos

supra-citados:

(108) "Penso de essere promossa. (io - io)"

(109) "Penso che (voi) siate promosse. (io - voi)"

(110) "Temo di non averti capito. (io - io)"

(111) "Temo che (loro) non mi abbiano capito. (io - loro)"

Somente quando há identidade de sujeito entre a oração principal e a reduzida é possível — com verbos dessa natureza — o tipo de construção com oração reduzida de infinitivo.

3.3.1.2. Recomendar

(112C) "[Mamãe] entregou à Wanda um buquê de angélicas, recomendando-lhe que espalhasse sobre o corpinho da menina." (A:49)

(112T) "[La mamma] ha consegnato a Wanda un mazzo di angeliche, raccomandandole di spargerlo sul corpicino della bambina."

Representação esquemática do uso observado:

PORTUGUÊS	ITALIANO
recomendar + SUBJ. (imperf.)	"raccomandare" + "di" + inf.

O verbo **recomendar** funciona como condicionador do modo subjuntivo pelos motivos expostos em 3.3.1.1. Pode-se, no entanto, fazer algumas observações quanto aos tempos verbais.

Estando o verbo **entregar** num tempo pretérito, que se reflete sobre o gerúndio da oração reduzida, e havendo a necessidade de dar idéia de futuridade relativa na oração subordinada, foi necessário o uso do imperfeito do subjuntivo. Se, porém, o verbo **entregar** estivesse no presente, esse presente se refletiria sobre o gerúndio, que seria completado na subordinada por um presente do subjuntivo:

(113) [Mamãe] **entrega** à Wanda um buquê de angélicas, **recomendando-lhe** que **espalhe** sobre o corpinho da menina.

(113T) "[La mamma] **consegna** a Wanda um mazzo di angeliche, **raccomandandole** di **spargerlo** sul corpicino della bambina."

Por uma razão lógica, os tempos compostos do subjuntivo, que encaram a ação como já realizada, não têm vez em exemplos dessa natureza.

O problema da concordância temporal não existe na oração reduzida de infinitivo, da mesma forma que na de gerúndio: em ambos os casos, as formas nominais assumem o valor semântico do tempo da principal.

3.3.1.3. Pensar

(114C) "Tentou explicar à criança, depois à mãe pessoalmente, que eles não **pensassem** que ela queria roubar a pomada, que ela tinha a dela..." (A:82)

(114T) "Ha provato di spiegare al bambino e dopo alla madre personalmente, affinché non **pensassero** che volesse

tenersi la pomata, che lei aveva la sua..."

Esquema do caso:

PORTUGUÊS	ITALIANO
pensar + IND.(imperf. ou fut. do pret.)	"pensare" + SUBJ. (imperf.)

A princípio, parece que a forma "queria" da oração objetiva direta em (114C) é uma forma flexionada no imperfeito do indicativo. Mas tal aparência pode ser contestada, uma vez que o imperfeito do indicativo não poderia ser o tempo do verbo **roubar**, sem modificar o sentido do texto:

(115)* ...não pensassem que ela roubava a pomada.

Compatível com a idéia que o período nos traz seria a forma seguinte, com o verbo **roubar** flexionado no futuro do pretérito do indicativo:

(116) ... não pensassem que ela roubaria a pomada.

Sabe-se que a forma de futuro do pretérito do indicativo do verbo **querer** possui uma seqüência fônica constituída por sílabas consecutivas iniciadas pela mesma consoante, a saber: **quereria**.

A existência histórica de vários casos de haplologia (*bondadoso > bondoso, * caridadoso > caridoso)' e, ainda, o pouco uso que tenho observado da forma **quereria**, que aliás

creio nunca ter ouvido, levaram-me à hipótese de que **queria**, do exemplo do "corpus", pudesse ser uma redução, por haplologia, da forma **quereria**. Vejamos os exemplos seguintes, com sinônimos de **quereria** na oração principal. Seria possível dizer:

(117) Eu **gostaria** de te ver hoje.

(118) Eu **pretenderia** te ver hoje.

(119) Eu me **contentaria** com te ver hoje,

mas parece pouco provável que se dissesse:

(120) Eu **quereria** te ver hoje,

embora a frase seja gramatical.

Não há propriamente erro em (120), mas um "desconforto fonético", razão pela qual creio que se prefere a forma resultante da haplologia, coincidente com a forma de imperfeito do indicativo:

(121) Eu **queria** te ver hoje.

Ora, é exatamente esta a forma que aparece no período fazendo conjunto com **pensassem**.

Ainda com o verbo **pensassem**, do "corpus", conservando-se a mesma locução verbal com o verbo **querer**, também seria compatível com a idéia do período a flexão desse verbo modal no imperfeito do subjuntivo:

(122) ... não **pensassem** que ela **quisesse** roubar a pomada.

O conjunto **pensassem/quisesse** não repugna à língua

portuguesa. Admitimos, com SAID ALI³⁶, uma possível equivalência entre o imperfeito do subjuntivo e o futuro do pretérito em alguns contextos que passaremos a examinar em seguida. Adiante-se que esse fenômeno de equivalência e conseqüente permuta não se prende tão somente a motivos semânticos, já que ambos indicariam "atos de realização futura", mas também a motivos sintáticos.

Para ilustrar essa posição examinarei frases a partir de um modelo básico, em que o verbo da oração principal seja um verbo que condicione o subjuntivo.

A esses verbos, acompanhados de oração objetiva direta, serão somados dois outros tipos de condicionadores que normalmente provocam o uso do subjuntivo na oração subordinada. São eles:

- 1) a negação
- 2) a interrogação

Examinemos alguns verbos que exprimem:

A - pedido (pedir, solicitar, rogar, suplicar):

(123) Paulo pede que ele venha.

(124) Paulo pediu que ele viesse.

(125) Paulo não pediu que ele viesse.

(126) *Paulo não pediu que ele viria.

³⁶Cf. SAID ALI, M. Gramática Histórica da Língua Portuguesa, op. cit.: p.328.

(127) Paulo pediu que ela viesse?

(128)* Paulo pediu que ela viria?

B - desejo (esperar, desejar, querer):

(129) Paulo espera que ele venha.

(130) Paulo esperava que ele viesse.

(131) Paulo não esperava que ele viesse.

(132)* Paulo não esperava que ele viria.

(133) Paulo esperou que ele viesse?

(134)* Paulo esperou que ele viria?

C - temor (temer, recear):

(135) Paulo teme que ele venha.

(136) Paulo temia que ele viesse.

(137) Paulo não temia que ele viesse.

(138) *Paulo não temia que ele viria.

(139) Paulo temia que ele viesse?

(140) *Paulo temia que ele viria?

D - dúvida (duvidar):

(141) Paulo duvida que ele venha.

(142) Paulo duvidou que ele viesse.

(143) Paulo não duvidou que ele viesse.

(144) *Paulo não duvidou que ele viria.

(145) Paulo duvidou que ele viesse?

(146) *Paulo duvidou que ele viria?

E - sentimento (alegrar-se, adorar, lamentar):

(147) Paulo alegra-se que ele venha.

(148) Paulo alegrou-se que ele viesse.

(149) Paulo não se alegrou que ele viesse.

(150)* Paulo não se alegrou que ele viria.

(151) Paulo se alegrou que ele viesse?

(152)* Paulo se alegrou que ele viria?

Todos esses verbos, que, estando no presente do indicativo, condicionam o presente do subjuntivo na oração subordinada, quando se acham no passado, condicionam normalmente o imperfeito do subjuntivo. Mas é curioso observar que, nas formas negativa e interrogativa, não admitem a permuta entre o imperfeito do subjuntivo e o futuro do pretérito. Lembre-se que se trata de verbos de pedido, desejo, temor, dúvida, sentimento.

Examinemos, agora, estruturas análogas, porém com verbos de opinião:

Achar

(153) Paulo acha que ele vem.

(154) Paulo achou que ele viesse.

(155) Paulo não achou que ele viesse.

(156) Paulo não achou que ele viria.

(157) Paulo **achou** que ele viesse?

(158) Paulo **achou** que ele viria?

Pensar

(159) Paulo **pensa** que ele vem.

(160) Paulo **pensou** que ele viesse.

(161) Paulo **não pensou** que ele viesse.

(162) Paulo **não pensou** que ele viria.

(163) Paulo **pensou** que ele viesse?

(164) Paulo **pensou** que ele viria?

Esses verbos de opinião, diferentemente dos da série anterior, condicionam, estando no presente, um presente do indicativo na oração subordinada. Quando estão no passado, condicionam normalmente, também, um imperfeito do subjuntivo. Mas, diferentemente da série anterior, nas formas negativa e interrogativa admitem a permuta entre o imperfeito do subjuntivo e o futuro do pretérito.

Todos esses fatos têm uma relação evidente com o uso do subjuntivo ou do indicativo na frase-modelo (a do presente). São, porém, particularmente da língua, ainda não suficientemente explicadas. Para um maior aprofundamento e solução de questões como essa, seriam necessárias pesquisas específicas que focalizassem somente um ambiente lingüístico adequado ao caso. Poderíamos ter, assim, solução para esse e para outros fenômenos que envolvem o modo subjuntivo.

3.3.1.4. "accadere"

(171C) "Spesso accade che le autorità rendano la vita difficile a chi esprime dissenso," (C:37)

(171T) "Frequentemente acontece que as autoridades tornam difícil a vida de quem expressa dissensão,"

Esquema do uso verificado:

ITALIANO	PORTUGUÊS
"accadere" + SUBJ.(pres.)	— acontecer + IND.(pres.)

As estruturas sintáticas das orações subjetivas em italiano e em português parecem ser bem semelhantes. De fato, tanto em italiano quanto em português, elas podem ocorrer nos seguintes casos. Com:

1º) um verbo na voz passiva sintética:

(172) it.: "Si dice che Carlo si è diviso dalla moglie."

(173) port.: Diz-se que Carlos se separou da esposa.

(174) it.: "Si racconta che um lupo (si) mangiava le pecore la sera."

(175) port.: Conta-se que um lobo comia as ovelhas à noite.

2º) verbo ser + substantivo ou adjetivo:

(176) it.: "È vero che lui è guarito."

(177) port.: É verdade que ele sarou.

(178) it.: "È possibile che lui sia guarito."

(179) port.: É possível que ele tenha sarado.

30) alguns verbos como:

"sembrare"/parecer; "convenire"/convir; "accadere"/acontecer,
etc.:

(180) it.: "Mi sembrava che tu telefonassi da casa."

(181) port.: Me parecia que você telefonava de casa.

Como se pode deduzir dos exemplos acima, não será o tipo de estrutura que virá determinar o uso ou não do subjuntivo, pois nas estruturas acima, vemos que tanto esse modo quanto o indicativo podem fazer parte da oração subordinada.

O conteúdo semântico parece decidir algumas vezes sobre a incidência do subjuntivo, já que, em certas estruturas, o falante tem poder de escolha entre um ou outro modo verbal, conforme tenha menor ou maior certeza do fato que narra, menor ou maior convicção do que afirma. Assim, pode-se ter:

(182) "Si dice che Carlo si è diviso dalla moglie."

(183) "Si dice che Carlo si sia diviso dalla moglie."

(184) "Si racconta che un lupo (si)mangiava le pecore la sera."

(185) "Si racconta che un lupo (si)mangiasse le pecore la sera."

Mas a opção desaparece quando se trata de verdade ou certeza

(só indicativo) ou quando se trata de possibilidade ou conveniência (só subjuntivo):

(186) "É vero che lui è guarito."

(187) *"È vero che lui sia guarito."

(188) "Non è vero che lui è guarito."

(189) *"Non è vero che lui sia guarito."

(190) "È possibile che lui sia guarito."

(191) *"È possibile che lui è guarito."

(192) "Conviene che tu esca subito."

(193) *"Conviene che tu esci subito."

Se estivesse somente nas mãos do falante decidir quando usar ora um modo, ora outro, segundo a sua maior ou menor certeza ou convicção, não teríamos frases agramaticais, inaceitáveis para os usuários da língua como as dos exemplos acima.

É provável que o aparecimento ou não do subjuntivo nas orações subordinadas substantivas subjetivas, tanto em italiano como em português, seja um fato de "regência modal", se é que podemos usar esse termo.

Em português, por exemplo, se tomarmos o exemplo da tradução (171T) e substituirmos o advérbio "freqüentemente" por um advérbio de negação, a frase só será bem entendida por um falante do português com o modo subjuntivo na oração

subordinada:

(194) *Nunca acontece que as autoridades tornem difícil a vida de quem expressa dissensão.*

Entretanto, ao mesmo falante do português pareceria agramatical e inaceitável o uso do indicativo na oração subordinada:

(195) **Nunca acontece que as autoridades tornam difícil a vida de quem expressa dissensão.*

Esses fatos parecem comprovar a "regência modal" de certas palavras.

3.3.1.5. "credere"

(196C) "Molte persone credono che taluni fatti siano causa di fortuna o, al contrario, di sfortuna." (C:109)

(196T) "Muitas pessoas crêem que tais fatos e objetos são causa de sorte ou, ao contrário, de azar."

Esquema do caso:

ITALIANO		PORTUGUÊS
"credere" + SUBJ.(pres.)	—	crer + IND.(pres.)

Em italiano, os verbos que exprimem opinião, juízo pessoal ou dúvida, geralmente condicionam o uso do subjuntivo.

Vejamos este exemplo:

(197) "Penso che lui arrivi ancora oggi."

O verbo "pensare" do exemplo acima poderia ser substituído por quaisquer outros do mesmo campo semântico como: credere, stimare, ritenere, giudicare, dubitare, supporre, sospettare, avere il dubbio. Se o sentido de dúvida desaparece, o modo a ser usado é o indicativo:

(198) "Sono sicuro che lui arriva ancora oggi."

A forma verbal essere sicuro, que condiciona o uso do indicativo no exemplo acima, também pode ser substituída por outras de igual valor semântico tais como essere certo, avere la convinzione:

(199) "Sono certo che lui arriva ancora oggi."

(200) "Ho la convinzione che lui arriva ancora oggi."

A negação da certeza leva o verbo da oração ao modo subjuntivo:

(201) "Non sono certo che lui arrivi ancora oggi."

(202) "Non ho la convinzione che lui arrivi ancora oggi."

Em português, o verbo crer é usado como condicionador do indicativo, enquanto que acreditar, de sentido equivalente, condiciona o uso do subjuntivo:

(203) Creio que Paulo é o melhor aluno da classe.

(204) Acredito que Paulo seja o melhor aluno da classe.

A negação da crença conduz ao uso do subjuntivo, em ambos os casos, isto é, quando o verbo é **crer** ou **acreditar**:

(205) **Não creio** que Paulo seja o melhor aluno da classe.

(206) **Não acredito** que Paulo seja o melhor aluno da classe.

3.3.1.6. "sembrare"

(207C) "Sembrò che lo Stato fosse indifferente ai problemi più gravi:" (C:151)

(207T) **Pareceu** que o Estado era indiferente aos problemas mais graves:"

(208C) "**Sembra** che il regime sia sul punto di crollare." (C:163)

(208T) "**Parece** que o regime está a ponto de cair."

(209C) "Ecco la cima. A vederla da lontano **sembra** che ci inviti." (C:200)

(209T) "Eis o cume. Vendo-o de longe, **parece** que nos chama."

(210C) "Ti **sembra** che ogni intero sia stato diviso in parti uguali?" (C:75)

(210T) "**Parece-te** que cada inteiro tenha sido dividido (ou foi dividido) em partes iguais?"

(211C) "[La Santa Alleanza] **sembrava** un patto di fratellanza universale, che **avesse** lo scopo di difendere la pace e l'amore per la religione..." (C:132)

(211T) "[A Santa Aliança] parecia um pacto de aliança universal, que tivesse/tinha o objetivo de defender a paz e o amor pela religião..."

Esquema dos usos verificados:

ITALIANO		PORTUGUÊS
1) sembrare + SUBJ.(imperf.)	—	parecer + IND.(imperf.)
2) sembrare + SUBJ.(pres.)	—	parecer + IND.(pres.)
3) sembrare + SUBJ.(pass.) + forma interrogativa	—	parecer + (forma interrogativa)+SUBJ./IND.(pass.)
4) sembrare + SN predic. + SUBJ.(imperf.)	—	parecer + SN predic. + SUBJ/IND.(imperf.)

Creio que os exemplos de (207C) a (211T) em que "sembrare"/parecer são acompanhados de orações subjetivas, nos remetem a quanto foi dito sobre os verbos "accadere"/acontecer em (171C) e (171T), pois pertencem ao mesmo grupo sintático.

Convém apenas atentar para a concordância dos tempos que exprimem contemporaneidade em (207C), (208C), (209C) e (211C), assim como em (207T), (208T), (209T) e (211T); e anterioridade em (210C) e (210T). Aliás, neste último, convém observar também que a presença da estrutura interrogativa provocou a opção entre subjuntivo e indicativo, assim como provocaria o uso do subjuntivo se a oração fosse negativa (tal como com acontecer):

(212) Não me parece que cada inteiro tenha sido dividido em partes iguais.

(213) *Não me parece que cada inteiro foi dividido em partes iguais.

Quanto à oração adjetiva do exemplo (211C)/(211T), ao uso único do subjuntivo em italiano, corresponde, em português, uma opção entre subjuntivo e indicativo. Em ambos os casos a concordância temporal é de rigor. O grau de modalidade, porém, tanto em (210T) quanto em (211T), com o uso do subjuntivo é baixo, não conduzindo, portanto, o falante, à opção entre um ou outro modo por uma questão de valores semânticos relevantes, razão por que não figuram estes exemplos no grupo dos condicionadores subjetivos.

3.3.1.7. "paventare"

(214C) "Io pavento il giorno in cui i mezzi per minacciare il cuore dell' Impero britannico dovessero passare nelle mani degli attuali dirigenti della Germania..." (C:166)

(214T) "Eu temo o dia em que os meios para ameaçar o coração do Império Britânico viessem a passar às mãos dos atuais dirigentes da Alemanha..."

Esquema do uso:

ITALIANO	PORTUGUÊS
"paventare" + SUBJ. (imperf. de dovere + inf.	temer + SUBJ.(imperf.) de vir a + inf.

O verbo "paventare", normalmente, é um verbo de uso intransitivo: "Non paventare!"; "É un animale che non paventa" (= si spaventa). Seu uso transitivo é considerado raro³⁷, como no exemplo do "corpus": "Io pavento il giorno..."

Como o verbo "paventare" da oração principal se encontra no presente do indicativo, o verbo da oração subordinada, estando num tempo pretérito, deveria indicar anterioridade de ação desta em relação àquela, como em "Non so se egli scherzasse o dicesse sul serio".³⁸ Essa anterioridade pode estar aliada às idéias de continuidade de ação ou da expressão de um estado: "Credo che gli piacesse visitare l'Italia", "Penso che Paolo fosse malato".³⁹

Porém, no texto que comentamos, a idéia expressa pelo verbo da oração subordinada não é de anterioridade, mas de futuramente suposta. Trata-se de uma fala de Churchill ao Parlamento Britânico temendo dias futuros sob o domínio de Hitler.

³⁷PALAZZI, F., op. cit., verbete "paventare".

³⁸KATERINOV, K. op. cit. Corso Superiore: p.77/8.

³⁹Anotações sobre as aulas ministradas pelo professor Claudio Bura da "Università per Stranieri di Perugia" na Fundação Torino de Belo Horizonte, em fevereiro de 1992.

Observando com maior atenção o ambiente lingüístico em que tais verbos se encontram inseridos, podemos notar que o verbo flexionado no pretérito imperfeito do subjuntivo é um verbo modal seguido do verbo principal no infinitivo.

Observemos alguns enunciados em que figura ora somente o verbo principal flexionado, ora a locução com a flexão de um verbo modal:

- (215) "Credo che lui scherzasse."
- (216) "Credo che lui dovesse scherzare."
- (217) "Credo che lui potesse scherzare."
- (218) "Credo che lui sapesse scherzare."
- (219) "Credo che lui volesse scherzare."
- (220) "Penso che loro venissero."
- (221) "Penso che loro dovessero venire."
- (222) "Penso che loro potessero venire."
- (223) "Penso che loro sapessero venire."
- (224) "Penso che loro volessero venire."

Em cada um desses enunciados nota-se uma mensagem diferente que deriva da carga semântica de cada verbo modal. Porém, tanto em (216) quanto em (221) em que o verbo modal é "dovere", percebe-se a idéia de suposição. A futuridade é conferida pelo tempo verbal. Portanto, vemos a importância do significado do semantema aliado ao tempo nessa seqüência verbal. É essa associação que confere ao enunciado a plenitude da mensagem textual.

Os enunciados que comentamos na página anterior

propostos por KATERINOV e por BURA trazem as noções de:

- 1^o) anterioridade de ação
- 2^o) continuidade de ação
- 3^o) estado,

mas não as de futuridade e de suposição, que me parecem estar presentes em (214C) e conseqüentemente em (214T).

A futuridade da ação da oração subordinada com um verbo que exige o modo subjuntivo e se encontra no presente, só seria possível com:

- o futuro do indicativo:

(225) "Credo che Carlo verrà."

- o presente do subjuntivo:

(226) "Credo che Carlo venga."

- o presente do "condicional":

(227) "Credo che Carlo verrebbe."

A idéia de futuridade suposta foi alcançada no italiano com o uso do imperfeito do subjuntivo juntamente com a carga semântica do verbo modal "dovere".

Essa mesma idéia foi obtida no português com *vir a* no imperfeito do subjuntivo seguido do infinitivo. O auxiliar da locução portuguesa poderia ser o verbo "dever", mas não ofereceria contraste na tradução, impedindo esse caso de figurar no presente estudo.

3.3.2. ADVÉRBIOS

3.3.2.1. talvez

- (228C) "Quem sabe, no fundo, [as carrocinhas e os burros] talvez fizessem parte da propaganda de sua "frota" de transportes." (A:14)
- (228T) In fondo, forse [le carrozzine e gli asini] facevano parte della propaganda della sua "flotta" di trasporti, chissà..."
- (229C) "— Foi bom [você] me lembrar, estava distraído, talvez até esquecesse." (A:19)
- (229T) "— Hai fatto bene a ricordarmelo, ero distratto, forse me lo sarei persin dimenticato."
- (230C) "Mamãe procurou o porteiro, talvez ele pudesse dar um jeitinho..." (A:70)
- (230T) "La mamma ha cercato il portiere, forse lui avrebbe potuto trovare una soluzione..."
- (231C) "Talvez exagerassem, não sei, pois nunca tive a ventura de pisar naquelas calçadas proibidas." (A:85)
- (231T) "Esageravano forse, non lo so, poiché non ho mai avuto la fortuna di camminare per quelle vie proibite."
- (232C) "Certa ocasião, um calabrês do bairro veio consultar papai: talvez seu Gattai quisesse ter os 'Bersaglieri'

tocando em frente à sua casa na noite de Ano-Bom."
(A:87)

(232T) "Una volta, un calabrese del quartiere è venuto a consultarsi con papà: forse il Signor Gattai voleva che i Bersaglieri suonassero davanti a casa sua la notte di Capodanno."

(233C) "Pela marca de seu carro francês, talvez Monsieur lhe assentasse melhor, mas fora batizado de Mister e assim ficou: seu Mister." (A:89)

(233T) "A causa della marca della sua macchina francese, forse Monsieur gli stava meglio, ma era stato battezzato Mister e così è rimasto: Signor Mister."

(234C) "...talvez os ladrões ainda estivessem dentro da casa..." (A:134)

(234T) "...forse i ladri erano ancora dentro la casa..."

(235C) "...talvez lhe sobrasse, daquele movimento, uma boa pelanca." (A:142)

(235T) "...forse gli restava, da quel movimento, una buona pelletica."

(236C) "Talvez umas balinhas adoçassem um pouco a fera."
(A:181)

(236T) "Forse qualche caramella addolciva un po' la belva."

(237C) "Talvez seja algum pretendente à Wanda..." (A:210)

- (237T) "Forse è qualche pretendente alla mano di Wanda..."
- (238C) "...talvez fosse melhor [a moça] namorar em casa do que às escondidas." (A:210)
- (238T) "...forse era meglio che [la ragazza] facesse all'amore in casa e non di nascosto."
- (239C) "...talvez [a opinião] tivesse algum fundamento..."
(A:248)
- (239T) "...forse [l'opinione] aveva qualche fondamento..."
- (240C) "Talvez a ida ao "Municipal" viesse quebrar o gelo..."
(A:255)
- (240T) "Forse l'andata al "Municipale" poteva rompere il ghiaccio..."
- (241C) "Talvez longe da mãe o bezerrão perdesse o hábito."
(A:258)
- (241T) "Forse lontano dalla mamma il bambinone perdeva l'atitudine."
- (242C) "Forse l'uomo si è dimenticato anche qui dell'inquinamento." (C:43)
- (242T) Talvez o homem tenha se esquecido aqui também da poluição."

Esquema dos usos que ocorreram:

PORTUGUÊS		ITALIANO
talvez + SUBJ.(imperf.)	—	forse + IND.(imperf.)/ COND. (pass.)
talvez + SUBJ.(pres.)	—	forse + IND.(pres.)
talvez + SUBJ.(pass.)	—	forse + IND.(perf.)

Em português, o advérbio "talvez" é condicionador lexical do subjuntivo sempre que vier antes do verbo. Se, ao contrário, seguir o verbo, este permanecerá no indicativo:

(243) Alberto **chega/chegará** talvez às 4 horas.

(244) Talvez Alberto **chegue** às 4 horas.

O fator **posição** é relevante para o português, mas irrelevante para o italiano, como atesta o exemplo (231T).

Em italiano, pois, o advérbio "forse" será sempre condicionador de indicativo ou de condicional, nunca de subjuntivo. Porém, possui um espectro mais amplo das idéias de dúvida. Por exemplo:

(245) "Forse, forse mi ha dato una mano." (maior probabilidade)

(246) "Forse andrò al cinema stasera, molto forse." (menor probabilidade).

(247) "Forse sì e forse no vengo a trovarti." (maior incerteza).

(248) "Non so se esco stasera, sono in forse." (dúvida)⁴⁰

Como se vê, em qualquer grau de dúvida, usa-se sempre o modo indicativo quando o advérbio "forse" está presente na frase, qualquer que seja o tempo requerido. Mesmo quando essa gradação da dúvida chega ao seu ponto máximo com a substantivação do advérbio, como em (248).

3.3.2.2. "quasi"

(249C) "Qui, attorno all' edificio della Borsa, la gente si aggira interdetta e sgomenta, quasi non sappia da che parte dirigersi." (C:167)

(249T) "Aqui, em volta do edifício da Bolsa, o povo vaga perplexo e atônito, como se não soubesse para onde dirigir-se."

Esquema do caso observado:

ITALIANO	PORTUGUÊS
"quasi" + SUBJ. (pres.)	como se + SUBJ.(imperf.)

Como advérbio, "quasi" indica, mais frequentemente, aproximação:

(250) "Questa borsa costa quasi mille lire."

⁴⁰BATTAGLIA, S. & PERNICONE, V. op. cit.: p.405/6.

Pode também ser conjunção subordinativa, indicando uma comparação hipotética que se traduz por *como se* (herança latina). Neste caso, condiciona o uso do subjuntivo:

(251) "Agisce quasi sia/fosse un pazzo."

A escolha do tempo do subjuntivo em italiano depende da intenção comunicativa do falante e se submete a regras já comentadas neste trabalho.

Em português, é de regra o uso do imperfeito ou do mais-que-perfeito do subjuntivo depois de *como se*, qualquer que seja o tempo da oração principal.⁴¹

Em (249T) é fácil perceber uma estrutura de período hipotético, a partir de *como*: "...o povo vaga perplexo e atônito, *como* (vagaria) se não soubesse...". O esquema é o seguinte: conj. *como* + futuro do pretérito (subentendido) + conj. *se* + imperf. do subjuntivo.

3.4 - CONDICIONADORES SEMÂNTICOS

(252C) "Havia de aprender a ler e a escrever suas próprias cartas, *custasse o que custasse!*" (A:94)

(252T) "Doveva imparare a leggere e a scrivere la sua propria corrispondenza, *ad ogni costo!*"

⁴¹Cf. p.87 deste trabalho.

- (253C) "Não, não desejava de maneira nenhuma se indispor com a Santa. Ela que fosse perdoando..." (A:99)
- (253T) "No, non desiderava in nessun modo indisporci con la Santa. Che fosse Lei a perdonare..."
- (254C) "Iria com Vera e sua turma à festa da Igreja da Bela Vista, custasse o que custasse!" (A:183)
- (254T) "Vado ad ogni costo con Vera e il suo gruppo alla festa della chiesa della Bela Vista!"
- (255C) "...tchau! Passem bem, eu volto logo!" (A:191)
- (255T) "...ciao! Tanti auguri, torno subito!"
- (256C) "Tio Gino fizera um apelo dramático: fossem salvar sua família!" (A:195)
- (256T) "Lo Zio Gino aveva fatto un appello drammatico: che andassero a salvare la sua famiglia!"
- (257C) "L'intera attività economica è organizzata dal governo: esso stabilisce quali cose si devano produrre, con quali tempi e metodi." (C:36)
- (257T) "Toda atividade econômica é organizada pelo governo: este estabelece o que se deve produzir, em que tempo e de que maneira."
- (258C) "Nel 1940 egli [Mussolini] ebbe la certezza che Hitler fosse invincibile." (C:171)
- (258T) "Em 1940 ele [Mussolini] teve a certeza de que Hitler seria invencível."

Esquema dos usos:

PORTUGUÊS	ITALIANO
1) decisão inarredável, desejo: SUBJ.(imperf. /pres.)	idéia de desejo: locução nominal
2) ordem atenuada: SUBJ. (imperf.) + ger./INF.	ordem atenuada: SUBJ. (imperf.) + a + inf.
3) futuridade: IND.(pres.)	futuridade + SUBJ.(pres.)
4) dúvida: Ind.(fut.pret.)	dúvida: SUBJ.(imperf.)

Inúmeras vezes o subjuntivo é usado sem que haja na construção nenhum elemento físico que tenha levado o falante a usá-lo. Nesses casos, somente seu conteúdo semântico explica sua presença naquela construção.

Abundantes são os exemplos desse uso do subjuntivo nas orações tradicionalmente chamadas "independentes", que só não foram comentadas neste trabalho porque não revelaram dissimetria na tradução.

Quanto ao comentário dos casos de uso do subjuntivo por questões semânticas, os seis primeiros não creio que ofereçam matéria tal que o quadro ou os comentários feitos até agora não sejam capazes de elucidar. Somente o exemplo (258C) requer explicações, uma vez que esse uso do subjuntivo em italiano contraria as expectativas sintáticas do enunciado.

À primeira vista, poderíamos ser levados a crer que não houvesse nenhum elemento nessa frase que tivesse induzido o

falante a usar o modo subjuntivo. Pelo contrário, a expressão "ebbe la certezza" seria suficiente para ter levado o falante ao uso do indicativo. Porém, um exame mais acurado nos leva a considerar várias realidades pressupostas ou implícitas no texto que, ao contrário, podem justificar o subjuntivo. Com efeito, a partir do "dito" e do "não-dito" do texto, somos levados a crer que:

- 10) houve uma época (no caso, 1940) em que Mussolini tinha certeza de que Hitler era invencível;
- 20) no momento do texto (1981), essa época é passada, o que justifica o uso de tempos verbais no pretérito;
- 30) trata-se de um fato histórico do qual o narrador já conhece o desfecho, (isto é, ele sabe que Hitler foi vencido);
- 40) mas o enunciado foi extraído de um manual didático para crianças da 5ª série primária, que, possivelmente, não conhecem o desfecho histórico;
- 50) se Hitler tivesse ganho a guerra, o autor teria dito que "[Mussolini] ebbe la certezza che Hitler era invincibile" e não "che Hitler fosse invincibile".

Resumindo, o que o autor tinha em mente era:

- 1) sugerir ao aluno que Mussolini (em 1940) tinha certeza da vitória de Hitler; e
- 2) provocar no espírito do aluno a dúvida sobre essa vitória.

Uma vez que o tempo da oração principal deve ser um tempo gramatical passado, pois o fato pertence ao passado, o

autor usou o "passato remoto" (*ebbe*), pois tratava-se de um fato histórico sem vinculação com o presente. Mas, na oração subordinada, para provocar a idéia da dúvida, ele usou o "imperfetto congiuntivo" (*fosse*).

Em português, a mesma idéia foi obtida com o uso do futuro do pretérito ("*seria*") na subordinada. Apesar de o italiano possuir essa forma verbal ("*sarebbe*"), ela não seria possível no contexto, porque o verbo da oração principal se encontra no passado e o fato da oração subordinada é posterior a ele. Ao "condizionale presente" (futuro do pretérito) é dado indicar uma ação possível a partir do presente. E o que o autor teria que suscitar no leitor era uma dúvida com relação a um fato passado. Exatamente a idéia contida no "*fosse*" italiano, traduzido pelo "*seria*" do português.

Esse fato nos remete à língua latina, pois podemos nos lembrar de que esta não possuía o futuro do pretérito ("condizionale presente") e usava, então, o imperfeito do subjuntivo para veicular o que hoje conseguimos com a criação românica do condicional. Sabemos, por exemplo, que até em períodos hipotéticos a língua latina usava o imperfeito do subjuntivo tanto na prótase quanto na apódose: (Si stilum haberem, scriberem. = Se eu tivesse um estilete [=lápiz], escreveria).

Portanto, creio que podemos compreender a presença do imperfeito do subjuntivo no enunciado que comentamos como um latinismo morfo-semântico, ou seja, o imperfeito do subjuntivo sendo usado com valor de condicional ou futuro do pretérito.

3.5 - CONDICIONADORES SUBJETIVOS

3.5.1 - PRONOMES RELATIVOS

3.5.1.1 - que

(259C) "— Rocco Andretta, — começou, duro — enquanto eu pagar o aluguel desta casa, faço o **que quiser** e bem **entender.**" (A:16)

(259T) "— Rocco Andretta, — ha cominciato, duro — finché pago io l'affitto di questa casa, faccio ciò **che voglio** e come **voglio.**"

(260C) "Galã à cata de aventuras, Bito tentava a sorte com tudo o **que lhe passasse** pela frente: galinhas, galos, potes de plantas, tamancos, e até perseguia os inocentes pombinhos." (A:80)

(260T) "Galante, sempre alla ricerca di avventure, Bito cercava di sedurre tutto ciò **che gli passava** davanti: galline, galli, vasi di piante, zoccoli, e perseguiva perfino innocenti colombelle."

(261C) "Chiedi all'insegnante un libro **che parli** diffusamente dello Stato che vuoi conoscere." (C:48)

(261T) "Peça ao professor um livro **que fale** (ou **que fala**) amplamente do Estado que você quer conhecer."

(262C) "Non è la nostra una Costituzione immobile, **che abbia fissato** um punto fermo." (C:180)

(262T) "A nossa não é uma Constituição estática, **que tenha fixado** (ou **que fixou**) um ponto móvel."

- (263C) "In collaborazione con l'insegnante e i genitori, procura un libro di scuola che sia servito ai tuoi nonni." (C:188)
- (263T) "Com a colaboração do professor e dos pais, consiga um livro que tenha servido (ou que serviu) aos seus avós."
- (264C) "Non partecipano alle gare i ragazzi che abbiano superato il quindicesimo anno." (C:205)
- (264T) "Não participam das competições os rapazes que tenham passado (ou que passaram) dos quinze anos."
- (265C) "Formula quattro problemi che richiedano operazioni differenti (addizione e sottrazione)." (C:260)
- (265T) "Formule quatro problemas que exijam (ou que exigem) operações diferentes (adição e subtração)."
- (266C) "Ripetiamo la prova con un vassoio circolare che abbia la circonferenza di cm 52,80, il diametro di cm 20 e il raggio di cm 10." (C:291)
- (266T) "Repitamos o teste com uma bandeja circular que tenha (ou que tem) 52,80 cm de circunferência, 20 cm de diâmetro e 10 cm de raio."
- (267C) "Nella realtà, tuttavia, non esistono figure che abbiano due sole dimensioni." (C:293)
- (267T) "Na realidade, todavia, não existem figuras que tenham (ou que têm) somente duas dimensões."

(268C) "Determina il volume di un mattone che abbia le dimensioni di cm 15, cm 30, cm 6." (C:298)

(268T) "Determine o volume de um tijolo que tenha (ou que tem) as dimensões de 15, 30 e 6 cm."

Esquema dos usos observados:

PORTUGUÊS	ITALIANO
1) pron.rel. que + SUBJ.(fut.)	"che" + IND.(pres.)
2) que + SUBJ.(imperf.)	"che" + IND.(imperf.)
3) que + SUBJ./IND.(pres.)	"che" + SUBJ.(pres.)
4) que + SUBJ./IND.(imperf.)	"che" + SUBJ.(imperf.)
5) que + SUBJ./IND.(perf.)	"che" + SUBJ.(perf. comp.)

Tanto nos exemplos (259C) e (260C) quanto nas traduções do italiano para o português, de (261C) a (268C), as orações adjetivas portuguesas deram margem à opção: subjuntivo ou indicativo. É esta a razão por que, já que depende do falante a escolha, estão sendo comentadas no grupo dos CONDICIONADORES SUBJETIVOS.

Pode-se notar, com efeito, que no exemplo que inicia este grupo, seria admissível o emprego do modo indicativo:

(269) — Rocco Andretta — começou, duro — enquanto eu pagar o aluguel desta casa, faço o que quero e bem entendo.

O uso do futuro do subjuntivo conferiu à expressão a

idéia de fato provável no futuro.

Quanto ao segundo exemplo, (260C), seria admissível sintaticamente o uso do imperfeito do indicativo. O falante não o fez porque não pretendia dar ao seu enunciado o caráter de suposição, conjectura: Bito tentava a sorte com tudo aquilo que por acaso lhe passasse pela frente. O uso do indicativo confere ao enunciado o caráter de fato real: Bito tentava a sorte com tudo aquilo que lhe passava pela frente.

Já nos exemplos do italiano [de (261C) a (268C)] o sistema lingüístico não oferece essa possibilidade de escolha ao falante. As orações adjetivas terão o verbo no modo subjuntivo quando tiverem valor de orações consecutivas. Essa possibilidade de interpretação foi testada com as frases em italiano, comprovando-se a veracidade da afirmação acima. Seguem-se dois exemplos dessas, a título de ilustração:

(261C) = "Chiedi all'insegnante un libro tale che parli diffusamente dello Stato che vuoi conoscere." (valor consecutivo)

(262C) = "Non è la nostra una Costituzione immobile, tale che abbia fissato un punto fermo." (valor consecutivo)

Quanto ao português, o que há a comentar com relação às orações adjetivas é que, por vezes, dão margem a que o falante use um ou outro modo verbal, mais por questões subjetivas que por questões lingüísticas.

Não é usual no sistema lingüístico tanto do português quanto do italiano uma abertura tal que possibilite ao falante

mudar o modo verbal das frases que enuncia conforme a sua intenção comunicativa. Se ele tem uma determinada intenção deve provocar uma formulação lingüística que lhe proporcione a adequada veiculação de suas idéias. Como ficou demonstrado ao longo deste trabalho, por exemplo, o subjuntivo veicula idéias de dúvida, de possibilidade, de hipótese. Mas necessita de um certo requisito lingüístico para tal: certos verbos, conjunções, pronomes, substantivos, adjetivos ou as idéias modais do próprio subjuntivo.

Algumas orações adjetivas do português parecem não depender desse requisito, pois o mesmo ambiente lingüístico proporciona ao falante a possibilidade de uso tanto do modo subjuntivo quanto do indicativo:

(270) Procuro, para alugar, uma casa que **tenha** quintal.

(271) Procuro, para alugar, uma casa que **tem** quintal.

Conforme comentário anterior, os exemplos de orações adjetivas que o "corpus" ofereceu deram margem, na tradução, para o uso tanto de um quanto de outro modo verbal. Tal fato dependeu sempre da vontade do falante, ora por motivos semânticos: (irrealidade — realidade), ora por motivos estilísticos (informalidade — formalidade).

BECHARA, AZEVEDO e PEREIRA, em obras citadas neste trabalho, apresentam e discutem essa folga do sistema nas orações adjetivas, em exemplos que já se tornaram tradicionais no assunto.

BECHARA oferece exemplos como:

"O cidadão que ama sua pátria engrandece-a. (realidade)
O cidadão que ame sua pátria engrandece-a. (conjectura)"⁴²

AZEVEDO não aceita esse raciocínio, pondo em dúvida, por exemplo, a possibilidade de consideração de enunciados como:

- "a. A mula-sem-cabeça que come grama é mansa.
- b. A mula-sem-cabeça que coma grama é mansa".⁴³

No exemplo dado por BECHARA, nota-se a diferença entre uma e outra frase, no que concerne à existência real do primeiro cidadão e à suposição de existência do segundo.

No caso do exemplo dado por AZEVEDO, o que ocorre é que o fato proposto pelo conteúdo das frases torna o enunciado absurdo, não sendo portanto, relevante para fins de estudos, a escolha do subjuntivo ou do indicativo.

Quanto às traduções dos exemplos colhidos no "corpus" e aqui contemplados, um teste feito com vários professores de Português da UFMG demonstrou que escolheriam o subjuntivo como o modo verbal das orações adjetivas por motivos semânticos ou por motivos de registro lingüístico.

No teste feito com os professores, a maioria optou pelo subjuntivo quando o fato indicado pelo processo verbal podia sugerir uma hipótese, uma conjectura, uma possibilidade. Quando essas idéias não estavam presentes, os informantes explicaram

⁴²Cf. BECHARA, E. op. cit.: p.341.

⁴³Cf. AZEVEDO, M. op. cit.: p.30.

que optariam pelo subjuntivo quando quisessem usar um registro mais formal, e pelo indicativo quando quisessem um registro menos formal. Para se chegar a uma solução satisfatória para os fatos em questão seria necessário um estudo que se dedicasse somente às orações adjetivas, onde se contemplariam fatos de escolha entre um e outro modo verbal num número estatisticamente significativo de frases.

3.5.1.2 - quem

(272C) "— Nesse sonho, dona Angelina, a águia podia até ser alguma namorada em quem Remo quisesse dar o fora."
(A:64)

(272T) "— In questo sogno, dona Angelina, l'aquila poteva addirittura essere qualche ragazza che Remo voleva lasciare."

Esquema do uso verificado:

PORTUGUÊS		ITALIANO
quem + SUBJ.(imperf.)	——	"che" + IND.(imperf.)

Abundantes são os exemplos na língua portuguesa de "quem" tanto seguido de subjuntivo quanto de indicativo. O próprio exemplo do "corpus" poderia ter sido construído com o indicativo, que não se tornaria agramatical:

(273) — Nesse sonho, dona Angelina, a águia podia ser até alguma namorada em quem Remo queria dar o fora.

O falante optou pelo subjuntivo, uma vez que sua intenção foi a de dar idéia de incerteza, de suposição, modalidades próprias desse modo verbal. Tanto que se poderia facilmente subentender o advérbio "talvez":

(274) — Nesse sonho, dona Angelina, a águia podia até ser alguma namorada em quem [talvez] Remo quisesse dar o fora.

A idéia de suposição foi preparada no período pela locução verbal "podia ... ser", uma vez que esta, apesar de flexionada no modo indicativo, vem carregada da idéia de possibilidade.

A opção do falante resulta na flexão do verbo "querer" no modo subjuntivo — modalidade plena da idéia de dúvida, de possibilidade, de suposição, talvez até de desconhecimento do falante a respeito do fato comentado (o falante não sabe se Remo tem uma namorada, nem tampouco se quer dar-lhe o fora).

Quanto à tradução italiana, conforme os estudos citados na nota, não se empregaria o modo subjuntivo na oração adjetiva, uma vez que esta não possui os valores de oração final, consecutiva ou condicional que justificariam seu emprego.⁴⁴

⁴⁴Cf. BATTAGLIA, S. & PERNICONE, V. op. cit.: p.543 e DARDANO, M. e TRIFONE, P. op. cit.: p.427.

O esquema inicial, se considerada a possibilidade de opção do português, se transformaria no seguinte:

PORTUGUÊS	ITALIANO
quem + SUBJ./IND.(imperf.)	—— "che" + IND.(imperf.)

3.5.1.3 - "il quale"

(275C) "Lo straniero, al quale sia impedito nel suo paese l'effettivo esercizio delle libertà democratiche garantite dalla Costituzione italiana, ha diritto d'asilo nel territorio della Repubblica, secondo le condizioni stabilite dalla legge." (C:182)

(275T) O estrangeiro, a quem for vedado em seu país o efetivo exercício das liberdades democráticas garantidas pela Constituição italiana, terá direito de asilo no território da República, segundo as condições estabelecidas pela lei."

Esquema do caso observado:

ITALIANO	PORTUGUÊS
"il quale" + SUBJ. (pres - passiva)	—— (a) quem + SUBJ. (fut - passiva)

No período em italiano temos uma construção complexa com uma oração principal na voz ativa e três subordinadas adjetivas na voz passiva, uma na sua forma integral e duas na sua forma reduzida, dependentes de um SN diferente, em cada caso.

Do ponto de vista semântico, o período contém quatro afirmações que, na voz ativa, corresponderiam a:

- 1) Lo straniero ha diritto d'asilo nel territorio della Repubblica, secondo alcune condizioni;
- 2) È possibile che si abbia impedito allo straniero, nel suo paese, l'effettivo esercizio delle libertà democratiche;
- 3) In questo caso la Costituzione Italiana gli garantisce questo esercizio;
- 4) La legge stabilisce quelle condizioni (del diritto d'asilo).

A primeira oração, principal, encontra-se de forma integral no exemplo e se acha partida por um encaixe de orações subordinadas. A quarta, se restabelecidos todos os elementos, prende-se à primeira através do pronome relativo "che", subentendido, juntamente com o auxiliar da passiva "sono". Trata-se de uma oração na voz passiva na sua forma reduzida de participio: "[che sono] stabilite dalla legge". A segunda e a terceira orações, esta subordinada àquela, formam um bloco encaixado na principal. A segunda subordina-se à principal, através do pronome relativo al quale, que tem como antecedente "lo straniero". A terceira, de estrutura análoga à da quarta, é uma participial reduzida, de forma passiva. Subordina-se à

segunda pelo pronome relativo **che**, subentendido juntamente com o auxiliar da passiva "sono": "[che sono] garantite dalla Costituzione italiana".

Voltemos à segunda oração, onde se acha o subjuntivo "al quale (= allo straniero) sia impedito...". O período poderia ter sido escrito com o modo indicativo:

(276) "Lo straniero, al quale è impedito nel suo paese l'effettivo esercizio delle libertà democratiche garantite dalla Costituzione italiana, ha diritto d'asilo nel territorio della Repubblica, secondo le condizioni stabilite dalla legge."

Com o indicativo, afirma-se que o estrangeiro em busca de asilo foi privado das suas liberdades democráticas. Com o subjuntivo, em vez de afirmação, temos uma conjectura, uma hipótese, uma possibilidade.

Creio, portanto, que só se pode atribuir o uso do subjuntivo, nesse exemplo, ao propósito do falante de conferir ao seu discurso modalidades subjuntivas. Seria, pois, pertinente a mudança do esquema inicial para este outro, em que o modo é opcional:

ITALIANO		PORTUGUÊS
"il quale" + SUBJ/IND. (pres.passiva)	———	(a) quem + SUBJ.(fut. - passiva)

Em português, a substituição de "al quale" por "a quem" decorre do fato de o pronome relativo referir-se a uma pessoa. Quanto ao uso do futuro do subjuntivo, a opção se justifica pelo traço temporal de futuridade encontrado no original.

3.5.2 - PRONOME RELATIVO, FORMA SINTÉTICA

3.5.2.1 - quantos

(277C) "Wanda não precisava mais se preocupar, podiam vir ao seu casamento **quantos** distintos **quisessem**. (A:257)

(277T) "Wanda non doveva più preoccuparsi, potevano venire al suo matrimonio **quanti** distinti [signori] lo volevano."

Esquema do uso verificado:

PORTUGUÊS	ITALIANO
quantos + SUBJ.(imperf.)	— "quanti" + IND.(imperf.)

A oração subjetiva do final do período "quantos distintos quisessem" encerra algumas particularidades que devem ser consideradas para compreendermos o aparecimento do modo subjuntivo.

O pronome relativo quanto(s) reúne em si, as funções de indefinido e de relativo, o que se pode ver, pelo restabelecimento das formas subentendidas:

- (278) Podiam vir ao seu casamento **tantos** distintos **quantos** **quisessem**.
- (279) Podiam vir ao seu casamento **todos** os distintos **que** **quisessem**.
- (280) Podiam vir ao seu casamento **quaisquer** distintos **que** **quisessem**.

Muitas observações se poderiam fazer em relação aos pronomes dessas frases:

- a) na segunda e na terceira construções, **quantos** é substituível por **que**, mas não o é na primeira, quando o antecedente é **tantos**;
- b) os antecedentes de **que** podem ser: **todos os** e **quaisquer**;
- c) em qualquer dos casos, os pronomes indefinidos antecedentes podem ter emprego substantivo ou adjetivo;
- d) nos casos até aqui examinados, temos pronomes indefinidos no plural, com valor de totalizadores;
- e) já no singular, a forma correspondente seria **tudo** valendo como um totalizador neutro, não aplicável, portanto, a pessoas:

Podiam trazer **tudo quanto (=que) quisessem**.

O mais importante, porém, no caso deste trabalho, diz respeito ao modo verbal. Observe-se que, em todas as opções comentadas, o modo foi o subjuntivo, no tempo imperfeito, em concordância com o tempo do indicativo da oração principal. Se,

entretanto, este fosse o presente do indicativo, o verbo da subordinada estaria no futuro do subjuntivo: Podem vir ao seu casamento quantos distintos quiserem.

O que aconteceu no exemplo do "corpus" foi o acúmulo das funções de indefinido e de relativo no pronome "quantos", pois houve o desaparecimento do pronome indefinido da construção plena "...podiam vir ao seu casamento tantos distintos **quantos** quisessem." Caracteriza-se, assim, uma construção sintética: "...podiam vir ao seu casamento **quantos** distintos **quisessem**."

Esse acúmulo de funções do pronome relativo "quantos" parece não ser possível com o pronome relativo das outras construções, **que**. Se o fosse, todas as construções plenas se resumiriam numa única com a supressão do pronome indefinido:

(281)* Podiam vir ao seu casamento **que** distintos **quisessem**.

Ou seja: não cabe ao pronome relativo **que** o acúmulo de funções de pronome relativo e de pronome indefinido, como ocorre com o pronome sintético **quantos**.

Quanto à tradução italiana, depende do falante o usar o subjuntivo ou o indicativo, pois, parece-me, ambos são admissíveis sintaticamente. Também na língua italiana o pronome **quanto** acumula duas funções, a de pronome demonstrativo e a de pronome relativo:

(282) "...potevano venire al suo matrimonio **quanti** distinti volevano/volessero.

O esquema inicial pode, pois, ser alterado, tomando esta forma:

PORTUGUÊS	ITALIANO
quantos + SUBJ.	"quanti" + IND./SUBJ.

3.5.3 - VERBO

3.5.3.1 - "dire"

(283C) "Si può dire che, da allora, la specie umana non abbia subito grandi trasformazioni." (C:4)

(283T) "Pode-se dizer que, desde então, a espécie humana não sofreu grandes transformações."

Esquema do uso observado:

ITALIANO	PORTUGUÊS
"potersi dire" + SUBJ. (perf. comp.)	poder-se dizer + IND. (perf.)

O verbo "dire", usado na forma impessoal, como nesse exemplo do "corpus", pode condicionar o aparecimento do subjuntivo na oração subordinada. Esse uso, porém, não é de rigor na gramática italiana; depende da intenção do falante ao se expressar.

Vejamos outros exemplos:

(284) "Si dice che in città c'è molta corruzione."

(285) "Si dice che in città ci sia molta corruzione."

O exemplo com o indicativo é o resultado da certeza do falante diante do fato. Já com o uso do subjuntivo notamos a sua dúvida diante do mesmo.

Esse fenômeno, porém, parece ser possível apenas com um determinado grupo de verbos, pois o verbo "dire" dos exemplos (284) e (285) pode ser substituído por outros que indicam opinião:

(286) "Si racconta che in città c'è molta corruzione."

(287) "Si racconta che in città ci sia molta corruzione."

(288) "Si mormora che in città c'è molta corruzione."

(289) "Si mormora che in città ci sia molta corruzione."

Mas a mesma estrutura não serviria a um verbo de outra natureza semântica:

(290) "Si vede che in città c'è molta corruzione."

(291)* "Si vede che in città ci sia molta corruzione."

Esses fatos parecem evidenciar que a natureza semântica do verbo da oração principal é relevante no condicionamento do uso ou do não-uso do subjuntivo.

No exemplo do "corpus" poderia ter sido usado o indicativo também, se fossem outras as intenções do falante:

(292) "Si può dire che, da allora, la specie umana non ha

subito grandi trasformazioni."

Enquanto o italiano, no campo semântico do "dizer", admite orações subordinadas subjetivas com subjuntivo ou com indicativo, o português não oferece opção: pede sempre o uso do indicativo neste tipo de estrutura:

(293) Diz-se que na cidade há muita corrupção.

(294) Conta-se que na cidade há muita corrupção.

(295) Murmura-se que na cidade há muita corrupção.

(296) Vê-se que na cidade há muita corrupção.

Seriam, portanto, agramaticais as frases com o subjuntivo:

(297)* Diz-se que na cidade haja muita corrupção.

(298)* Conta-se que na cidade haja muita corrupção.

(297)* Murmura-se que na cidade haja muita corrupção.

(297)* Vê-se que na cidade haja muita corrupção.

Diante dessas observações de fatos análogos, o esquema inicial poderia transformar-se no seguinte:

ITALIANO	PORTUGUÊS
"potersi dire" + SUBJ/IND.	— poder-se dizer + IND.

3.5.4 - CONJUNÇÃO

3.5.4.1 - "come"

(301C) "Notate **come** i contorni dell'America, a meno di un secolo dal primo viaggio di Colombo, siano dià delineati con una certa esatezza." (C:100)

(301T) "Notem **como** os contornos da América, a menos de um século depois da primeira viagem de Colombo, já estão delineados com uma certa exatidão."

Esquema do uso verificado:

ITALIANO		PORTUGUÊS
"come (= in qual modo)" + SUBJ.(pres.)	————	como (=de que maneira) + IND.(pres.)

Normalmente, as orações subordinadas objetivas diretas em italiano são introduzidas pela conjunção "che". O exemplo (301C), portanto, é pouco comum, uma vez que contém a conjunção **come** encabeçando uma oração desse tipo.⁴⁵

A conjunção "come" pode assumir diversos valores, entre os quais o de "in qual modo", como em (301C), onde se percebe o sincretismo entre as funções integrante e circunstancial.

De fato, nesse exemplo, é possível a substituição de "come" por "in qual modo":

⁴⁵Cf. DARDANO, M. e TRIFONE, P. op. cit.: p.416.

(302) "Notate in qual modo i contorni dell'America ... siano già delineati con una certa esatezza."

Nesses casos, o verbo, de preferência, será flexionado no modo subjuntivo, sendo possível também o indicativo:

(303) "Notate come i contorni dell'America ... sono già delineati con una certa esatezza."

Vejamos agora o problema da conjunção como do português. Ela é classificada pelas gramáticas como pertencente à sub-classe das comparativas (Ele é tão bom como o irmão) ou das conformativas (Fiz tudo como você mandou). No nosso texto, porém, a oração iniciada por essa conjunção se classifica como objetiva direta, uma vez que ela completa o sentido do verbo transitivo *notar* da oração principal. A conjunção como acumularia, aí, as funções integrante e circunstancial. Toda essa discussão, porém, deixa de ser desenvolvida, porquanto o meu objetivo é o contraste entre o italiano e o português no uso do subjuntivo e não na análise das orações.

Voltemos, pois, ao uso do subjuntivo em (301C). Ele me parece motivado por uma posição subjetiva do falante: a sua admiração diante do fato de, já no século XVI, os limites da América se apresentarem quase como hoje. Não fosse essa admiração seria possível, como observamos linhas atrás, o uso do indicativo.

O uso do subjuntivo é, portanto, opcional em função de fatores subjetivos, o que me leva a alterar o esquema inicial

para este outro:

ITALIANO	PORTUGUÊS
"come" (= "in qual modo") + SUBJ./IND.	—— como (=de que maneira) + IND.

3.5.5 - EXPRESSÕES IMPESSOAIS

3.5.5.1 - não faz mal que

(304C) "Você atira o sabão pra cima, não faz mal que não caia no telhado; a santa entende." (A:97)

(304T) "Getta in alto il sapone, non fa niente se non cade sul tetto; la santa capisce."

Esquema do uso que ocorreu:

PORTUGUÊS	ITALIANO
não faz mal que + SUBJ.	—— "non fa niente se" + IND.

Em português, há expressões impessoais com as quais se diz da necessidade ou da conveniência de se fazer alguma coisa. Essas expressões impessoais condicionam o uso do modo subjuntivo na oração subordinada. São exemplos: **é necessário que, é bom que, importa que, cumpre que, basta que.** Parece-me que a expressão do exemplo do "corpus" pertence a esse grupo.

Em italiano, a conjunção se condicionou o indicativo. Caso se optasse pela conjunção "che", o condicionamento seria a favor do subjuntivo: "... non fa niente **che** non **cada** sul tetto; la santa capisce." A primeira opção, com **se**, me parece mais usual — razão por que a preferi.

3.6 - CONDICIONADORES SINTÁTICOS (apenas no italiano)

3.6.1 - Orações Comparativas de Superioridade

(305C) "In realtà, egli si era accorto che la unione di molti Stati al Piemonte avrebbe formato una nazione **più forte di quanto facesse comodo** alla Francia." (C:147)

(305T) "Na realidade, ele havia percebido que a união de muitos Estados ao Piemonte teria formado uma nação **mais forte do que seria conveniente** para a França."

Esquema do caso observado:

ITALIANO		PORTUGUÊS
"più ... di quanto" + SUBJ. (imperf.)	————	mais ... do que + IND. (fut. pret.)

Em italiano, as orações comparativas, tanto as de superioridade quanto as de inferioridade podem ter o verbo no modo subjuntivo, no "condicional" ou, ainda, no indicativo.

O subjuntivo é usado pelos seus valores semânticos

tradicionais de conjectura, dúvida, possibilidade, amplamente exemplificados neste trabalho.

O "condicional" é usado quando se quer dar idéia de hipótese na oração subordinada:

(306) "Si adirò più di quanto sarebbe stato necessario."

O indicativo, outrora de uso disseminado na língua, hoje encontra-se restrito ao registro menos formal, expressando um fenômeno de ordem inversa ao do uso geral na língua; isto é, o subjuntivo toma para si um campo que já pertenceu exclusivamente ao indicativo.⁴⁶ A preferência dada ao indicativo pelo registro informal não lhe tira os valores de certeza e realidade, próprios desse modo verbal:

(307) "Il pranzo al ristorante è stato meno caro di quello che era stato previsto."

Em português, o modo verbal usado nas orações comparativas é sempre o indicativo:

(308) A dor foi mais forte do que eu pensava.

(309)* A dor foi mais forte do que eu pensasse.

(310) A comédia foi menos divertida do que tinha sido previsto.

(311)* A comédia foi menos divertida do que tivesse sido previsto.

⁴⁶Cf. SERIANI, Luca. *Grammatica italiana - Italiano Comune e Lingua Letteraria*. Utet-Libreria, Torino, 1989, p.616.

3.6.2 - Orações que completam o sentido do grau superlativo relativo

(312C) "Il piú colossale crollo che la finanza mondiale abbia mai subito, travolge con sé milioni di cittadini e migliaia di aziende in ogni Paese." (C:167)

(312T) "A queda mais colossal que as finanças mundiais jamais sofreram arrasta consigo milhões de cidadãos e milhares de organizações em cada País."

Esquema do uso documentado:

ITALIANO	PORTUGUÊS
"il piú (adj.)(subst.) che" + SUBJ. (perf.)	—— a (subst.) mais (adj.) que + IND.(perf.)

A exemplo das orações comparativas, as orações adjetivas que completam o sentido do grau superlativo relativo em italiano podem ter o verbo no modo subjuntivo (é o uso mais comum) ou, como as primeiras, também no indicativo.⁴⁷ Pode-se ter, então:

(313) "Questo è il quadro piú bello che io abbia/ho mai visto."

(314) "Sono i racconti meno interessanti che si siano/si sono finora scritti."

Em português, tem-se sempre o indicativo. Pelo menos, parecem estranhos, se não agramaticais, os seguintes enunciados

⁴⁷Cf. KATERINOV, K. op. cit. curso medio, p.97.

em que aparece o grau superlativo relativo seguido do subjuntivo:

(315) Aquela é a **torre mais bela** que alguém já **construiu**.

(316) *Aquela é a **torre mais bela** que alguém já **tenha construído**.

(317) Esta é a **empregada mais fiel** que **podíamos conseguir**.

(318) *Esta é a **empregada mais fiel** que **podéssemos conseguir**.

3.6.3 - INVERSÃO

(319C) "Da un discorso di W. Churchill al Parlamento britannico: 'La Germania sta armandosi rapidamente e nessuno pensa a fermarla... Non conosco i particolari; ma **che questo popolo grandemente dotato, con le sue scienze, la sua` industria si trovi in grado di sviluppare con grande rapidità la più potente forza aerea a scopo offensivo e difensivo, è un fatto a tutti ben noto.**" (C:166)

(319T) "De um discurso de W.Churchill ao Parlamento Britânico: 'A Alemanha está se armando rapidamente e ninguém pensa em detê-la... não conheço os detalhes, mas **que este povo tão bem dotado, com as suas ciências, a sua indústria, se encontra em condições de desenvolver com grande rapidez a mais potente força aérea com objetivo ofensivo e defensivo, é um fato conhecido por todos.**'"

Esquema do uso observado:

ITALIANO	PORTUGUÊS
or. subjet. com SUBJ. + S. Pred.	or. subjet. com IND. + S. Pred.

Tanto em português quanto em italiano, os períodos em que há uma oração subjetiva apresentam a seguinte ordem normal: V + Pred. + Or. Subjet.

Vejamos esses exemplos:

(320) É sabido por todos que o Sertão da Farinha Podre foi **anexado** a Minas Gerais.

(321) "È noto a tutti che il 'Sertão da Farinha Podre' è stato **annessato** a Minas Gerais."

Como se vê, em ambas as línguas a oração subjetiva apresentou o verbo no indicativo. Não é, pois, o fato de o período conter uma oração subjetiva que condiciona o uso do subjuntivo em (319C). Como esse ponto já foi comentado páginas atrás, deixo de discuti-lo nestes exemplos.⁴⁸

Tomando a estrutura V + Pred. + Or. subjet., como uma ordem normal, pode-se considerar como inversão a ordem que se encontra em (319C) e (319T): Or. subjet. + V + Pred.

Apliquemos essa inversão aos meus exemplos:

(322) Que o Sertão da Farinha Podre foi **anexado** a Minas Gerais

⁴⁸Vejam-se os comentários das páginas 165/7.

(333) "Che il 'Sertão da Farinha Podre' sia stato annessato a Minas Gerais è noto a tutti."

Confirmou-se o esquema do quadro, isto é, a inversão provoca o aparecimento do subjuntivo em italiano. Creio ser esse um problema de estilística da língua.

4 - CONCLUSÃO

Ao finalizar este trabalho, onde procurei estudar, através de um "corpus", o uso do modo subjuntivo na língua portuguesa e analisá-lo contrastivamente com o seu uso em italiano, creio ser pertinente resumir, à maneira de conclusão, o que tive ocasião de observar.

O traço que mais caracteriza o modo subjuntivo é que esse modo é subordinado a determinados fatores aos quais foi conveniente chamar CONDICIONADORES.

Estes CONDICIONADORES podem ser lingüísticos, como os CONDICIONADORES MORFO-SINTÁTICOS, os LEXICAIS e os SEMÂNTICOS nas duas línguas, assim como os SINTÁTICOS, na língua italiana. Também podem ser extra-lingüísticos, isto é, SUBJETIVOS, já que dependem de opção do sujeito falante.

Em todos esses campos podem se observar os diversos valores do subjuntivo. De fato, parece-me que o subjuntivo não é jamais vazio de significado. Seus valores podem exprimir tanto uma simples conjectura quanto um forte grau de probabilidade:

Talvez chova hoje à tarde.

É possível que esse caso pare na polícia.

Há uma grande chance de que ele seja julgado e afastado do poder.

Em muitos casos, o uso do modo subjuntivo é obrigatório lingüisticamente, pelo menos no registro formal, pelo qual se optou neste trabalho. É considerado, então, um fato de regência:

Não creio que esse Ministro seja do contra.

Pensávamos que tudo se resolvesse facilmente.

Tomara que chova três dias sem parar.

Se bem que todos estejam a favor da greve, não acho que seja o momento adequado.

Não disse aquilo para que ela se ofendesse.

Ângela acredita que eu tenha boas intenções.

Caso você não possa vir, avise-me com antecedência.

Em muitos outros casos, o subjuntivo, de uso também obrigatório, não se manifesta como um caso de "regência modal", mas como expressão dos valores iminentes de seus próprios sufixos modo-temporais. Ou seja, os valores semânticos do subjuntivo são condicionados e justificados por ele mesmo:

Não lhe dei nenhuma explicação. ele que entendesse os meus motivos.

Vá com Deus, meu filho!

Em outros casos, o subjuntivo é de uso opcional, submetendo-se às intenções comunicativas do falante. É o caso permitido pelos pronomes relativos:

Em minha casa faço o que quiser/quero.

Compre um cachorrinho que não tenha/tem pelos longos.

Deu a informação a quantos quisessem/queriam.

O contraste entre as línguas portuguesa e a italiana no que toca ao uso desse modo fez-se sentir tanto no campo verbal

— de subjuntivo para indicativo e vice-versa:

Parece que o menino se ofendeu.

"Pare che il bambino si sia offeso."

Talvez agora seja tarde demais.

"Forse ora è troppo tardi."

quanto no campo nominal — de subjuntivo para locuções não-verbais:

Vou sair hoje à noite, custe o que custar.

"Uscirò stasera, ad ogni costo."

O contraste atingiu seu ponto culminante quando se verificou, na língua italiana, a existência de CONDICIONADORES SINTÁTICOS do subjuntivo (graus comparativo e superlativo relativo e inversão oracional):

"Quella nazione era più democratica di quanto si potesse supporre."

"Che sia bello vivere ancora dopo il morire, è una frase conosciuta da tutti."

Fatos como esse são de todo ausentes na língua portuguesa, como se verificou pelo "corpus" e se confirmou pela experiência lingüística de falantes nativos.

Para o tratamento do "corpus", procurei observar cuidadosamente os estudos teóricos a que pude ter acesso.

Tive intenção, ainda, antes de generalizar, de observar e analisar exaustivamente o comportamento do modo subjuntivo no

"corpus", em cada caso particular onde se manifestou. Apesar disso, porém, o trabalho não pode ser considerado uma descrição completa dos usos desse modo, nem em português nem em italiano.

Primeiro, muitos outros casos de dissimetria existentes entre as duas línguas, no que diz respeito ao assunto, podem não se ter manifestado, no âmbito restrito do "corpus", como é normal nesse tipo de pesquisa.

Depois, muitos outros poderiam ter sido discutidos de forma mais profunda. Limitei-me, porém, ao que julguei suficiente para explicar o contraste, sem correr o risco de me perder em discussões laterais. Deixo, no entanto, caminhos abertos a quem queira por eles se aventurar.

Dar-me-ei por plenamente recompensada, se este trabalho puder contribuir de alguma forma, com uma parcela, ainda que modesta, para estudos posteriores sobre as línguas portuguesa e italiana.

5 - BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

1. ADORNI et alii. CODICE '80. III edizione, Torino, Marietti Editori, 1981.
2. ALMEIDA, Napoleão Mendes de. Gramática Metódica da Língua Portuguesa. São Paulo, Ed. Saraiva, 1967.
3. AZEVEDO, Milton M. O Subjuntivo em Português: um estudo transformacional. Petrópolis, Vozes, 1976.
4. BÁRBARA, Leila. Sintaxe Transformacional do Modo Verbal. Ensaio 11. São Paulo, Ática, 1975.
5. BATTAGLIA, S. & PERNICONE, V. La Gramatica Italiana. Seconda edizione. Torino, Loescher Editore, 1971.
6. BECHARA, Evanildo. Estudos sobre os Meios de Expressão do Pensamento Concessivo em Português. Rio de Janeiro, 1954.
7. _____. Lições de Português pela Análise Sintática, 8ª ed., Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura, S.A., 1967.
8. _____. Moderna Gramática Portuguesa. 5ª edição, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1969.
9. BENVENISTE, Émile. O homem na Linguagem. Lisboa, Vega, s/d.
10. BOHN, H e VANDRESSEN, P. (org.) Tópicos de Lingüística Aplicada. O ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis, Editora da UFSC, 1988.
11. BORREGO, Jr. et alii. El Subjuntivo - valores y usos. 2ª edición, Madrid, Nueva Imprensa, S.A. 1987.
12. BRANDÃO, Cláudio. Sintaxe Clássica Portuguesa. Belo Horizonte, Imprensa da Universidade de MG. 1963.
13. CÂMARA Jr. Joaquim Mattoso. "Sobre o Futuro Romance", In Revista Brasileira de Filologia, vol. III, tomo II, Rio de Janeiro, Liv. Acadêmica, Dez., 1957.
14. _____. Estrutura da Língua Portuguesa. 16ª ed., Petrópolis, Vozes, 1986.
15. _____. História e Estrutura da Língua Portuguesa. 4ª ed., Rio de Janeiro, Padrão Livraria Editora, 1985.
16. _____. Princípios de Lingüística Geral. 6ª ed., Rio de Janeiro, Padrão Livraria Editora, 1980.

17. _____. **Uma forma verbal portuguesa.** Rio de Janeiro, Liv. Acadêmica, 1956.
18. _____. **Dicionário de Filologia e Gramática referente à Língua Portuguesa,** 3ª edição revista e aumentada, J. Ozon Editor, s/d.
19. CARDOSO, Wilson e CUNHA, Celso. **Português através de textos.** 3ª ed., Belo Horizonte, Ed Bernardo Álvares, S.A., 1970.
20. CARVALHO, Elionor de Oliveira e PIRES, Maria Sueli de Oliveira. **As Relações Gramaticais no Âmbito do Período Composto por Coordenação.** (trabalho inédito a que tive acesso na UFMG).
21. CASTILHO, A.T. **Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa.** São Paulo, Marília, Composição e Impressão Tipografia Fonseca Ltda., Coleção de Teses, 1968.
22. CERRUTI, Marco et alii. **Literatura Italiana - Linhas Problemas - Autores - Tradução de Nilson Carlos Moulin Louzada, Mª Betânia Amoroso, Neide Luzia de Rezende.** São Paulo. Nova Stella, Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.
23. CERRUTI, Marco et alii. **Letteratura Italiana Lineamenti Problemi - Autori.** Firenze, Casa Editrice G. D'Anna, Nuova Edizione ampliada, 1987.
24. COMRIE, Bernard. **Aspect - An Introduction to the Study of Verbal Aspect and Related Problems - Great Britain,** Cambridge University Press, 1976.
25. COROA, Mª Luíza Monteiro Sales. **O tempo nos verbos do Português: uma introdução à sua interpretação semântica.** Brasília, Thesaurus Editora, 1985. (Tese-Mestrado)
26. COSERIU. Eugênio. **Sobre el Futuro Romance.** Incorporado a **Estudios de Lingüística Românica.** Madrid, Gredos, 1977.
27. COSTA, Sônia Bastos Borba. **O Aspecto em Português.** São Paulo, Contexto, 1990.
28. COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de Gramática Histórica.** 6ª ed. revista (4ª impressão). Rio de Janeiro, Acadêmica, 1971.
29. CRYSTAL, David. **Dicionário de Lingüística e Fonética.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988. (Ed. portuguesa).

30. CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1985.
31. DARDANO, Maurizio e TRIFONE, Pietro. *Grammatica Italiana con nozioni di linguistica*. Bologna, Zanichelli Editore, 1989.
32. DEVOTO, G. & OLI, G. C. *Dizionario della lingua italiana*. Firenze, 1971.
33. DI PIETRO, Robert J. *Estruturas Lingüísticas em Contraste. Versión Española de Felisa M. Puszkin de Siegel*. Biblioteca Románica Hispánica. Madrid, Editorial Gredos, 1986. (data da versão espanhola).
34. DIAS, Augusto Epiphanio da Silva. *Sintaxe Histórica Portuguesa*. 4ª ed., Porto, Livraria Clássica Editora, 1959.
35. ELIA, Annibale. "Pour un lexique-grammaire de la langue italienne: les complétives objet". In *Linguisticae Investigationes II*: 2. p.233-276. Amsterdam, John Benjamins B.V., 1978.
36. ELIA, Silvio. *Preparação à Lingüística Românica*. 2ª ed. rev. e aum. - Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1979.
37. FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1ª ed., 4ª impressão, Ed. Nova Fronteira, s/d.
38. GATTAI, Zélia. *Anarquistas, Graças a Deus*. 13ª ed., Rio de Janeiro, Editora Record, 1988.
39. GAYA, S. G. *Curso Superior de Sintaxis Española*. Dodeceava edición. Barcelona, Bibliograf S/A, 1978.
40. GROSS, Maurice. *Méthodes en syntaxe*. Hermann, Paris, 1975.
41. GUIMARÃES, Eduardo. *Texto e Argumentação - um estudo de conjunções do português*. Campinas, Ed. Pontes, 1987.
42. JAMES, Carl. *Contrastive Analyses*. Longman, Second Impression, Printed in Singapore by Four Strong Printing Company, 1981.
43. KATERINOV, K. *La Lingua Italiana per Stranieri*. Corso Medio, 3ª edizione, Perugia, Edizioni Guerra, 1976.
44. _____. *La Lingua Italiana per Stranieri*. Corso Superiore, 3ª ed., Perugia, Edizioni Guerra, 1975.

45. _____. **L'analisi contrastiva e l'analisi degli errori di lingua applicata all' insegnamento dell' italiano a stranieri.** (Pubblicato in *Rassegna di Linguistica Applicata* - Anno VII - n. 2-3, 1975). Perugia, Edizioni Guerra, 1980.
46. KOCH, Ingedore G. Villaça. **Argumentação e Linguagem.** 2ª ed., São Paulo, Cortez Editora, 1987.
47. KURY, Adriano da Gama. **Novas Lições de Análise Sintática.** 3ª ed., São Paulo, Ática, 1987.
48. _____. **Para Falar e Escrever Melhor o Português.** 2ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1989.
49. LEÃO, Ângela Vaz. **O Período Hipotético iniciado por SE.** Belo Horizonte, Imprensa da Univ. de Minas Gerais, 1961.
50. LEVY, Paulette Podolsky. **Las Completivas Objeto en Español.** México, El Colegio de México, 1983.
51. LUFT, Celso Pedro. **Moderna Gramática Brasileira.** 8ª ed., Rio de Janeiro, Editora Globo, 1987.
52. MARTIN, Robert. "Le Futur linguistique: temps linéaire ou temps ramifié?". *Languages*, Paris, 64: 81/92, déc. 1981.
53. MIRA, Mateus, et alii. **Gramática da Língua Portuguesa.** Coimbra, Livraria Almedina, 1983.
54. PALAZZI, F. **Novissimo Dizionario della lingua italiana,** Milano, Casa Editrice Ceschina, 1973.
55. PEREIRA, Maria Ângela Botelho. **Aspectos da Oposição Modal Indicativo/Subjuntivo no Português Contemporâneo.** (Tese de Mestrado). UFRJ, Rio de Janeiro, 1974.
56. POTTIER, Bernard, "Sur la formulation des modalités en linguistique", *Languages*, Paris, 43: 39/46, sept. 1976.
57. ROHLFS, Gerhard. **Grammatica Storica della Lingua Italiana e dei suoi dialetti.** Sintassi e Formazione delle parole. Torino, Giulio Einaudi Editore, 1969.
58. _____. **Grammatica Storica della Lingua Italiana e dei suoi dialetti.** Morfologia. Torino, Giulio Einaudi Editore, 1968.
59. SAID ALI, Manuel. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa.** São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1964.
60. SAID ALI, Manuel. **Gramática Secundária da Língua Portuguesa.** São Paulo, Edições Melhoramentos, 1964.

61. SERIANI, Luca. **Grammatica Italiana - Italiano Comune e Lingua Letteraria**. Torino, Utet-Libreria, 1989.
62. SPINELLI, V. e CASASANTA, M. **Dizionario Completo Italiano-Portoghese (Brasiliano) e Portoghese (Brasiliano) - Italiano**. Milano, Editore Ulrico Hoepli, Ristampa, 1988.
63. TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **O Aspecto Verbal no Português: a categoria e sua expressão**. Ed. Rev. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, 1985.

SOMMARIO

Con questo lavoro, l'autrice si prefigge, innanzitutto, studiare l'uso scritto del modo congiuntivo nella lingua portoghese e, in secondo piano, effettuare un'analisi contrastiva con la lingua italiana. Ci si è serviti, a tale scopo, di un corpus bilingue costituito da tutte le frasi in cui viene utilizzato il modo congiuntivo, tratte dal romanzo *Anarquistas, Graças a Deus*, di Zélia Gattai, e dal manuale per la quinta serie della scuola elementare italiana Codice '80, composto da testi di vari autori sulle differenti discipline del programma. Il corpus si è completato con le traduzioni delle frasi scelte, fatte dall'autrice del lavoro e riviste con parlanti delle due lingue.

Per l'analisi, il corpus iniziale è stato poi ridotto, ritenendo soltanto quelle frasi che presentavano dissimmetria nelle due lingue, per quanto concerne l'uso del modo congiuntivo.

Il criterio utilizzato per l'analisi è stato quello di rilevare i "condizionatori" per l'uso del congiuntivo che l'autrice ha classificato in linguistici (morfosintattici, lessicali, semantici e sintattici) e extralinguistici (soggettivi).

La descrizione dei fatti linguistici ha tenuto conto dello studio teorico che concerne l'uso dei tempi e degli aspetti del modo congiuntivo in ognuna delle due lingue.

RESUMÉ

Avec ce travail, l'auteur se propose, avant tout, d'étudier l'emploi écrit du mode subjonctif en portugais et, secondairement, d'en faire une analyse contrastive avec l'usage de ce mode en italien. Pour ce faire, l'auteur s'est servi d'un "corpus" bilingue, constitué de toutes les phrases où le mode subjonctif est utilisé, retirées du roman *Anarquistas, Graças a Deus*, de Zélia Gattai, et du manuel destiné à la cinquième année de l'école primaire italienne, *Codice '80*, celui-ci étant composé de textes de plusieurs auteurs, portant sur les différentes disciplines du programme. Le "corpus" s'est complété avec les traductions des phrases relevées, faites par l'auteur du travail et revisées par des locuteurs des deux langues concernées.

En vue de l'analyse, le "corpus" initial a été réduit par la suite, ne prenant en compte que les phrases qui présentaient une dissymétrie dans les deux langues, par rapport à l'usage de mode subjonctif.

Le critère utilisé pour l'analyse a été celui de relever les "conditionneurs" du subjonctif, que l'auteur a classés en linguistiques (morpho-syntaxiques, lexicaux, sémantiques et syntaxiques) et extra-linguistiques (subjectifs).

La description des faites linguistiques s'est appuyée sur une étude théorique préalable de l'usage des temps et des aspects du mode subjonctif dans chacune des deux langues.